

O MOVIMENTO DOS FOCOLARES

Estas páginas reúnem os textos publicados no site [focolare.org](http://www.focolare.org) antes da sua reformulação em novembro de 2018. Trata-se de uma coletânea de artigos, divididos por assuntos e inseridos no site, a maioria em 2011, quando a página do site do Movimento dos Focolares foi atualizada anteriormente. São notícias e textos de aprofundamento que podem ser úteis a quem queira conhecer melhor as diversas realidades que compõem o Movimento.

www.focolare.org | info@focolare.org | Todos os direitos reservados

SUMÁRIO

“QUE TODOS SEJAM UM”, (GV 17, 21)

O Projeto Mundo Unido

Chiara Lubich: Eu tenho um sonho

CHIARA LUBICH E OS CO-FUNDADORES

Chiara Lubich, a fundadora

Quem é Chiara

Chiara e os primórdios do Movimento dos Focolares

Igino Giordani (1894-1980)

Notas biográficas

Igino Giordani político

Igino Giordani jornalista

Pasquale Foresi, primeiro focolarino sacerdote, Cofundador do Movimento dos Focolares (1929 - 2015)

Notas biográficas

ORIGENS e HISTÓRIA

Os primeiros anos

Os confins da terra

Mais do que irmãos

Portas abertas

O diálogo, um instrumento de unidade

Anos de incerteza

O Movimento, Papa Paulo VI e o Concílio Vaticano II

Concílio Vaticano II: expansão ecumênica

Chiara Lubich e o amor na Igreja

Paulo VI e Chiara Lubich. Dois carismas que se encontram

Paulo VI, o Papa do Concílio

Maria Voce sobre o Concílio Vaticano II

O Movimento hoje: alguns números

ORGANIZAÇÃO

Centro da Obra e Conselho geral

Articulação

Focolarinos. Uma vida pela unidade

Voluntários

Famílias Novas

Gen

Gens

Sacerdotes

Bispos

Religiosos

Movimento Juvenil pela Unidade

Jovens por um Mundo Unido

Humanidade Nova

Movimento Paroquial

Movimento Diocesano

Movimento Sacerdotal

Movimento dos religiosos e das religiosas

Mariápolis permanentes

RECONHECIMENTOS

Os Focolares na Igreja. A aprovação da Santa Sé

*Reconhecimentos do mundo da cultura
e da sociedade civil*

ESPIRITUALIDADE DA UNIDADE

INSTRUMENTOS DE UNIDADE

Oração

Espiritualidade e oração

Diálogo

Igreja Católica

Igrejas cristãs

Grandes religiões

Religiões tradicionais

Pessoas de convicções não religiosas

POR UMA CULTURA DA UNIDADE

Estudo e formação

Escola Abba

Instituto Universitário Sophia

Renovação de conhecimentos

Cultura

Economia

Política. MPPU – Movimento Político pela Unidade

Ecologia. EcoOne – Rede internacional de agentes no campo ambiental e naturalístico

Direito

Pedagogia. EDU – Educação Unidade

Sociologia

Esporte

Medicina. Rede Internacional HDC – Health Dialogue Culture

Arte e espetáculo

Mídia

Arquitetura

Psicologia

ENGAJAMENTO SOCIAL

ACTIVIDADE EDITORIAL

Revistas e editoras

“QUE TODOS SEJAM UM”, (GV 17, 21)

Um texto de Chiara Lubich dos anos 60, decididamente contracorrente, dirigido aos jovens do Movimento dos Focolares. Um grande desafio e o segredo para viver por um mundo mais unido e fraterno.

É uma palavra maravilhosa. Creio que não se poderá pensar em palavras tão grandiosas e esplêndidas como essas. Fazem-nos sonhar com um mundo diferente daquele que nos circunda, dão asas à fantasia, na imaginação daquilo que poderia ser a sociedade se estas maravilhosas palavras fossem colocadas em prática.

Imaginemos... um mundo onde todos se amam, onde todos têm os mesmos sentimentos; onde os cárceres já não existem e a polícia não tem sentido; onde as notícias de crimes – então fora de moda – dão lugar a notícias de fatos impregnados de divino, profundamente humanos. Um mundo onde também se canta, se brinca, se joga, se estuda, se trabalha, mas tudo em harmonia, onde cada um pensa e age para agradar a Deus e aos outros.

É um mundo, creio, que veremos só no Paraíso...

No entanto, Jesus disse aquelas palavras para nós, quando viveu aqui na terra. [...]

Abri o Evangelho e encontrei outra frase, que me pareceu ter uma estranha afinidade com aquela, como se existisse entre ela e o lema uma ligação secreta. Diz: «E quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim» (cf. Jo 12,32). [...]

«Quando eu for levantado da terra...». Quer dizer que Jesus não fez de todos uma coisa só com as suas esplêndidas palavras ou com os seus extraordinários milagres...

Foi a cruz o seu segredo. Foi a dor o meio que resolveu o problema de tornar-nos filhos de Deus e, portanto, todos um entre nós.

Será então a dor o caminho, a chave, o segredo da unidade de todos? O segredo da transformação de um mundo monótono, e muitas vezes mau, num mundo alegre, brilhante de amor, paraíso antecipado?

Sim, é isso mesmo.

Pelo pouco que sabemos a esse respeito, os santos – os verdadeiros inteligentes – deram todos um grande valor à dor, à cruz. E foram eles que arrastaram atrás de si as multidões se muitas vezes caracterizaram a época em que viviam, influenciando positivamente também os séculos futuros.

«Há um lugar vazio na cruz!», disse-me um sacerdote, quando eu era pequena; virando um crucifixo que tinha sobre a mesa e mostrando-me o outro lado. «Este lugar – continuou – deves ocupá-lo tu».

Muito bem! Se é assim, estamos prontos!

Para quê esperar? Além do mais, as dores, pequenas ou grandes, bem ou mal aceitas, existem sempre na vida...

Mas nós não somos oportunistas! Somos cristãos.

Jesus está na cruz? Eu também quero estar.

Aceitarei todas as pequenas cruces da minha vida com alegria. Sim, com alegria, mesmo que uma ou outra lágrima tiver que correr. Mas no fundo do coração direi a Ele, que sempre me escuta: «Estou contente, porque sofrendo contigo, te ajudo a atrair todos a Ti e se aproximará o dia em que se cumprirá o teu imenso desejo: «Que todos sejam um».

Chiara Lubich

De “Colóquios com os gen”. Anos 1966-1969, Cidade Nova, Braga (Portugal) 1975, pág. 28 – 30

O Projeto Mundo Unido

"Com as previsões mais rosadas, em 7 de dezembro de 1943, eu não poderia ter pensado no que vejo hoje", confidenciou Chiara Lubich aos seus pais, recordando os primeiros trinta anos do seu sim a Deus, data que é considerada o início do Movimento dos Focolares. Ela casou com Deus e isto foi tudo por ela. Assim como não pensava em fundar um movimento ou uma associação, Chiara certamente não imaginava dar vida a um projeto que se abrisse da cidade para as nações e se aproximasse de um mundo unido.

Mas ela mesma disse: "Eu estava num ponto alto da cidade e, contemplando o seu panorama, senti um forte desejo em meu coração: ver Trento todo iluminado de amor, de amor verdadeiro, daquilo que liga irmão a irmão, daquilo que o carisma da unidade poderia ter realizado. E esta ideia deu plenitude ao meu coração".

É numa cidade, Trento, que o ideal de unidade tomou forma, e é nas cidades, nos bairros, nas aldeias, que as comunidades do Movimento devem operar. No entanto, entre outras coisas, ela advertiu Chiara no seu coração quando escreveu: "Esta é a grande atração dos tempos modernos: penetrar na contemplação mais elevada e permanecer misturado entre todos, o homem ao lado do homem. Gostaria de dizer mais: perder-se na multidão, informá-los do divino, como um chicote de pão embebido em vinho. Gostaria de dizer mais: participar dos projetos de Deus para a humanidade, marcar a multidão com bordados de luz e, ao mesmo tempo, partilhar com o próximo a vergonha, a fome, os espancamentos e as breves alegrias.

Um projeto global, a fraternidade universal, que passa pela dimensão local. Não é coincidência que ao longo dos anos, sob o impulso da fundadora, tenham nascido verdadeiras

"operações urbanas", a partir precisamente da queima de Trento, Roma amor, Praga d'oro, Fontem regale. E o mesmo aconteceu em Londres, Washington, Gênova, onde em diferentes momentos Chiara indicou quase uma "vocaçãõ" típica daquela cidade, um modo diferente e específico para que os membros do Movimento declinar o chamado à unidade.

"Se numa cidade se ateava fogo em vários lugares - escreveu - mesmo um modesto focherello, mas que resistisse a todos os choques, em pouco tempo a cidade permaneceria queimada. Um fogo sobrenatural, "o triunfo de Deus" nas almas "unidas entre si" que "são uma força divina no mundo". Uma possibilidade ao alcance de todos: "Em cada cidade, estas almas podem surgir nas famílias: pai e mãe, filho e pai, nora e sogra; podem ser encontradas nas paróquias, nas associações, nas sociedades humanas, nas escolas, nos escritórios, em qualquer lugar. Eles não precisam ser já santos, porque Jesus o teria dito". Mas, "uma cidade não é suficiente", escreveria mais tarde: "Ele é quem fez as estrelas, quem guia os destinos dos séculos. Concorde com ele e aponte para mais longe: para a tua pátria, para a pátria de todos, para o mundo. E que cada respiração tua seja para isto, para isto cada gesto teu, para isto teu descanso e tua viagem".

Na Mariápolis de 1959, na presença de participantes dos cinco continentes, Clara expressou-se da seguinte maneira: "Se um dia o povo souber se adiar, a idéia que tem do seu país, dos seus reinos, e oferecê-los como incenso ao Senhor, rei de um reino que não é deste mundo, guia da história, (...) aquele dia será o início de uma nova era".

Para o advento desta nova hora da humanidade no caminho da fraternidade, Chiara Lubich e o seu Movimento continuam a trabalhar. Um "sonho" confiado pela própria Chiara aos seus pais por ocasião de uma viagem a Fontem em

maio de 2000 foi significativo. Os presentes recordam a emoção, como aconteceu em raros momentos, da fundadora do Movimento dos Focolares, ao exprimi-la: "Qual é o meu último desejo agora e por agora? Desejo que a Obra de Maria, no final dos tempos, quando for compacta, esteja à espera de aparecer diante de Jesus abandonado ressuscitado, possa repetir-lhe, fazendo suas as palavras que sempre me comovem do teólogo belga Jacques Leclercq: "...o teu dia, meu Deus, eu irei ao teu encontro... Eu irei ao teu encontro, meu Deus (...) e com o meu sonho mais louco: trazer o mundo nos teus braços". "Pai, que todos sejam um!"

Chiara Lubich: Eu tenho um sonho

«Observando o que o Espírito Santo fez conosco e com muitas outras obras espirituais e sociais que hoje são ativas na Igreja, é impossível não esperar que Ele continue agindo com a mesma generosidade e magnanimidade.

E isso não só pensando em novas obras que nascerão do Seu amor, mas no desenvolvimento daquelas já existentes, como a nossa.

Para a nossa Igreja, sonho com um clima mais condizente com o seu ser Esposa de Cristo; uma Igreja que se apresente ao mundo mais bonita, mais unida, mais santa, mais carismática, mais familiar, mais íntima, mais configurada a Cristo seu Esposo. Sonho que ela seja um farol para a humanidade e que todo o povo de Deus se santifique num modo jamais visto.

Sonho que o despertar – que hoje se constata – na consciência de milhões de pessoas de uma fraternidade vivida, cada vez mais ampla na terra, torne-se amanhã, no decorrer do terceiro milênio, uma realidade geral, universal.

Por isso, sonho com o desaparecimento das guerras, das lutas, da fome, dos mil males do mundo.

Sonho com um diálogo de amor entre as Igrejas cada vez mais intenso, que nos faça avistar a composição da única Igreja.

Sonho com o aprofundamento do diálogo vivo e ativo entre pessoas das mais diferentes religiões, ligadas entre si pelo amor, “regra de ouro” presente em todos os livros sagrados.

Sonho com a aproximação e o enriquecimento recíproco das várias culturas no mundo, a fim de que deem origem a uma cultura mundial que coloque em primeiro plano os valores que sempre foram a verdadeira riqueza de cada povo e que esses valores se imponham como sabedoria global.

Sonho que o Espírito Santo continue a inundar as Igrejas e a potencializar as “sementes do Verbo”, que existem fora delas, de modo que o mundo seja invadido por contínuas novidades de luz, de vida, de obras que só Ele sabe suscitar. A fim de que um número cada vez maior de homens e mulheres se encaminhe por retos caminhos, conflua para o seu Criador, coloque o próprio espírito e coração a Seu serviço.

Sonho com relacionamentos evangélicos não só interpessoais, mas entre grupos, Movimentos, Associações religiosas e leigas, entre povos, entre países, de maneira que se torne lógico amar a pátria alheia como a própria e lógico tender a uma comunhão de bens universal: pelo menos como ponto de chegada.

[..] Sonho já com uma antecipação de céus novos e da terra nova, como é possível aqui. Sonho alto, mas temos um milênio para vê-lo realizar-se».

Chiara Lubich

CHIARA LUBICH E OS CO-FUNDADORES

Chiara Lubich, a fundadora

Quem é Chiara

No dia 7 de dezembro de 1943, Silvia Lubich, jovem professora, jamais teria imaginado que, alguns decênios mais tarde, quatro Papas teriam pronunciado palavras muito comprometedoras sobre a sua pessoa e sobre a sua família espiritual. Não tinha nenhuma ideia do que teria visto e vivido em seus 88 anos de vida. Não podia calcular os milhões de pessoas que a seguiriam. Não imaginava que com os seus amigos chegaria a 182 nações. Teria podido pensar que iria inaugurar uma nova era de comunhão na Igreja e que teria aberto canais de diálogo ecumênico nunca antes percorridos? E muito menos podia imaginar que na sua família teria acolhido fieis de outras religiões, pessoas sem uma referência religiosa. Aliás, não tinha nem mesmo a ideia que teria fundado um movimento.

Naquele dia 7 de dezembro de 1943 Chiara Lubich tinha apenas os sentimentos de uma jovem e bela mulher enamorada pelo seu Deus, com o qual firmava um pacto de núpcias, timbrado com três cravos vermelhos. Isso lhe bastava. Poderia imaginar a coroa de gente de todas as idades, posições e raças, que a teria acompanhado em suas viagens, chamando-a simplesmente “Chiara”? Na sua pequena Trento, poderia supor que suas intuições místicas teriam descerrado uma cultura da unidade, adequada à sociedade multiétnica, multirracial e multirreligiosa? Chiara Lubich precedeu os tempos. Mulher, leiga, ela propôs na Igreja temas e aberturas que mais tarde seriam retomadas pelo Concílio Vaticano II. Quando ninguém falava de aproximação entre civilizações, ela soube indicar, na sociedade internacionalizada, o caminho da

fraternidade universal. Respeitou a vida e buscou o sentido do sofrimento. Traçou um caminho de santidade, religiosa e civil, praticável por qualquer pessoa, não reservada a poucos eleitos.

Em 1977, no Congresso Eucarístico de Pescara, na Itália, ela disse: «A caneta não sabe o que deverá escrever, o pincel não sabe o que deverá pintar e o cinzel não sabe o que deverá esculpir. Quando Deus toma em suas mãos uma criatura, para fazer surgir uma obra Sua na Igreja, a pessoa escolhida não sabe o que deverá fazer. É um instrumento. Creio que este é o meu caso». E continuou: «Fecundidade e difusão desproporcionais a qualquer força ou capacidade humana, cruces, cruces, mas também frutos, frutos, frutos abundantes. E os instrumentos de Deus tem, em geral, uma característica: a pequenez, a fragilidade... Enquanto o instrumento move-se nas mãos de Deus, Ele o forma, com muitos e muitos expedientes, dolorosos e jucundos. E assim o torna cada vez mais apto ao trabalho que deve realizar. Até que, tendo conquistado um profundo conhecimento de si, e uma certa intuição de Deus, pode dizer com competência: eu sou nada, Deus é tudo. Quando a aventura iniciou, em Trento, eu não tinha um programa, não sabia nada. A ideia do Movimento estava em Deus, o projeto no Céu».

Chiara e os primórdios do Movimento dos Focolares

Silvia – este era o nome de batismo de Chiara – nasceu em Trento dia 22 de janeiro de 1920, segunda de quatro filhos. Seu pai, Luigi Lubich, comerciante de vinhos, ex-tipógrafo, antifascista e socialista, antes foi colega de Benito socialista, e depois irreduzível adversário político de Mussolini fascista. Sua mãe, Luigia, possuía uma fé sólida e tradicional. O irmão mais velho, Gino, depois de concluir os estudos de medicina participou da aventura da resistência, nas célebres Brigadas

Garibaldi, para depois dedicar-se ao jornalismo, no jornal “A Unidade”.

Aos 18 anos Silvia diplomou-se como professora primária, com a nota máxima. Seu desejo era estudar e por isso tentou entrar na Universidade Católica. Não conseguiu, tendo se classificado em 34º lugar quando havia 33 vagas gratuitas disponíveis. Sim, porque a família Lubich não possuía recursos suficientes para pagar os seus estudos em outra cidade. E assim teve que trabalhar. No ano letivo 1940-1941 ensinou na Obra Seráfica de Trento.

Uma viagem, em 1939, será o ponto de partida decisivo da sua experiência humano-divina. «Fui convidada a um congresso de estudantes católicas, em Loreto – ela escreveu – onde, segundo a tradição, está conservada a casinha da Sagrada Família de Nazaré, em uma grande igreja-fortaleza... Num colégio participava do curso, com todas as outras, mas logo que podia corria para lá. Ajoelhava-me ao lado da parede enegrecida pelas lâmpadas. Algo de novo e divino me envolvia, quase me esmagava. Com o pensamento contemplava a vida virginal dos três. (...). Cada pensamento pesava sobre mim, apertava o meu coração, as lágrimas caíam sem controle. Em todos os intervalos do curso voltava correndo para lá. No último dia a igreja estava lotada de jovens. Tive um pensamento claro, que nunca mais se cancelou: uma multidão de virgens a seguirá».

Quando retornou, Chiara encontrou seus alunos e o pároco, que sempre a tinha acompanhado naqueles meses. Quando ele a viu radiante, uma moça realmente feliz, perguntou se tinha encontrado o seu caminho. A resposta de Chiara foi (para ele) aparentemente decepcionante, porque ela sabia dizer apenas quais as vocações que não eram a “sua”, ou

seja, as tradicionais: nem o convento, nem o matrimônio, nem a consagração no mundo. E nada mais.

Nos anos que seguiram, da visita a Loreto, 1939, até 1943, Silvia continuou a estudar, trabalhar e colocar-se a serviço da Igreja. Quando se tornou uma terciária franciscana assumiu o nome de Chiara (Clara, em menção a Santa Clara de Assis).

Em 1943, já com 23 anos, enquanto ia pegar o leite na localidade de Nossa Senhora Branca, a dois quilômetros de sua casa, no lugar de suas irmãs que haviam se recusado ao pedido da mãe, devido ao frio intenso, exatamente quando passava por baixo de uma ponte ferroviária, Chiara sentiu que Deus a chamava: «Doe-se completamente a mim».

Ela não perdeu tempo e, com uma carta, pediu a um sacerdote capuchinho, padre Casimiro Bonetti, a permissão para fazer um ato de total doação a Deus. Obteve a permissão após uma profunda conversa. No dia 7 de dezembro de 1943, às 6 horas da manhã, ela se consagrou. Naquele dia Chiara não tinha em seu coração nenhuma intenção de fundar alguma coisa: simplesmente desposava Deus. E isso, para ela, era tudo. Somente mais tarde atribuiu-se àquela data o início simbólico do Movimento dos Focolares.

Nos meses sucessivos várias jovens se aproximaram de Chiara e algumas quiseram seguir o seu caminho: primeiramente Natalia Dallapiccola, depois Doriana Zamboni e Giosi Guella, em seguida Graziella De Luca e as duas irmãs, Gisella e Ginetta Calliari, Bruna Tomasi, Marilen Holzhauser, Aletta Salizzoni, e outras duas irmãs, Valeria e Angelella Ronchetti. E isso tudo acontecia não obstante a estrada do focolare não possuísse absolutamente nada de definido, a não ser o “radicalismo evangélico absoluto” de Chiara.

Naqueles meses a guerra desencadeou-se em Trento também. Ruínas, destroços, mortos. Chiara e suas novas

companheiras encontravam-se nos abrigos antiaéreos, durante os bombardeios. O desejo de estar juntas era forte, de colocar em prática o Evangelho, depois daquela fulgurante intuição que as levava a colocar Deus Amor no centro de suas jovens vidas. «Cada acontecimento nos tocava profundamente – Chiara dirá mais tarde –. A lição que Deus nos dava, por meio das circunstâncias, era clara: tudo é vaidade das vaidades, tudo passa. Mas, ao mesmo tempo, Deus colocava no meu coração, para todas, uma pergunta, e com ela a resposta: “Mas existirá um ideal que não morre, que nenhuma bomba pode destruir, ao qual doar-nos inteiramente?”. Sim, Deus. Decidimos fazer Dele o ideal da nossa vida».

No mês de maio, no porão da casa de Natalia Dallapicolla, à luz de vela leram o Evangelho, como já era um hábito para elas. O abriram ao acaso e encontraram a oração de Jesus antes de morrer: “Pai que todos sejam um coisa só” (Jo 17,21). É um texto evangélico extraordinário e complexo, o testamento de Jesus, estudado por exegetas e teólogos de toda a cristandade; mas naquela época um tanto esquecido, porque misterioso demais. E não só, a palavra “unidade” tinha entrado no vocabulário dos comunistas, que, num certo sentido, exigiam o seu monopólio. «Mas aquelas palavras pareciam se iluminar, uma a uma – Chiara escreverá – e colocaram em nosso coração a convicção que tínhamos nascido para “aquela” página do Evangelho».

Poucos meses antes, em 24 de janeiro, um sacerdote havia perguntado: «Vocês sabem qual foi o maior sofrimento de Jesus?». Seguindo a mentalidade corrente entre os cristãos daquele tempo, elas responderam: «O que Ele passou no Monte das Oliveiras». Mas o sacerdote replicou: «Não, Jesus sofreu mais na cruz, quando gritou: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46)». Impressionada por

aquelas palavras, logo que ficaram sozinhas, Chiara dirigiu-se à sua companheira: «Temos uma vida só, vamos usá-la da melhor forma! Se o maior sofrimento de Jesus foi o abandono por parte do seu Pai, nós seguiremos Jesus abandonado». A partir daquele momento Ele se tornou para Chiara o Esposo, o único da vida.

A guerra não dava tréguas e grande parte das famílias das jovens se refugiou nos vales e montanhas circunvizinhos. Mas elas decidiram permanecer em Trento, algumas por motivo de trabalho, outras de estudo, e quem, como Chiara, para não abandonar as muitas pessoas que começavam a congregar-se. Chiara encontrou moradia no número dois da Praça dos Capuchinhos, na periferia de Trento, para onde ela e algumas de suas novas amigas – primeiro Natalia Dallapiccola, e depois as outras – se transferiram. Foi o primeiro focolare. Uma casa modesta, de dois cômodos, na rua arborizada aos pés da igreja dos Capuchinhos; a chamavam simplesmente, “a casinha”.

Durante aqueles meses, as jovens que moravam lá, mas também as pessoas que o frequentavam, perceberam um salto de qualidade em suas vidas. Tinham a impressão que Jesus realizava a sua promessa: «Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Não queriam mais perdê-lo, e faziam de tudo para evitar que, por culpa delas, a Sua presença desaparecesse. «Mais tarde, muito mais tarde – Chiara Lubich irá precisar – pudemos entender. Aquela era uma reprodução, em germe e sui generis, da casinha de Nazaré: uma convivência de virgens (e logo também de casados) com Jesus entre eles». Era o “focolare”, aquele lugar onde o fogo do amor aquece os corações e sacia as mentes. E Chiara explicava às suas companheiras: «Mas para tê-lo entre nós é preciso estar prontas a dar a vida umas pelas outras. Jesus está presente espiritualmente e plenamente

entre nós, se estamos unidas assim. Ele que disse: “Que sejam uma coisa só a fim de que o mundo creia” (Gv 17,21)».

Ao redor de Chiara e das jovens do focolare se multiplicaram uma série impressionante de adesões ao projeto da unidade, que se mostrava inovador, ainda que apenas esboçado. E não faltaram as mais variadas conversões. Vocações em perigo eram salvas e novas desabrochavam. Sem demora, mas se poderia dizer quase imediatamente, também rapazes e pessoas adultas uniram-se ao grupo. Recorda-se, daquele período, as concorridas e intensas reuniões de sábado à tarde, às 15 horas, na Sala Massaia. Lá Chiara contava experiências do Evangelho vivido e anunciava as primeiras descobertas daquela que, em seguida, se tornaria a “espiritualidade da unidade”. O fervor crescia de forma desmedida, tanto que já em 1945, cerca de 500 pessoas desejavam viver o mesmo ideal, e eram de todas as idades, homens e mulheres, de qualquer vocação e extração social. Entre eles tudo era colocado em comum, assim como acontecia nas primeiras comunidades cristãs..

No Evangelho leram a frase: «Dai e vos será dado» (Lc 6,38). E essas palavras se transformaram em experiência cotidiana. Davam, davam sempre, as jovens e seus amigos, continuavam a doar, e recebiam, recebiam sempre, doavam e recebiam. Havia só um ovo em casa, para todas? O deram a um pobre que bateu à porta. Naquela mesma manhã alguém deixou um saquinho na porta da casa... com ovos! Está escrito também: «Pedi e receberéis» (Mt 7,7). E em plena guerra chegavam sacos de farinha, caixas de leite, frascos de geleia, feixes de lenha, roupas. Não raramente, no focolare, com uma bonita toalha de mesa e as atenções devidas às pessoas importantes, sentavam-se à mesa uma focolarina e um pobre, uma focolarina e um pobre...

No dia da festa de Cristo Rei, de 1945, Chiara e suas companheiras encontraram-se ao redor do altar, depois da Missa. Dirigiram-se a Jesus com a simplicidade de quem entendeu o que significa ser filhos. E rezaram: «Tu sabes como realizar a unidade, o ut omnes unum sint. Estamos aqui. Se queres, usa de nós». A liturgia daquele dia as fascinara: «Pedeme e te darei todos os povos e em domínio os confins da terra (Salmo 2)». E com a sua simplicidade, totalmente evangélica, não pediram menos do que «os últimos confins da terra». Acreditavam na onipotência de Deus. O comportamento das jovens da “casinha” surpreendia quem as encontrava.

E tudo isso não podia deixar indiferente a cidade, que então contava poucas dezenas de milhares de habitantes, e nem mesmo a Igreja local. Dom Carlo De Ferrari entendeu Chiara e a sua nova aventura, e a abençoou. A sua aprovação e benção acompanharam o movimento até a sua morte. A partir daquele momento, quase inadvertidamente, foram ultrapassadas as fronteiras da região, convidadas à Milão, Roma, Sicília. E em toda parte floresciam comunidades cristãs, como aquela de Trento. O caminho levaria longe: em 1956 começou a se espalhar na Europa, em 1958 na América Latina, em 1961 na América do Norte. Em 1963 foi a vez da África, em 1966 a da Ásia e em 1967 da Austrália.

Hoje, o Movimento dos Focolares está presente em 194 países e conta com mais de 2 milhões de membros e principalmente simpatizantes católicos. Também inclui crentes de outras religiões, incluindo judeus, muçulmanos, budistas, hindus, sikhs e pessoas de crenças não religiosas.

Chiara Lubich morre em 14 de março de 2008 em Rocca di Papa, cercada por seu povo. Nos dias seguintes, milhares de pessoas, de trabalhadores simples a personalidades do mundo

político e religioso, chegam a Rocca di Papa para homenageá-lo.

O funeral acontece na Basílica de São Paulo fora dos muros, incapaz de conter a grande multidão apressada (40.000 pessoas). Em sua mensagem, Bento XVI define Chiara como "uma mulher de fé intrépida, mansa mensageira da esperança e da paz". O Secretário de Estado preside a concelebração eucarística juntamente com 9 cardeais, 40 bispos e centenas de sacerdotes.

Em 27 de janeiro de 2015, a causa da beatificação de Chiara é aberta. Suas palavras sempre ressoam: "Eu gostaria da Obra de Maria, no final dos tempos, quando, compacta, estará esperando para aparecer diante de Jesus abandonado e ressuscitado, pode repetir:" Naquele dia, meu Deus, eu voltarei a você ... com meu sonho mais louco: traga o mundo para os seus braços ". Pai, deixe todo mundo ser um!

Igino Giordani (1894-1980)

Notas biográficas

Igino Giordani é um intelectual dificilmente etiquetável. Não podemos chamá-lo de pensador político ou jornalista, ou estudioso de literatura cristã antiga, ou hagiógrafo ou histórico, com a ambição de conseguir explicar suficientemente os seus talentos. Era animado por grandes paixões e impulsionado à vida pública por uma multiplicidade de interesses. Foi dito que “para ele escrever é viver”, portanto uma leitura da figura de Giordani pode passar (quase) facilmente pela análise dos seus escritos. Podem-se contar cerca de uma centena de volumes assinados e mais de quatro mil artigos em jornais.

Igino Giordani nasceu em Tivoli (Itália), em 1894, é o primeiro de seis filhos em uma família de origem humilde, profundamente católica, que não podendo garantir seus estudos regulares, o direcionou aos trabalhos manuais. Mas o pequeno Igino chamava a atenção pela sua inteligência, e o homem rico para quem trabalhava, tocado pela sua agudeza de espírito, pagou os seus estudos no seminário, onde Igino irá estudar não para se tornar sacerdote, mas para ser um dos mais brilhantes diplomatas daquele tempo. Havia apenas terminado os estudos quando estourou a Primeira Guerra Mundial, e Igino a passou nas trincheiras. Não disparou nem mesmo um tiro contra o inimigo, porque o cristianismo proíbe o assassinato, e por essa sua escolha corajosa acabou ferido gravemente.

Passando de um hospital militar a outro diplomou-se em letras e filosofia. Em 1920 casou-se com Mya, teve quatro filhos e começou a trabalhar para o recém-nascido partido político cristão italiano, fundado por Luigi Sturzo. O regime fascista destrói as liberdades e os direitos, e também Igino é perseguido. São conhecidos alguns de seus escritos deste período, nos quais denunciava as violências fascistas. Após uma permanência nos Estados Unidos retornou à Itália e tornou-se diretor de um ramo da Biblioteca Vaticana. De lá dirigia também a revista *Fides*, muito difundida nos ambientes católicos de todo o mundo. Esteve entre aqueles que, após o fascismo, prepararam o renascimento do partido católico, a Democracia Cristão, e foi eleito para o Parlamento nas primeiras eleições depois da Segunda Guerra Mundial.

O encontro com Chiara Lubich

O ano de 1948 foi decisivo para a sua vida. Tinha 54 anos, era um homem afirmado no campo político e cultural, e

conheceu Chiara Lubich, uma jovem de 28 anos em quem ele reconheceu uma inspiração espiritual extraordinária.

O encontro com Chiara aconteceu em seu gabinete, na Câmara dos Deputados, no Palácio Montecitorio, em Roma. Giordani estava atravessando um momento particularmente difícil de sua vida, seja espiritual que política: «Estudava temas religiosos com paixão – escreveu no volume póstumo *Memórias de um cristão ingênuo* – mas até para não pensar na minha alma, cujo aspecto não me edificava. O tédio pesava sobre ela, e para não confessar esta sua paralisia, me aprisionava no estudo e me cansava na ação. Pensava que não havia nada a ser feito. De algum modo possuía todos os setores da cultura religiosa: apologética, ascética, mística, dogmática, moral... mas os possuía culturalmente. Não os vivia interiormente».

Naquele dia, diante da sua escrivania sentou-se um grupo heterogêneo, que para um homem conhecedor da vida eclesial como era Giordani, pareceu logo original, desde a sua composição: um padre conventual, um da ordem menor, um capuchinho e um terciário e uma terciária franciscana, ou seja, a própria Chiara. Um encontro que começou com cordialidade, como era habitual para o nobre parlamentar. Mas ele escreveu, mais tarde: «Vê-los unidos e concordes já me pareceu um milagre da unidade». Chiara tomou a palavra, acolhida pelo cortês ceticismo do deputado. «Tinha certeza de escutar uma sentimental propagandista de alguma utopia assistencial». Mas não foi absolutamente assim. «Naquela voz havia um timbre inusitado – comentará Giordani – o timbre de uma convicção profunda e segura, que nascia de um sentimento sobrenatural. Por isso a minha curiosidade imediatamente se acordou e um fogo começou a se alastrar. Quando ela terminou de falar, depois de meia hora, eu estava tomado por uma atmosfera

encantada: como um nimbo de luz e de felicidade. E teria desejado que aquela voz continuasse. Era a voz que, sem me dar conta, havia esperado. Ela colocava a santidade ao alcance de todos».

Igino Giordani aderiu completamente ao Movimento dos Focolares e, ao lado de Chiara, exerceu uma função importante para o desenvolvimento do Movimento e o aprofundamento espiritual da doutrina, a ponto de, mais de uma vez, ter sido designado por Chiara como cofundador. O seu relacionamento de unidade espiritual com a fundadora, de modo especial, está nas origens do intenso período místico de Chiara, conhecido como “Paraíso de 49”. Chiara percebeu com clareza o seu perfil humano, o que, para ela, traduziu-se na confirmação que o ideal da unidade era feito para todos, uma dádiva para a humanidade inteira. Igino tornou-se o primeiro focolarino casado.

Giordani pediu que Chiara colocasse por escrito o que queria dizer, o que ela fez rapidamente. Mas, pessoalmente, desejou aprofundar aquele conhecimento. Aos poucos reconheceu na experiência do focolare a atuação do profundo desejo de João Crisóstomo, que os leigos vivessem como monges, mas sem o celibato. «Dentro de mim havia cultivado muito aquele desejo, e por isso amava a instrução do franciscanismo no meio do povo e a direção espiritual de santa Catarina aos seus seguidores, e havia apoiado iniciativas que pareciam desembocar na remoção das barreiras entrepostas entre monaquismo e laicato, entre consagrados e gente comum. Barreiras atrás das quais a Igreja sofria, como Cristo no Monte das Oliveiras. Algo aconteceu em mim. Aqueles pedaços de cultura justapostos começaram a se mover e animar-se, engrenando-se para formar um corpo vivo, percorrido por um sangue generoso. O sangue do qual ardia santa Catarina? O

amor tinha penetrado em mim e investido as ideias, atraindo-as numa órbita de alegria».

E para explicitar esta “descoberta” costumava usar uma frase, que repetiu a muitas pessoas nos últimos anos da sua vida, quando após o falecimento de sua amada esposa, Mya, foi morar no focolare, em Rocca di Papa. E dizia: «Saía da biblioteca atapetada de livros para a Igreja habitada por cristãos». Foi uma vera e própria conversão, uma nova conversão que «acordando-me da estase na qual parecia emoldurado,urgia em colocar-me numa paisagem nova, ilimitada, entre céu e terra, chamando-me novamente a caminhar».

Entretanto, por algumas suas escolhas políticas corajosas propostas no Parlamento (antes de tudo o pacifismo e a unidade, não obstante as diferenças ideológicas), passou a ser considerado um democrata cristão por demais fora dos esquemas, e por isso não foi reeleito.

Foi o momento para dedicar-se mais ao Movimento dos Focolares, para intervir nas questões em debate na Igreja, propondo teses que seriam recebidas no Concílio Vaticano II (principalmente relativas à missão dos leigos). Tornou-se diretor da revista Cidade Nova (1959) e desde 1961 foi nomeado dirigente do Centro Uno, órgão do Movimento dos Focolares que se ocupa do ecumenismo. Em 1965 foi nomeado presidente do Instituto internacional Mysticis Corporis, em Loppiano. Após a morte de sua esposa, e com o consentimento dos filhos, viveu os últimos sete anos de sua vida em um focolare.

Giordani: o encontro que me fez um homem novo

Encontramos esta anotação no diário pessoal de Giordani: “17 de setembro de 1948. Hoje de manhã, no

Montecitório fui chamado por anjos: um capuchinho, um frade menor, um conventual, um terciário e uma terciária franciscana, Silvia Lubig (sic!), a qual está iniciando uma comunidade em Trento. Ela falou como uma santa inspirada pelo Espírito Santo”.

Ele mesmo conta o que aconteceu.

«Um dia fui solicitado a escutar uma apóstola – como diziam – da unidade. Foi em setembro de 1948. Exibi a cortesia do deputado a possíveis eleitores quando vieram ao Montecitório alguns religiosos, representantes das várias famílias franciscanas e uma jovem e um jovem leigo. Ver unidos e concordes um conventual, um frade menor, um capuchinho e um terciário e uma terciária de São Francisco já me pareceu um milagre da unidade: e disse isso.

A jovem falou. Eu tinha certeza de que ouviria uma propagandista sentimental de alguma utopia assistencial. E, ao invés, já nas primeiras palavras percebi algo novo. Quando, após meia hora, ela terminou de falar, eu estava preso numa atmosfera encantada: desejaria que aquela voz continuasse. Era a voz que, sem que eu percebesse, eu esperava. Ela colocava a santidade ao alcance de todos; removia os portões que separam o mundo laical da vida mística. Tornava público os tesouros de um castelo no qual somente poucos eram admitidos. Aproximava Deus: fazia com que o sentíssemos Pai, irmão, amigo, presente na humanidade.

Quis aprofundar a coisa: e pondo-me ao corrente da vida do Focolare da unidade – como se chamava – reconheci naquela experiência a atuação do desejo angustiante de São João Crisóstomo: que os leigos vivessem como os monges, com exceção do celibato. Eu tinha cultivado muito esse desejo dentro de mim.

Aconteceu que a ideia de Deus cedeu lugar ao amor de Deus, a imagem ideal ao Deus vivo. Em Chiara encontrei não alguém que falava de Deus, mas alguém que falava com Deus: filha que, no amor, conversava com o Pai.

Examinando o fato criticamente, via que não tinha descoberto nada de novo. No sistema de vida que estava se abrindo na minha alma eu reencontrava os nomes, as figuras, as doutrinas que tinha amado. Todos os meus estudos, os meus ideais, as próprias vicissitudes da minha vida me pareciam dirigidos para esta meta. Nada de novo e, no entanto, tudo novo: os elementos da minha formação cultural e espiritual vinham se posicionar segundo o desígnio de Deus. Colocavam-se no seu justo lugar.

Tudo velho e tudo novo. Tinha sido encontrada a chave do mistério, ou seja, tinha-se dado passo ao amor, demasiadas vezes entrincheirado: e ele irrompia e, como fogo, dilatando-se, crescia até se tornar incêndio.

Renascia uma santidade coletivizada, socializada (para usar dois vocábulos que mais tarde serão popularizados pelo Concílio Vaticano II); arrancada do individualismo que habituava cada um a se santificar por si, cultivando meticulosamente, com análises sem fim, a própria alma, antes que perdê-la. Uma piedade, uma vida interior, que saía dos redutos das casas religiosas, de um certo exclusivismo de classes privilegiadas, se dilatava nas praças, nas oficinas e nos escritórios, nas casas e nos campos, assim como nos conventos, pois por toda a parte, encontrando homens, se encontravam candidatos à perfeição.

E para viver esta nova vida, para nascer em Deus, eu não devia renunciar às minhas doutrinas: devia apenas colocá-las na chama da caridade, para que se vivificassem. Através do irmão, comecei a viver Deus. A existência se tornou toda uma

aventura, conscientemente vivida em união com o Criador, que é a vida. Maria resplandeceu com uma beleza nova; os santos entraram a fazer parte dos familiares; o paraíso se tornou casa comum. Esta a descoberta, esta a experiência. Ela me fez um homem novo».

Uma santidade “socializante”

“O que me pareceu, nas hagiografias, o resultado de fatigante ascese – reservado a raros candidatos – tornava-se herança comum, e compreendia-se como Jesus poderia ter convidado todos os seus seguidores a tornarem-se perfeitos à semelhança do Pai: perfeitos como Deus!

Tudo antigo e tudo novo!

Era um novo procedimento, um novo espírito. A chave do mistério fora encontrada, ou seja, dava-se lugar ao amor, muitas vezes entrincheirado, e este se prorrompia e, à semelhança de chamas, espalhando-se, aumentava até tornar-se incêndio.

Aquela ascensão a Deus, considerada inatingível, foi facilitada e aberta a todos, tendo sido reencontrado o caminho de casa para todos, com o sentido da fraternidade. Aquela ascese que parecia terrificante (cilícios, correntes, noite escura, renúncia), tornou-se fácil porque é vivida em companhia, com a ajuda dos irmãos, com o amor a Cristo.

Renascia uma santidade coletivizada, socializante (para usar dois vocábulos que mais tarde seriam popularizados pelo Concílio Vaticano II); extraída do individualismo que criara o hábito de cada um santificar-se por si, cultivando meticulosamente, com análises sem fim, a própria alma, ao invés de perdê-la. A piedade, a vida interior, que saía do espaço restrito de casas religiosas, de certo exclusivismo de classes privilegiadas – isoladas, algumas vezes a ponto de estar fora, se

não contra a sociedade, que, em si, é grande parte da Igreja viva – se dilatava nas praças, nas fábricas e nos escritórios, nas casas e nos arredores das cidades, bem como nos conventos e nos círculos da Ação católica, uma vez que, em todos os lugares, encontrando pessoas, encontravam-se candidatos à perfeição.

Em poucas palavras, a ascese tornara-se uma aventura universal do amor divino e o amor gera luz.”

“A vida é uma ocasião única a ser desfrutada. A ser desfrutada na terra para prolongá-la na eternidade. Para fazer da terra uma antecipação do céu, inserindo-a na vida de Deus aqui, bem como na eternidade. Não deformá-la com a tortura das ambições e avarezas, não torná-la horrenda com rancores e hostilidades, mas, divinizá-la – ampliá-la no seio do Eterno – com o Amor. E onde existe o amor, Deus está presente. E cada momento é aproveitado por amor, ou seja, doar Deus, e isto significa atrair Deus para si e para os outros.

E nesta vivência está a liberdade dos filhos de Deus, pela qual o espírito não é imobilizado por julgamentos. Divisões, oposições são obstáculos ao espírito de Deus.

Quem vive desta forma não pensa em santificar-se, pensa em santificar. De si mesmo se esquece, se desinteressa. Santifica-se santificando, ama-se amando, serve-se servindo.

Por essa atitude o próprio ato de santificar-se contém uma orientação social: este contínuo doar e doar-se faz da elevação das almas, um efeito comunitário.

“Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” [Mt 5,48], comandou Jesus e nós nos tornamos perfeitos na vontade do Pai, unindo-nos, para unirmo-nos a Ele, por meio de Cristo.”

Fonte: Centro Igino Giordani

Nos caminhos da mística

No focolare, Giordani realizou com a alma uma viagem mais alta, nos caminhos da mística, onde as provações espirituais, as incompreensões e as humilhações das progressivas marginalizações, os sofrimentos físicos, se atenuam diante da experiência quotidiana da presença de Cristo “entre dois ou mais” unidos no seu nome, e do mistério do amor de um Deus crucificado e abandonado. Recebe do Céu as graças de experiências extraordinárias de união com Deus e com Maria, e também as provações da “noite escura” do espírito, que o Senhor reserva a quem Ele mais ama. A sua viagem se tornou assim um vôo em Deus, que se concluiu na noite de 18 de abril de 1980. O seu corpo repousa no cemitério de Rocca di Papa (Roma). Atualmente está em andamento a sua causa de canonização.

Processo de beatificação

A abertura oficial do processo diocesano de beatificação de Igino Giordani, com o início dos trabalhos do tribunal eclesiástico, será domingo, dia 6 de junho, às 20 horas, na Catedral de São Pedro, em Frascati.

Às 19 horas, o bispo Dom Giuseppe Matarrese presidirá a Santa Missa, e logo após, Chiara Lubich fará um breve discurso.

A causa de beatificação foi promovida em dezembro de 2000, por iniciativa de Dom Pietro Garlato, na época, bispo de Tivoli, cidade natal de Igino Giordani, e por Dom Giuseppe Matarrese, bispo de Frascati, diocese onde Giordani concluiu a sua vida terrena, "para que toda a Igreja encontre nele um modelo, um testemunho do Evangelho, um leigo fiel e um modelo de comunhão". Em 2004, a causa de beatificação foi oficialmente aberta na Catedral de Frascati. Este processo, a nível diocesano, foi concluído a 27 de Setembro de 2009, antes

de passar à segunda fase na Congregação para as Causas dos Santos. Seus restos mortais, depois do início do processo de beatificação, descansam na capela do Centro dos Focolares de Rocca di Papa, ao lado dos de Chiara Lubich.

Centro Igino Giordani

Em 1985, Chiara Lubich fundou o Centro Igino Giordani, para a conservação de documentos, correspondência, volumes publicados e inéditos escritos por Igino Giordani. Hoje o Arquivo Igino Giordani contém uma centena de volumes assinados por Giordani, cerca de 4000 artigos seus e um imenso patrimônio epistolar com autoridades no campo político e eclesial do século XX.

Igino Giordani político

A coragem da coerência política

Giordani pode ser tomado como testemunha de uma cultura política que valoriza a coerência, o diálogo, a edificação da paz. Giordani era um homem profundamente livre, inclusive dos condicionamentos do poder: a sua vida nos interpela ainda hoje.

Entre os primeiros a aderir ao Partido Popular Italiano

A sua biografia política começa a partir de 1919, quando o encontramos entre os primeiros a responder ao “apelo aos livres fortes” lançado por padre Luigi Sturzo, fundador do recém-nascido Partido popular. Põe-se em evidência ao grande público através de *Revolta católica* [*Rivolta cattolica*] (1925), um livro de acesa oposição ao irrefreável sistema de poder fascista, duro com aquelas alas católicas que cediam às adulações do regime. Já neste texto, afirma a exigência de basear a convivência humana na fraternidade universal.

Através de alguns de seus livros apologéticos desafia as ideologias do seu tempo e afirma o espírito de serviço e de caridade que deve animar a política e o poder.

Santidade e política

Candidata-se às eleições de 1924 e de 1946. Em 1946 entrando nos palácios da política, como membro da Assembleia Constituinte e Parlamentar da Câmara dos Deputados pela Democracia cristã, se faz esta pergunta: “pode um político ser santo?”. Promovido a diretor de “Il Popolo”, jornal de partido, no seu diário anota: “difundir a santidade a partir de uma pobre folha de jornal; difundir santidade a partir de um corredor de passos perdidos*... quem fará este milagre?”.

Bem cedo na nova experiência política encontra não poucas dificuldades. Para não violar a retidão profissional submetendo o jornal aos jogos das correntes de partido, escolhe se demitir da direção; e reza: “esta humilhação sirva para me recolocar, alma nua, diante de Ti, Senhor”. Deve registrar “incompreensões, calúnias, zombarias, abandonos”, que lhe conseguem “desilusões e amarguras”; compreende que são ‘provações’ para se santificar.

Inoxidável pacifista

O seu compromisso com a paz é profético e convicto: é pacifista durante os anos dramáticos do primeiro conflito mundial, quando a sociedade civil estava dividida entre neutralistas e intervencionistas. É pacifista quando preconizava os Estados Unidos da Europa, desde os primeiros anos 1920. E ainda, anseia pela paz e pela fraternidade universal quando – num célebre discurso parlamentar de 1949 – adere ao Pacto Atlântico, entendendo-o não só como um instrumento de

defesa, mas um princípio para uma pacificação entre os povos europeus, compreendida a Rússia. A sua ideia de paz brota diretamente da lei da caridade, da exigência de solidariedade, junto com as instâncias racionais, sociais e econômicas. “A guerra é um homicídio” (mata o homem, contra o Quinto Mandamento) “é um deicídio em efígie” (suprime no homem a criatura e a imagem de Deus), e é um suicídio, porque a humanidade é, especialmente hoje, um organismo único, que se autodestrói ferindo-se nos conflitos.

É um homem que pratica a paz, além de pregá-la. Dele se recorda como nos primeiros anos 1950 dialogue, pelas páginas dos jornais que dirige, com expoentes do mundo comunista, como o diretor de “L’Unità” de Milão, Davide Lajolo, em anos em que os comunistas são excomungados pela Igreja. Iniciativa que desperta um certo alvoroço e algumas incompreensões.

Recorda-se também como no final da segunda guerra mundial, em 1945, se prodigue para salvar alguns hierarcas fascistas do linchamento e das execuções sumárias que se sucedem nos dias seguintes à libertação, ele que sofreu sob o fascismo as privações e os sofrimentos da perseguição ideológica e cultural.

Sua é a primeira lei pela objeção de consciência (1949), apresentada junto com o socialista Calosso. Ainda é ele um dos primeiros inspiradores do Entendimento parlamentar pela paz, com Parlamentares provenientes de diferentes partidos (1951).

A sua ideia de democracia parte do conteúdo ético da relação entre os homens, portanto o reconhecimento da dignidade de cada um e do valor de cada um na determinação do bem comum. Em tal sentido, o seu espírito democrático tem raízes na inspiração cristã. Em alguns célebres livros, como Desumanismo [Disumanesimo] (1941), Pioneiros cristãos da

democracia [Pionieri cristiani della democrazia] (1950) e As duas cidades [Le due città] (1961), põe em relevo como a política fosse a organização mais elevada do amor cristão. Não só. Bem consciente de que a política é um campo, mais do que os outros, exposta “à corrupção, à mentira, à ambição” – escreve até mesmo que “o poder sataniza” (1962). Lança esta mensagem, hoje mais do que nunca atual: se todos temos necessidade de santidade, “os estadistas, os legisladores, os administradores da coisa pública precisam de uma razão dupla dela” (1962).

O ideal político da fraternidade universal

Depois de deixar o Parlamento em 1953, Giordani deixou a política do Palácio para se dedicar à construção de uma nova cultura social e política, medida numa dimensão maior: a família humana. O seu empenho como indivíduo se tornará comunidade e será reunido por uma multidão de políticos de todo o mundo, a começar por aquele pequeno grupo de parlamentares que se formaram nos anos 50 e depois fluem para o atual Movimento Político pela Unidade, nascido no leito do Movimento dos Focolares fundado por Chiara Lubich.

Giordani: heróis pacíficos

«As guerras nascem na mente dos homens e é na mente dos homens que devem ser erguidos os alicerces para a paz». Assim se lê no preâmbulo do ato constitutivo da Unesco, em cuja sede, em Paris, no próximo dia 15 de novembro, se recorda Chiara Lubich e o empenho do Movimento dos Focolares pela paz. Propomos, dos escritos de Igino Giordani (protagonista de duas guerras), alguns pensamentos sobre a paz:

As feridas sociais se chamam guerras, dissídios; e dilaceram o tecido social com chagas que às vezes parecem não cicatrizáveis.

A alma antiga, nas horas melhores, suspirava pela paz. “Se vis pacem, para bellum” [se queres a paz, prepara a guerra], diziam os romanos; mas no espírito evangélico é verdadeira paz não aquela conseguida pela guerra, mas aquela germinada por uma disposição pacífica, por uma concórdia de ânimos. Não se faz um mal para ter um bem. “Se queres a paz, prepara a paz”.

Também aqui se renova, construindo para a paz, por plataforma, não as armas, feitas para matar, mas a caridade, feita para vivificar. A caridade, se movendo, gera fraternidade, igualdade, unidade, e elimina invejas, soberbas e discórdias, se importando em recolher os homens numa família de uma só mente. A vida humana é sagrada. Não mata! Não te vingues! Ama o inimigo. Nada de talião...

A humanidade que seguiu Cristo entendeu no Evangelho a mensagem angélica cantada na noite do seu nascimento: “Paz na terra”. Basta que haja alguém que ame a paz. Condição primeira das relações. Jesus opunha a generais e heróis ensanguentados os heróis pacíficos, vitoriosos sobre si mesmos, suscitadores de paz consigo, com os cidadãos, com os forasteiros; criava um heroísmo novo e mais árduo; o de evitar a guerra sob todas as suas formas, quebrando continuamente a sua dialética com o perdão e a remissão.

Esta paz é fruto de caridade, aquela pela qual nos é imposto que amemos inclusive os inimigos, inclusive os caluniadores: ela impede as rupturas, ou as remedia. Em regime de amor, a discórdia é um absurdo, um renegamento; e quem o provoca, sem dúvida se coloca fora do espírito de Cristo, e permanece fora enquanto não restaura a concórdia».

Igino Giordani, *Il messaggio sociale del cristianesimo*, Editrice Città Nuova, Roma (1935) 1966 pp. 360-368

Igino Giordani jornalista

É uma rica história que Giordani viveu por mais de 60 anos, como autor de artigos em jornais e periódicos na Itália e no exterior, muitas vezes fundados e dirigidos por ele.

Publicou mais de quatro mil artigos em quarenta e nove órgãos de imprensa: oito jornais e 41 revistas, com a função de diretor de dois jornais e dez periódicos. Colaborou com uma revista de New York, *The Commonweal*, e com uma em Lisboa, *Novidades*, escrevendo numerosos artigos na sua própria língua; uma colaboração ocasional, em francês, com *La Vie intellectuelle* em Paris.

Ele considera a escrita como uma missão, uma testemunha da verdade e dos valores, a ser realizada com pureza de alma e coragem. Ele faz isso muitas vezes de forma heróica, recusando-se a fazer compromissos com regimes autoritários e arriscando sua vida.

Cada um de seus artigos é uma etapa de sua análise do caminho humano, do ponto de vista histórico, sociológico e teológico. Seu jornalismo nunca é uma crônica plana, mas sempre uma análise crítica. Em eventos individuais ele lê os valores e desvalores, as raízes históricas e as prováveis conseqüências.

No período entre as duas guerras mundiais, Giordani é uma das vozes mais fortes do Partido Popular Italiano, em oposição ao regime. Ele dirige o boletim do Serviço de Imprensa do Partido e cria uma revista mensal onde defende a idéia dos Estados Unidos da Europa (1925). Em 1929 começou a escrever em *l'Osservatore Romano*, o jornal diário da Santa Sé.

Membro da primeira legislatura da República Italiana (1948), fundou um periódico que lhe deu a possibilidade de finalmente se exprimir sem restrições externas. Seu compromisso era a formação de uma consciência política dos católicos italianos.

Conquistado pela espiritualidade de Chiara Lubich (conhecida em setembro de 1948) e pelo primado do amor, abordou o tema da paz com novo espírito e negou o conceito de "guerra justa".

Desde a década de 1950, o seu principal compromisso tem sido centrado em três meios de comunicação social:

Fides: dirigiu-o até ao seu encerramento (1962), com apelos para estimular a renovação da Igreja; escreveu artigos entusiásticos sobre o Concílio Vaticano II e ilustrou as suas expectativas.

L'Osservatore Romano: acompanha a vida da Igreja e os novos tempos ecumênicos; cuida da aplicação do espírito do Concílio em campos específicos.

Città Nuova: um dos fundadores deste órgão do Movimento dos Focolares, foi nomeado diretor.

Pasquale Foresi, primeiro focolarino sacerdote, Cofundador do Movimento dos Focolares (1929 - 2015)

Notas biográficas

Nascido em Livorno em 1929 em uma família cristã (o pai, Palmiro Foresi, foi eleito em 1946 para a Assembleia Constituinte, pela Democracia Cristã, e foi deputado na primeira e na segunda Legislatura), com apenas 14 anos fuge durante uma noite para se juntar aos grupos da Resistência que lutam por uma nova Itália. É nesse período que nasce nele a ideia do sacerdócio. Quando volta para casa, entra no

seminário diocesano de Pistoia (para onde a família havia se mudado) e depois vai a Roma para frequentar a Universidade Gregoriana. Essa vida, porém, parece não satisfazê-lo completamente.

Nesse meio tempo, o pai conhece o deputado Iginio Giordani que, por sua vez, apresenta-lhe Chiara Lubich. Profundamente tocado pelo radicalismo evangélico da jovem, o deputado Foresi espera fazer com que ela se encontre com o filho, que está em busca de um cristianismo autêntico, e organiza um encontro também com a elite católica da cidade. Como não pode ir pessoalmente, Chiara manda Graziella De Luca, uma de suas primeiras companheiras, que por um engano chega a Pistoia um dia depois daquele marcado. Quem a recebe na casa dos Foresi é Pasquale, que, por pura cortesia, lhe dirige algumas perguntas sobre sua experiência espiritual e fica profundamente tocado por esta a ponto de pedir para conhecer Chiara.

No Natal de 1949, Pasquale a encontra em Trento e pouco tempo depois decide ir morar na primeira comunidade masculina do Movimento dos Focolares em Roma. Lá, encontra a confirmação da própria vocação e sente reflorescer também o chamado ao sacerdócio. Ele conta: “Não era entrar em uma instituição religiosa mais bela e mais santa que as outras, mas era fazer parte de uma revolução cristã religiosa e civil que renovaria a Igreja e a humanidade”. Em 1954, torna-se o primeiro focolarino sacerdote.

Chiara encontra com Pasquale uma afinidade especial e lhe pede que compartilhe a direção do Movimento.

Pelo seu profundo conhecimento da teologia, Pasquale Foresi sabe reconhecer todo o valor teológico e doutrinal contido nas intuições de Chiara e torna-se interlocutor qualificado nos relacionamentos com a Igreja, sobretudo

quando o nascente Movimento está sob estudo do Santo Ofício.

A principal função de pe. Foresi foi a de ajudar Chiara a concretizar em obras o Carisma da Unidade: a cidadezinha de testemunho de Loppiano, próxima a Florença, o grupo editorial Cidade Nova, o Instituto Universitário Sophia que surge em Loppiano em 2007.

“A uma certa altura”, ele mesmo conta, “tive a impressão de ter errado tudo na minha vida e, particularmente, que aquelas coisas positivas que eu poderia ter ajudado a fazer, eram minhas e não de Deus”. Uma angústia espiritual, a sua, que vive como purificação por parte de Deus. E é justamente durante essa prova espiritual, que parece comprometer também seu bem-estar físico, que têm maior realização as inúmeras obras que Chiara vê se concretizarem com pe. Foresi ao seu lado, na veste de Copresidente.

De relevância os seus livros *Teologia della socialità* [Teologia da socialidade] e *Conversazioni con i focolarini* [Meditações para o homem de hoje], fonte de inspiração inclusive para outros autores do Movimento.

Ele nos deixou no dia 14 de junho de 2015.

Livros publicados

L'agape in san Paolo e la carità in san Tommaso d'Aquino. Saggio di un confronto tra la teologia biblica e la teologia speculativa, Città Nuova, Roma 1965.

Teologia della socialità, Città Nuova, Roma 1965.

Il testamento di Gesù. Spunti di meditazione, Città Nuova, Roma 1966.

Appunti di filosofia. Sulla conoscibilità di Dio, Città Nuova, Roma 1967.

Fede speranza carità nel Nuovo Testamento. Spunti di meditazione, Città Nuova, Roma 1967.

Parole di vita, Città Nuova, Roma 1968.

Conversazioni con i Focolarini, Città Nuova, Roma 1969.

Problematiche d'oggi nella Chiesa, Città Nuova, Roma 1970.

Il testamento di Gesù. Meditazioni sull'unità fede speranza carità, Città Nuova, Roma 1982.

L'esistenza cristiana. Spunti di meditazione biblica, Città Nuova, Roma 1989.

Conversazioni di filosofia, Città Nuova, Roma 2001.

Dio ci chiama. Conversazioni sulla vita cristiana, Città Nuova, Roma 2003.

Note di filosofia (raccolge due volumi già citati: Appunti di filosofia e Conversazioni di filosofia), Città Nuova,

Roma 2004.

Colloqui. Domande e risposte sulla spiritualità dell'unità, Città Nuova, Roma 2009.

Luce che si incarna. Commento ai 12 punti della spiritualità dell'unità, Città Nuova, Roma 2014.

Artigos na revista «Ekklesia»

Il Corpo di Cristo che è la Chiesa, in «Ekklesia» 1 (1967), pp. 5-17.

Fondamenti teologici dell'Enciclica Populorum Progressio, in «Quaderni di Ekklesia» 1 (1967), pp. 5-17.

Vi possono essere teologi laici?, in «Quaderni di Ekklesia» 2 (1967), pp. 5-28.

Celibato sacerdotale alla luce dei Vangeli, in «Ekklesia» 2 (1969), pp. 5-24.

Artigos na revista «Nuova Umanità»

Il Celibato in Matteo, 1 (1979), pp. 29-50.

La donna nei primi tre capitoli del Genesi, 3 (1979), pp. 31-51.

La preghiera del Signore, 6 (1979), pp. 3-22.

La preghiera di Gesù per l'unità. Considerazioni spirituali - I, 12 (1980), pp. 38-54.

La preghiera di Gesù per l'unità. Considerazioni spirituali - II, 13 (1981), pp. 25-41.

Ascesi e cristianesimo, 16-17 (1981), pp. 19-47.

Appunti per una meditazione sull'umiltà - I, 26 (1983), pp. 7-20.

Appunti per una meditazione sull'umiltà -II, 27 (1983), pp. 7-24.

Fare filosofia, 133 (2001/1), pp. 23-30.

Conoscenza e comunione, 134 (2001/2), pp. 223-228.

La crisi dell'arte, 135-136 (2001/3-4), pp. 363-370.

La vocazione a seguire Gesù, 137 (2001/5), pp. 593-600.

È la vita che fa capire. Per questo occorre una nuova scuola di pensiero, 138 (2001/6), pp. 813-820.

L'origine del problema della filosofia, 139 (2002/1), pp. 29-32.

Le tappe della vita spirituale nella prospettiva dell'unità, 142 (2002/4), pp. 417-430.

La seconda scelta di Dio, 143 (2002/5), pp. 565-576.

L'oggetto della filosofia, 144 (2002/6), pp. 721-726.

I discepoli di Gesù, 145 (2003/1), pp. 37-43.

La vocazione, 146 (2003/2), pp. 153-161.

Dio amore e la preghiera, 147-148 (2003/3-4), pp. 325-331.

Il mistero dell'essere, 149 (2003/5), pp. 531-539.

La povertà nei Vangeli. Riflessioni a partire dai testi, 150 (2003/6), pp. 681-696.

Alcuni aspetti della povertà tra i primi seguaci di Gesù, 151 (2004/1), pp. 21-35.

Koinonía, 152 (2004/2), pp. 175-190.

La preghiera di Gesù per l'unità, 153-154 (2004/3-4), pp. 341-370.

L'agape nel cristianesimo, 155 (2004/5), pp. 569-577.

La venuta di Gesù e la malattia, 156 (2004/6), pp. 783-811.

L'apostolato nella vita della Chiesa, 157 (2005/1), pp. 17-41.

Riflettendo sul tempo, 158 (2005/2), pp. 229-238.

Gesù in mezzo a noi, 159-160 (2005/3-4), pp. 419-429.

Il problema della conoscenza, 161 (2005/5), pp. 665-669.

Filosofia e storia della filosofia, 163 (2006/1), pp. 17-24.

La storia come verità, 164 (2006/2), pp. 151-154.

La libertà, la creazione e Maria. Spunti di riflessione concernenti la filosofia, 165-166 (2006/3-4), pp. 309-314.

Filosofia e teologia, 167 (2006/5), pp. 521-525.

La compiuta verità, 168 (2006/6), pp. 679-684.

È possibile conoscere l'esistenza di Dio? È possibile una metafisica?, 169 (2007/1), pp. 9-18.

La conoscenza, 170 (2007/2), pp. 155-168.

Creaturalità ed esistenzialismo, 171 (2007/3), pp. 333-341.

Linguaggio e creaturalità, 172-173 (2007/4-5), pp. 463-475.

La filosofia e Dio, 174 (2007/6), pp. 613-620.

ORIGENS e HISTÓRIA

Os primeiros anos

Os confins da terra

Nos dias em que a Igreja católica celebra a solenidade de Cristo Rei, propomos um texto de Chiara Lubich em que ela narra toda a importância e o significado dessa Festa para a história do Movimento dos Focolares desde as suas origens durante a Segunda Guerra Mundial.

“Os senhores conhecem o episódio vivido nos primeiros tempos, durante a guerra, quando nós, primeiras focolarinas, nos encontrávamos em um porão escuro para nos protegermos das bombas e ali, à luz de vela, lemos no Evangelho o testamento de Jesus. Abrimos o Evangelho casualmente nessa página e a lemos do início ao fim. Era um texto difícil para a nossa competência, porque éramos jovens e não muito preparadas; porém tivemos a impressão de que aquelas palavras se iluminassem uma a uma. Entendemos, agora, que era efeito do carisma recebido, que doa uma luz nova para quem o recebe, mas em benefício de todos que o acolhem aonde ele chega.

Entendemos sobretudo, que Jesus pediu a unidade: ‘Que sejam um como nós’. ‘Pai [...] que todos sejam um’. E compreendemos de maneira forte que aquela página do Evangelho, o testamento de Jesus, era a ‘carta magna’ do Movimento que estava para nascer. Naturalmente, percebemos logo que não era fácil realizar a unidade; não sabíamos como fazer. Na festa de Cristo Rei, nós, sete, oito focolarinas, nos encontramos ao redor de um altar. Vimos no nosso missal o que era essa festa – agora a liturgia mudou um pouco – e naquele momento dissemos a Jesus: ‘Nós nos sentimos chamadas a realizar aquilo pelo qual você rezou: a

unidade, mas não sabemos como realizá-la. Se assim desejar, faça de nós instrumentos de unidade.’ E sabendo que era a festa de Cristo Rei, recordo que estava escrito na liturgia da Missa: ‘Pede e eu te darei as nações como herança, os confins da Terra como propriedade.’

Lembro-me que nós, ainda jovens, mas cheias de fé, acreditando em tudo aquilo que Deus podia fazer, pedimos, se possível, para servi-lo até os últimos confins da Terra. Hoje, depois de 58 anos de vida, vemos que ele nos escutou, porque, como sabem, no nosso Movimento, que é católico, ecumênico, estabelecemos contatos com fiéis de 350 Igrejas e com muitos de seus responsáveis. [...]

Constatamos, agora, que Deus escutou a oração feita ainda quando éramos jovens, levando-nos a desenvolver esse Movimento entre as Igrejas, entre outras religiões, até mesmo com pessoas de outras convicções, até os últimos confins da terra; praticamente em todos os países do mundo”.

(...)”. (Chiara Lubich – Viena/Áustria, 5 de novembro de 2001)

Fonte: Centro Chiara Lubich

Mais do que irmãos

«Nunca seremos capazes de avaliar a ajuda que os irmãos nos dão. Quanta coragem infunde em nós a fé que eles têm, quanto calor o seu amor, como nos arrasta o exemplo deles!». Chiara Lubich (1920-2008), autora destas linhas, é conhecida como aquela que soube arrastar atrás de Cristo centenas de milhares de pessoas, que entretence relacionamentos com budistas, muçulmanos, é seguida por pessoas sem convicções religiosas e dá um novo alento de vida à política, à economia. Sobre a balança das contribuições que tornaram Silvia Lubich simplesmente “Chiara”, pesa não pouco a amizade com as suas

primeiras companheiras. Tudo começou com uma escolha de Deus, e com a consagração na virgindade em 1943, em Trento. Mas bem cedo não é um “eu”, mas um sujeito coletivo que se move, age, reza e ama: Chiara e as suas primeiras companheiras poderiam ter se tornado pessoas quaisquer, ao invés foram faróis nos cinco continentes.

Esta história beira ao inacreditável e, no entanto, é simples. Podemos entender se abirmos o Evangelho no capítulo 13 de João: «Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros» (João, 13, 34). Um mandamento que só pode ser posto em prática juntos. Quando, nos refúgios antiaéreos, ouvem esta passagem, trocam entre si um olhar de entendimento, enquanto avaliam o compromisso exigido. Não hesitam em se declararem reciprocamente: «Eu estou pronta a te amar até dar a vida por ti». Chiara considerará isto a pedra angular sobre a qual apoiará o edifício do Movimento dos Focolares. Certamente não é uma coisa inédita na história da Igreja. Mas há talvez algo novo. Chiara transmite às companheiras aquilo que vive e tudo o que o Espírito Santo lhe inspira. Entre elas existe um vínculo sólido como a rocha, e eu gostaria de ilustrar a qualidade deste relacionamento que valoriza, liberta as potencialidades e edifica uma obra de Deus.

Estamos em 1954. Já se passaram uns dez anos. Em Roma, com Chiara, vivem Giosi, Graziella, Natalia, Vittoria (chamada Aletta), Marilen, Bruna, Giulia (Eli). Um dia, enquanto Chiara se detém as observando, lhe vem em mente uma frase do livro dos Provérbios: «A Dama Sabedoria construiu sua casa, talhando sete colunas» (Provérbios 9, 1). Vê sete jovens mulheres, cada uma com um talento, unidas e enraizadas em Deus. Eis as sete colunas da sabedoria, as sete cores do arco-

íris que brotam de uma única luz, o amor. Sete aspectos do amor, interdependentes, fluentes uns dos outros e uns nos outros. A Giosi, Chiara confia a gestão da comunhão dos bens e dos salários, além do cuidado pelos pobres: o vermelho do amor. A Graziella, confia «o testemunho e a irradiação», o alaranjado. Natalia foi a primeira companheira: a ela cabe personificar o coração deste ideal, o grito de Jesus abandonado a ser amado. Levará este segredo para além da Cortina de ferro. Era a espiritualidade e a vida de oração, o amarelo do arco-íris. Aletta será lembrada como aquela que infundiu entre os membros do Movimento o empenho de cuidar da saúde, para formar uma comunidade unida no amor: fez isso no Oriente Médio em guerra. Chiara lhe confiou a natureza e a vida física, o verde. A Marilen, que viveu quinze anos na floresta da Rep. dos Camarões, no meio de uma tribo e testemunhou um respeito incondicional pela cultura deles, Chiara confiou o azul: a harmonia e a casa. Bruna era uma intelectual e Chiara a viu como aquela que devia desenvolver o aspecto dos estudos: o anil. A Eli, que sempre estava ao lado de Chiara, cuidando para que todos os membros no mundo vivessem em uníssono, foi confiado o aspecto da «unidade e meios de comunicação», o violeta. Outras companheiras terão, sucessivamente, funções particulares: Dori, Ginetta, Gis, Valeria, Lia, Silvana, Palmira.

Chiara mesma quis explicar: «A filadelfia (amor fraterno) é mais do que uma realidade. É aqui que eu tomo força para enfrentar as cruzes, depois da união direta com Jesus. Umas se preocupam com as outras de acordo com a necessidade. Aqui se vai da sabedoria comunicada [...] aos conselhos práticos sobre a saúde, sobre a roupa, sobre a casa, sobre a comida, a ajudas contínuas. Aqui você está convencido de que nunca será julgado, mas amado, desculpado, ajudado. Aqui corre sangue de casa, mas celeste. Quando quero verificar se a minha

inspiração é uma inspiração, se um artigo deve ser corrigido, eu o leio a elas pedindo só o vazio absoluto de julgamento. Elas fazem assim e eu sinto que aumenta a voz de Jesus dentro: “Aqui está bom, aqui comece de novo, aqui explique melhor”. Releio com elas o texto e o encontramos como desejado». Não surpreende que, como testamento, Chiara tenha deixado esta frase: «Sejam sempre uma família».

Portas abertas

O diálogo, um instrumento de unidade

Para as pessoas que aderem ao Movimento dos Focolares o diálogo não é algo que possa permanecer opcional. É suficiente percorrer as etapas de seu desenvolvimento (ver a cronologia), para intuir como o movimento não nasceu numa prancheta, mas por uma inspiração carismática que o Espírito desejou conceder a uma jovem mulher de Trento. Desde os primeiros anos, os numerosos episódios vividos por Chiara Lubich e suas primeiras companheiras, indicavam um caminho de total acolhida do outro, quem quer que ele fosse. E a acolhida é o primeiro degrau para o diálogo.

Observando a difusão do Movimento pelo mundo, vê-se com clareza como o rápido crescimento do espírito da unidade não pode tanto ser atribuído apenas à eficácia de palavras ditas pessoalmente, num microfone ou numa rádio, para abrir novas fronteiras, quanto ao amor vivido segundo a arte de amar que Chiara sempre propôs como único “método” de difusão, o “fazer-se um”. Trata-se de um neologismo trasladado de São Paulo («fiz-me tudo a todos») que no movimento foi sempre o principal caminho de evangelização.

Ao constatar a grandeza da difusão do movimento, enfim, sem dúvida pode-se entender como a espiritualidade da unidade tenha conquistado os corações e as almas de pessoas

de toda e qualquer categoria social, pela sua irreduzível abertura sobre a humanidade e as suas necessidades. Uma abertura que se exprime em primeiro lugar numa atitude de diálogo em cada campo, tempo e lugar.

No Movimento dos Focolares, portanto, o diálogo deve ser entendido no sentido mais forte, evangélico, aquele que não compromete a própria identidade em troca de algum compromisso, mas que, justamente pela identidade que adquiriu, pode aproximar-se do “diferente de si” com espírito aberto. Em suma, nem mera benevolência, nem irenismo, nem sincretismo.

No dia 24 de janeiro de 2002, em Assis (Itália), Chiara foi chamada, juntamente com Andre Riccardi (fundador da Comunidade de Santo Egídio), a exprimir-se em nome da Igreja católica, diante do Papa e das máximas autoridades religiosas mundiais, e logo após a queda das Torres Gêmeas, e quis salientar como o comportamento da Igreja seja «inteiramente diálogo». Recordou então os seus quatro diálogos: no interior na própria Igreja, o ecumenismo, a relação com fieis de outras religiões, os contatos com aqueles que não possuem um credo religioso. São exatamente esses quatro diálogos aqueles que, no Vaticano II e na encíclica *Ecclesiam suam*, de Paulo VI, a Igreja católica identificou como caminho para o relacionamento com a humanidade em suas variadas fisionomias.

Chiara escreveu, em 1991: «Jesus considera como aliados e amigos seus todos os homens que lutam contra o mal e trabalham, muitas vezes sem se darem conta, pela atuação do Reino de Deus. Jesus nos pede um amor capaz de “fazer-se diálogo”, isto é, um amor que, longe de fechar-se orgulhosamente no próprio recinto, saiba abrir-se a todos e colaborar com todas as pessoas de boa vontade, para construir

juntos a paz e a unidade do mundo. Procuremos abrir os olhos aos próximos que encontramos, para admirar o bem que fazem, qualquer que sejam as suas convicções, para sentir-nos solidários com eles e encorajar-nos mutuamente no caminho da justiça e do amor».

Anos de incerteza

De modo quase imperceptível, no final dos anos quarenta o espírito dos Focolares superou as fronteiras da região trentina, com convites feitos aos focolarinos para irem a Milão, Roma, Florença, Sicília, etc. E, silenciosamente, floresceram comunidades cristãs como a que surgira em Trento, onde, após poucos meses eram cerca de 500 as pessoas comprometidas em viver o espírito evangélico, segundo o exemplo dos primeiros cristãos.

Mas exatamente naqueles anos de irradiação fervorosa, a Igreja começou a estudar o movimento com interesse. Foi um longo período de estudo e de aprofundamentos, de incertezas e dúvidas. Os anos cinquenta e o início da década seguinte foram vividos na incerteza de uma aprovação que parecia jamais chegar.

A espiritualidade nascente, que encontrava suas raízes nas Escrituras, salientava palavras pouco ouvidas antes do Concílio Vaticano II, como “unidade”, “Jesus em meio” à comunidade, “Jesus abandonado”, etc. Além do mais eram jovens leigas que procuravam viver as palavras do Evangelho, e não só lê-las e comentá-las, o que parecia “protestante”. E a prática da comunhão de bens, em função da ajuda concreta aos pobres, parecia “comunismo”. E ao invés, para elas tratava-se de viver como os primeiros cristãos, e que encontravam uma afinidade particular com os séculos da Igreja indivisa.

Assim, nos anos quarenta e cinquenta, sem o saber, o Movimento dos Focolares, tecia um fio invisível com as maiores correntes que atravessavam o mundo cristão, que seriam assumidas no Concílio Vaticano II. A atenção aos Evangelhos encontrava-se em perfeita harmonia com o movimento bíblico; o desejo de viver pela unidade ligava os focolarinos ao movimento ecumênico (desde 1960). Depois, quando a conjuntura religiosa e social exigirá o diálogo com fieis de outras religiões e pessoas sem uma referência religiosa, eles já estavam prontos para isso. E ainda, ter nascido de uma leiga para leigos os fazia sentirem-se em plena sintonia com a emersão do laicato na Igreja.

Este novo ardor pela unidade será reconhecido e acolhido plenamente no seio da Igreja católica que, no ano de 1962, às vésperas do Concílio, aprovou a Obra de Maria ou Movimento dos Focolares, em seu núcleo central.

O Movimento, Papa Paulo VI e o Concílio Vaticano II

Concílio Vaticano II: expansão ecumênica

Dia 11 de outubro de 1962, João XXIII abria o Concílio Vaticano II. Cinquenta anos depois a mesma data é escolhida para uma comemoração solene e para a abertura do Ano da Fé, convocado por Bento XVI com a carta apostólica Porta Fidei, “para redescobrir o caminho da fé” e “salientar, com evidência cada vez maior, a alegria e o entusiasmo renovado do encontro com Cristo” (n.2).

Em coincidência com os anos do Concílio, no Movimento dos Focolares aconteceu uma acolhida particular da sua espiritualidade por cristãos de várias Igrejas. Ainda em 1961 Chiara Lubich havia sido convidada a ir à Alemanha, por cinco vezes, para partilhar a vida do Evangelho, vivida no Movimento, com irmãos e irmãs das Igrejas evangélicas. Foi o ano em que

fundou, em Roma, o Centro “Uno”, a secretaria para o ecumenismo do Movimento dos Focolares, que em 1962 promoveu o primeiro encontro ecumênico, em Roma. Seguiram-se muitos outros, e no dia 9 de junho de 1965, pela primeira vez, um grupo de evangélicos luteranos foi mencionado oficialmente em uma audiência pública, na Praça de São Pedro. Paulo VI disse, entre outras coisas: “A vossa visita nos honra e enche de alegria”. Os evangélicos falaram de um “profundo encontro com Cristo”.

Na sua ação ecumênica, Chiara Lubich foi sempre encorajada pelo cardeal Agostino Bea, então presidente do Secretariado Vaticano para a união dos cristãos.

Alguns dos “observadores” enviados pelas diversas Igrejas ao Concílio Vaticano II desejaram encontrá-la para aprofundar o conhecimento da espiritualidade da unidade. Entre eles o cônego anglicano Bernard Pawley, que ficou tocado pela força renovadora da espiritualidade de Chiara, definida por ele como “uma bolha de água viva que brota do Evangelho”. Estava convencido de que a função do Movimento dos Focolares era a de ser uma “ponte evangélica”, na qual anglicanos e católicos podiam encontrar-se, e empenhou-se pela sua difusão. Na segunda sessão do Concílio Vaticano II (1963), entre outras coisas, organizou um almoço com outros “observadores”, durante o qual Chiara conheceu o teólogo da Igreja Reformada, Lukas Vischer, do Conselho Ecumênico das Igrejas, com quem teve início uma longa amizade e posteriormente o primeiro convite a visitar o CEC, em Genebra, no ano de 1967. Estabeleceram-se relacionamentos ainda com outros representantes, entre eles o padre Vitalj Borovoj, da Igreja Russa Ortodoxa.

Sempre durante os anos conciliares, padre Angelo Beghetto, ministro provincial dos Frades Conventuais do

Oriente e da Terra Santa, em Istambul, falou ao Patriarca Atenágoras I sobre a espiritualidade da unidade, que estava se difundindo entre várias Igrejas. Assim foram preparados os 25 encontros que Chiara Lubich viria a ter com este grande profeta ecumênico, de 1967 a 1976.

Em 2004, por ocasião do 40º aniversário da promulgação da *Unitatis redintegratio*, o documento conciliar sobre o ecumenismo, Chiara Lubich foi convidada pelo Conselho Pontifício para a unidade dos cristãos, a falar da espiritualidade da unidade: «Tendo colocado como base da nossa vida e de todos os nossos encontros fraternos, a mútua e radical, contínua caridade – ela salientou – Jesus estava tão presente entre nós a ponto de fazer-nos afirmar, com São Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35). “Ninguém poderá separar-nos”, porque é Cristo quem nos liga». E continuou: «“Diálogo do povo”, que não é um diálogo da base, que se contrapõe ou justapõe àquele dos chamados vértices ou responsáveis das Igrejas, mas um diálogo do qual todos os cristãos podem participar. Esse povo é como um fermento no movimento ecumênico, que reaviva em todos o sentido de que, sendo cristãos, batizados, na possibilidade de amar-nos, todos podem contribuir para a realização do testamento de Jesus».

Cinquenta anos após o início do Concílio muitos frutos são colhidos. No Sínodo sobre a Nova Evangelização e na celebração do 50º aniversário do início do Vaticano II, estão presentes os “delegados fraternos”, representantes de quinze Igrejas. Honram as comemorações, Sua Santidade, o Patriarca Bartolomeu I e o arcebispo de Cantuária, Rowan Williams. Este último foi convidado a dirigir a palavra na Aula Sinodal. Em seu discurso, dia 10 de outubro, afirmou: «Estamos acostumados a falar da importância decisiva do ecumenismo espiritual», recordando, além disso, que «o imperativo fundamental na

espiritualidade de Chiara Lubich era “tornar-se uma coisa só”, uma só coisa com o Cristo crucificado e abandonado, uma só coisa, por meio dele, com o Pai, uma só coisa com todos aqueles que foram chamados a esta unidade e, de tal modo, uma só coisa com as necessidades mais profundas do mundo».

O Patriarca Bartolomeu I, no final da missa de abertura do Ano da Fé, dia 11 de outubro, na Praça de São Pedro, evidenciou com força: «Prosseguindo juntos nesse caminho, damos graças e glória ao Deus vivente – Pai, Filho e Espírito Santo – porque a própria assembleia dos bispos reconheceu a importância da reflexão e do diálogo sincero entre as nossas “igrejas irmãs”. Unamo-nos na esperança que seja removida a barreira entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente, e que finalmente haja uma única morada, fundamentada sobre a pedra angular, Cristo Jesus, que fará de ambas uma coisa só».

As palavras deles testemunham como o mundo hoje necessita ver cristãos unidos no nome de Jesus, através de um anúncio crível do Evangelho de Jesus Cristo, “para que o mundo creia” (Cf. Jo 17).

Aos cuidados do Centro “Uno”, secretaria internacional do Movimento dos Focolares para o diálogo ecumênico.

Chiara Lubich e o amor na Igreja

A importância do Concílio Vaticano II para a fundadora do Movimento dos Focolares. É o subtítulo do quotidiano da Santa Sé, no artigo publicado no dia 12 de dezembro passado, do qual propomos alguns trechos: Chiara Lubich e o amor na Igreja.

«Chiara Lubich e o Vaticano II: uma paixão imediata, uma ligação profunda que marcou para sempre a trajetória da fundadora do Movimento dos Focolares.

No dia 13 de outubro de 1962, dois dias após a abertura do Concílio, Chiara escreveu ao pastor luterano Klaus Hess:

“Caríssimo Pfarrer Hess, poderá imaginar com que exultação estamos vivendo estes dias da abertura do Concílio em Roma!

Penso que também terá acompanhado com amor aquilo que a Igreja católica está fazendo”. Chiara o convidava para “respirar aquela atmosfera sobrenatural que já envolve toda Roma e para conhecer Bispos e Cardeais que têm a bondade de visitar-nos com frequência nestes dias. Deste modo, continuaria aquele diálogo aberto, que se iniciou no ano passado, com tão bom resultado, e continuaremos a ser instrumentos, talvez inúteis e infiéis, mas sempre instrumentos para que o testamento de Jesus se realize entre todos”».

Para Chiara Lubich, continua o Observador Romano, o Vaticano II é «o Concílio do diálogo por aquela sua grande abertura que não é diminuição da fé, mas uma compreensão nova em relação às outras Igrejas e comunidades eclesiais, possibilidade de confrontar as riquezas que cada tradição cristã procurou manter, redescoberta daquilo que já une os cristãos». Ao mesmo tempo, há o «diálogo mais amplo com os fiéis de outras religiões, e aquele planetário com os homens de boa vontade, com os não crentes, que abriu novas possibilidades à missão evangelizadora da Igreja».

«Estas palavras de Chiara são tão atuais que parecem ditas hoje, enquanto se aproxima – com o pedido formal firmado em Castel Gandolfo, no dia 7 de dezembro, pela presidente Maria Voce, por ocasião do 70º aniversário do movimento – o processo de canonização da fundadora dos Focolares. Um ato, declarou Maria Voce, que “convida todos nós a uma santidade ainda maior, a construí-la dia após dia na nossa vida, para contribuir àquela “santidade coletiva”, “santidade do povo” para a qual Chiara tendia».

L'Osservatore Romano, 12 dicembre 2013.

Paulo VI e Chiara Lubich. Dois carismas que se encontram

«Durante estes anos não faltaram aprofundamentos e estudos, tanto sobre Paulo VI, o “timoneiro do Vaticano II”, quanto sobre a fundadora dos Focolares. Mas, não havia ainda chegado o momento para aprofundar o providencial entrelaçamento das relações – que se referem exatamente àquele período – existentes entre Giovanni Battista Montini e Chiara Lubich. Um papa e uma leiga, uma mulher: o que poderiam ter em comum?

A história continua a surpreender interminavelmente. E com a realização do trabalho desenvolvido em comum pelo Instituto Paulo VI e pelo Centro Chiara Lubich nasceram duas Jornadas de estudo, nos dias 7 e 8 de novembro de 2014, que tiveram como objeto de estudo Paulo VI e Chiara Lubich. A profecia de uma Igreja que se torna diálogo. Desta maneira chegou-se à esperada publicação.

O livro, organizado em julho de 2015, retoma aquelas Jornadas que permitiram conhecer, nas perspectivas de âmbito histórico, social, eclesial, ecumênico e teológico, a relação, iniciada em 1952, entre o então substituto da Secretaria de Estado, monsenhor Montini, e Chiara Lubich, até a morte de Paulo VI, em 1978.

O estudo considerou os períodos importantes tanto para a Igreja quanto para o Movimento dos Focolares, com o impulso carismático que o distinguia desde os seus primeiros momentos, na cidade de Trento. Do estudo realizado sobre a década de 50, surgiram as grandes dúvidas da autoridade eclesiástica com relação à novidade que o Movimento trazia consigo e a resolução de tais dúvidas, no início dos anos 60, com as primeiras aprovações. Naquele período Paulo VI exerceu um papel fundamental com o seu pessoal empenho na

progressiva configuração jurídica e institucional do Movimento.

Um aspecto ainda pouco conhecido, mas, de grande interesse, é ligado à presença dos Focolares nos países do leste europeu, desde o início da década de 60, no auge da Guerra Fria e, também, o intensificar-se de importantes contatos no campo ecumênico, realizados naquele período. Tudo o que foi exposto é amplamente documentado por uma grande correspondência entre Chiara e Paulo VI e por tudo o que ela escreveu no seu diário, depois das audiências particulares com o papa Montini.

Ao lado dessas duas figuras ressaltou-se também a função de Iginio Giordani, grande amigo de Paulo VI que, ainda jovem monsenhor em Roma, era habituado a frequentar a casa do então bibliotecário do Vaticano, futuro membro da Constituinte e cofundador do Movimento dos Focolares, ao lado de Chiara Lubich.

Maria Voce, presidente dos Focolares, evidenciou que «existe uma consonância profunda que se revela de maneira especial na finíssima capacidade espiritual de Paulo VI ao compreender, no carisma doado por Deus a Chiara Lubich, a ação do Espírito Santo no momento crucial da celebração do Concílio Vaticano II, que se abriu completamente ao diálogo. Encontrando Chiara, ele escutava, valorizava, encorajava. Em 1964, impressionado com o caráter ecumênico do Movimento, exortou: “Assim como a senhora iniciou um diálogo com os cristãos não católicos, inicie também com aqueles que não professam nenhuma fé”».

«É uma história – observa Don Angelo Maffei, presidente do Instituto Paulo VI – cujos inícios são ainda muito antes do Vaticano II e que merece ser reconstruída para iluminar todos aqueles contatos pessoais e as experiências

eclesiais que, gradualmente, fizeram amadurecer as orientações propostas por Paulo VI durante o seu pontificado».

As outras contribuições oferecidas por Andrea Riccardi, Alberto Monticone, Lucia Abignente, Paolo Siniscalco, Joan Patricia Back, Alberto Lo Presti, Adriana Cosseddu e Piero Coda, iluminaram sob vários aspectos “a grandeza da profecia de uma Igreja que se torna diálogo”.

Dois carismas encontraram-se, reconheceram-se e trabalharam juntos para tornar a Igreja “casa de comunhão” e, por isso, em diálogo com o mundo.

O livro intitulado “Paulo VI e Chiara Lubich. A profecia de uma Igreja que se torna diálogo”, foi organizado por Paulo Siniscalco e Xenio Toscani e publicado pela Editora Studium».

Caterina Ruggiu

Paulo VI, o Papa do Concílio

De Igino Giordani

«Aos 80 anos de idade, no 15º ano de pontificado, Paulo VI pode olhar à sua obra pontifícia, transcorrida entre agitações sociais e intelectuais, como uma obra de rejuvenescimento da igreja [católica].

[...] O Papa Montini acolheu a mensagem de “atualização” do Concílio Vaticano II, realizando, contra as frenesias da “morte de Deus”, do “cristianismo irreligioso”, do conservadorismo arcaico, uma obra de paciência, clarividência, coragem, que incluiu a atualização dos principais institutos pontifícios e a construção de novos dicastérios e serviços, entre os quais – para dar uma ideia – o “Conselho Justiça e Paz” e o “Conselho Pontifício para os leigos”.

Estes, e outros organismos universais, realizam uma crescente colaboração de bispos e clero, de religiosos e religiosas, de leigos e leigas, reavivando um novo senso eclesial,

senso que brota de uma nova consciência comunitária, fruto do amor evangélico, com o qual dá-se fim ao individualismo e ao 'classismo' religioso, e os homens se fundem nas paróquias, nas instituições locais e mundiais, na igreja e na sociedade, para atuar o desejo de Deus na terra como no céu. Isto recorda que o cristão realiza o querer de Deus seja quando reza seja quando trabalha.

Os Padres da Igreja consideravam o fiel em oração também quando fazia a vontade de Deus em ocupações de todo tipo. A ação social – o serviço pelo bem comum -, se realizada com o pensamento no Pai nos céus, adquire um caráter e um resultado de autêntica religiosidade. Por isso, falando a um grupo de bispos de Cuba, Paulo VI recordava que a igreja convida constantemente os filhos a serem “homens novos” na justiça, na verdade e na caridade, porque a mesma educa a consciência social dos fieis, favorecendo neles a ativa colaboração ao bem e ensinando-os a vencer o próprio egoísmo e a jamais resignarem-se a serem “cidadãos inferiores”.

Daqui a inspiração de estimular uma reforma social, o surgimento de um “mundo novo”, como o jovem G.B. Montini havia entrevisto desde os anos da colaboração no periódico católico “La Fionda”, quando propugnava uma escola livre para confrontar o nascente fascismo.

Com perspectivas de uma amplidão e modernidade que explicam o desenvolvimento da socialidade cristã em curso – à qual prestam homenagens inclusive sociólogos distantes da religião – o papa pode recordar ao corpo diplomático os mais audaciosos princípios da igualdade sem distinções de origem ou de raça, no exercício dos direitos de liberdade religiosa e civil, e na condenação ao racismo, à tortura e a toda brutalidade para com opositores políticos. Manifesta-se, nos

discursos do papa, aquela verdade que frequentemente, também nós católicos, esquecemos: que a religião é feita para a vida, que Deus é a vida [...].

O amor: tema central da vida e do trabalho do Santo Padre; tema central do cristianismo, da criação e da redenção. Com amor ele reaproximou à igreja indivíduos e multidões, igrejas separadas e estados hostis. E a sua atividade no setor do ecumenismo, silenciosa mais do que clamorosa, realizou verdadeiramente a reaproximação de igrejas, o que faz compreender o nome familiar com que o profético Patriarca Atenágoras o designava: “Paulo segundo”».

(De: Iginio Giordani, Paulo VI, o papa do Concílio, “Città Nuova”, 10.7.1978, p. 26.)

Maria Voce sobre o Concílio Vaticano II

Maria Voce sobre o Concílio Vaticano II, participando como auditora na sessão do Sínodo dos Bispos sobre "A nova evangelização para a transmissão da fé cristã":

O Movimento dos Focolares acolhe o convite lançado pelo papa Bento XVI, na solene celebração de abertura do Ano da fé e do 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II: fazer resplandecer a beleza da fé no nosso tempo com o mesmo “anseio comovente” dos padres conciliares.

Igreja-comunhão, aplicação do Evangelho na vida quotidiana, diálogos, comunhão entre leigos e sacerdotes, papel da mulher, importância do social, são alguns princípios desenvolvidos pelo Vaticano II, já presentes, de alguma forma, na vida do Movimento dos Focolares nos seus primórdios.

“Os desafios ainda hoje abertos – afirma Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares – são aqueles de atuar o que o Concílio quis indicar, fazendo com que que se torne capilar o conhecimento dos conteúdos e das novidades

presentes nos documentos conciliares. (...) O amadurecimento do laicato deveria contribuir de maneira considerável (...) na preciosa obra de propagação dos princípios do Vaticano II à população dos fiéis.”

Maria Voce está participando como auditora na seção do Sínodo dos Bispos sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”.

“A humanidade – afirma Maria Voce – tem necessidade de encontrar Deus através do amor dos irmãos. Este é o caminho para a evangelização intuído por Chiara Lubich e assumida pelos membros dos Focolares: um compromisso assumido na vida quotidiana, ao lado das pessoas, com o objetivo de realizar sempre e em todos os lugares a oração de Jesus ao Pai, ‘Que todos sejam um’, fazendo da humanidade, desde já, uma única família”.

11 de outubro de 2012

O Movimento hoje: alguns números

O Movimento dos Focolares está espalhado por 194 países. Centros de movimento em 81 países.

Animadores: cerca de 140.000. Membros e simpatizantes: mais de 2.000.000.000. Irradiação: vários milhões, difícil de quantificar.

A espiritualidade da unidade é partilhada não só pelos católicos, mas também por cerca de 25.000 cristãos de 350 Igrejas e comunidades eclesiais. De várias maneiras, até por mais de 7.000 seguidores das grandes religiões e por mais de 10.000 pessoas de boa vontade, sem uma fé religiosa.

Embora seja uma só obra, houve vários ramos (25) que, por sua vez, animam movimentos de grande alcance (9) que operam: no mundo da família (Famiglie Nuove, www.famiglienuove.info), na sociedade (Umanità Nuova,

www.newhumanity.org), no mundo eclesial (Movimenti parrocchiale e diocesano; sacerdotale; dei religiosi e delle religiose), entre jovens e jovens (Giovani per un mondo unito www.mondounito.net e Ragazzi per l'unità, www.teens4unity.net). No coração, como estrutura de apoio, estão os Focolares: pequenas comunidades formadas por homens ou mulheres, totalmente doadas a Deus, nas quais estão incluídos também os casais. Entre os ramos, também o dos bispos ligados espiritualmente ao Movimento.

As Cidades, esboços de uma nova socialidade. Ao longo dos anos, as cidades estão se multiplicando no mundo: atualmente existem cerca de 25, embora em uma fase diferente de desenvolvimento. Cada um tem uma característica diferente, harmonizada com o contexto cultural em que surge. São cidades em miniatura com casas, escolas, atividades de trabalho, cuja lei é o amor evangélico.

Concretizações na esfera social. A reciprocidade do amor, central na espiritualidade da unidade, suscita comunhão e solidariedade em vários âmbitos: política, economia, relações entre os povos, educação, cultura, comunicação social. De particular importância:

Economia de comunhão, que inspira a gestão de mais de 860 empresas de produção no mundo e tem também um impacto a nível cultural (www.edc-online.org).

Solidariedade e cooperação. Mais de 1000 obras sociais de vários tamanhos são desenvolvidas nos 5 continentes. Particularmente desenvolvidos são aqueles nos campos social, sanitário e educativo, nas áreas deprimidas das Filipinas, nos Camarões, nos campos de refugiados da Tanzânia, no Congo, Brasil, Argentina, México e Haiti.

Adoções à distância. Mais de 18.000 em 45 países. ONG: Amu (United World Action) e New Humanity (www.new-humanity.org).

Por uma cultura de unidade . Abba School, centro de estudos interdisciplinar composto por professores das mais variadas disciplinas: elaboram as primeiras linhas de uma nova cultura, iluminada pelo carisma da unidade. O resultado é um novo desenvolvimento: o Instituto Universitário Sophia (www.iu-sophia.org) em Loppiano, inaugurado a 1 de Dezembro de 2008.

Diálogo com a cultura contemporânea. Foram estabelecidas redes internacionais de estudiosos, profissionais, estudantes e operadores de várias disciplinas: comunicação social, direito, arte, medicina, pedagogia, psicologia, arquitetura, esporte. Promovem conferências, cursos de formação, publicações, em diálogo com a cultura contemporânea. Entre os mais desenvolvidos está o Movimento Político pela Unidade (www.mppu.org), que propõe a fraternidade como categoria política.

Presidência. O Presidente e o Co-Presidente são assistidos por um Conselho Geral. É o atual órgão de governo, eleito pela Assembléia Geral do Movimento, que se reuniu em julho de 2008, após a partida de Chiara Lubich no dia 14 de março de 2008.

Aprovações Pontifícias. Primeira aprovação da Santa Sé: 1962. Seguindo os desenvolvimentos subsequentes do Movimento: em 1990 e Março de 2007.

ORGANIZAÇÃO

Centro da Obra e Conselho geral

«A mútua e continua caridade que torna possível a unidade e traz a presença de Jesus na coletividade, é, para as pessoas que fazem parte da Obra de Maria, a base de suas vidas em todos os seus aspectos: é a norma das normas, a premissa de qualquer outra regra».

Chiara Lubich

Esta premissa encontra-se na primeira página dos Estatutos e dos Regulamentos que delineiam a vida do Movimento no seu conjunto e em suas várias ramificações. Na «mútua e contínua caridade», portanto, vivida e alimentada, está o sentido e o estilo do governo no Movimento dos Focolares. O Movimento, difundido no mundo inteiro, possui uma articulação territorial, organizada em “regiões”.

A Assembleia geral reúne-se a cada seis anos para a eleição da presidente, do copresidente e dos conselheiros do Centro da Obra. A este órgão compete a deliberação sobre modificações nos Estatutos gerais, nos Regulamentos dos setores e sobre a aprovação de outros regulamentos que se façam necessários. O Centro da Obra compreende a presidente, o copresidente, os conselheiros eleitos pela Assembleia geral. Tem a responsabilidade de garantir e incrementar a unidade em toda a Obra, direcionando-a à realização de seus objetivos e cuidando da coordenação entre as suas partes.

A presidente. Como fixado nos Estatutos, o Movimento será sempre presidido por uma mulher. Isto para sublinhar o seu perfil mariano e a sua conotação prevalentemente leiga, e deste modo “conservar o desígnio que Deus teve sobre ele, por

ter confiado seu início e desenvolvimento a uma mulher”. Como está escrito nos Estatutos, “a sua será acima de tudo uma presidência da caridade, porque deverá ser a primeira a amar, isto é, a servir os próprios irmãos, recordando as palavras de Jesus: “... aquele de quiser ser o primeiro dentre vós seja o servo de todos” (Mc 10,44). A presidente atual é Maria Voce, eleita pela Assembleia geral em julho de 2008 e novamente confirmada, dia 12 de setembro de 2014, para o segundo mandato consecutivo.

Copresidente. Os Estatutos estabelecem que o copresidente seja escolhido entre os sacerdotes membros da seção dos focolarinos. Faz parte de seus encargos “garantir que a vida interna e as atividades da Obra de Maria estejam em conformidade com a fé, a moral e a disciplina da Igreja”. Acompanha também, com uma atenção especial, o setor dos sacerdotes e diáconos diocesanos, dos jovens que se preparam ao sacerdócio e o setor dos membros masculinos dos institutos de vida consagrada. O copresidente atual é Jesús Morán Cepedano, eleito pela Assembleia Geral no dia 13 de setembro de 2014.

Conselho geral. Fazem parte do Conselho geral os membros do Centro da Obra aos quais acrescentam-se os responsáveis centrais das secretarias para os objetivos específicos, os responsáveis centrais dos setores e dos movimentos de amplo alcance. Tem funções consultivas e deliberativas regularizadas pelos Estatutos gerais, mas sua principal incumbência é voltada à manutenção e incremento do espírito de unidade, em todos e entre todos os componentes do Movimento. Território. O Movimento possui uma própria configuração geográfica, a qual permite que seu desenvolvimento seja adequado às características e possibilidades de cada território. Presente atualmente em 182

países, articula-se em “regiões”, entendidas como “locais” (em alguns casos, determinadas áreas geográficas, em outros, nações inteiras) nos quais o Movimento encontra-se estruturado no seu conjunto. Para cada “região” a presidente nomeia como seus delegados uma focolarina e um focolarino, que tem a responsabilidade pela vida e as atividades daquele território, com um conselho regional. Cada região é formada por diversos centros ou focolares (femininos e masculinos), os quais, com um conselho local, promovem a difusão de todos os aspectos e obras existentes no Movimento. Coligada a eles, e presente em todo o território, existe enfim uma rede de comunidades locais, compostas por pessoas de todas as idades, que atuam nos vários âmbitos da sociedade, para testemunhar, no lugar onde estão, a unidade e os valores do Evangelho.

Articulação

Focolarinos. Uma vida pela unidade

Os focolarinos deram o nome ao Movimento dos Focolares. Vivem em pequenas comunidades de leigos, os focolares, coração de todas as realidades que compõem o Movimento, e empenham-se em manter vivo o “fogo”, do qual deriva o nome focolare.

São homens e mulheres que trabalham e colocam em comum os próprios bens. Foram atraídos por Deus e a Ele deram as suas vidas, firmemente convictos do Seu amor. Deixaram pai, mãe, família, pátria, para contribuir para a realização da oração de Jesus: “Que todos sejam um” (Jo 17,21).

Eles podem ser encontrados na ONU e junto aos doentes e aos pobres nas periferias das metrópoles, numa fábrica ou em territórios de “fronteira”, nos arranha-céus e nas favelas, nos

vilarejos e nas capitais. Desejam tornar Jesus presente, segundo as palavras da Escritura: “Onde dois ou mais estão unidos em meu nome eu estou no meio deles”(Mt 18:20). Esta experiência de unidade com Deus é a força que os leva a lançar pontes de paz, a acender luzes de esperança na escuridão, a responder com o amor à violência. Cada ruptura, cada divisão os atrai como um ímã, porque lá a unidade é mais urgente e necessária, e por ela é preciso consumir-se.

No mundo inteiro os focolarinos e as focolarinas, de diversas nacionalidades, raças e também credos religiosos, são, no total, 7160, em 742 focolares, presentes em 83 países.

Poderia remeter a eles o escrito de Chiara Lubich: “A grande atração do tempo moderno: atingir a mais alta contemplação e permanecer misturado com todos... Diria mais, perder-se na multidão para impregná-la de divino... Partícipes dos desígnios de Deus sobre a humanidade, traçar sobre a multidão recamos de luz, e, ao mesmo tempo, dividir com o próximo a vergonha, a fome, os ultrajes, as alegrias fugazes”.

Alguns focolarinos são ordenados sacerdotes à serviço do Movimento.

Este fogo contagiou também pessoas casadas, fiéis ao próprio estado de vida e, ao mesmo tempo, membros do focolare, pela escolha radical de viver o Evangelho. O primeiro focolarino casado foi Iginio Giordani. Quando ambos os esposos compartilham desta vida têm-se as famílias focolare: cônjuges disponíveis, segundo a situação familiar, a deslocar-se para outras partes do mundo, onde a presença deles pode ser uma contribuição fundamental para a unidade.

A dos focolarinos é uma vida exigente, não isenta de dificuldades ou fracassos, que consideram como matéria prima para declarar a Deus que, neste compromisso pela unidade, Ele é tudo e eles nada, mas com Ele tudo é possível.

Tudo começou com Chiara Lubich, a fundadora do Movimento dos Focolares, que define o focolare “... imagem da família de Nazaré: uma convivência, no meio do mundo, de pessoas virgens e casadas totalmente doadas a Deus, ainda que de formas diferentes”.

Voluntários

Os Voluntários de Deus, uma ramificação do Movimento dos Focolares, são homens e mulheres de todas as profissões e categorias sociais, que escolhem seguir Deus de forma radical e livre – daqui a palavra “voluntários” – vivendo, na cotidianidade da sua vida, a espiritualidade evangélica da unidade.

Desde os primórdios do Movimento Chiara Lubich sentiu-se impelida em direção à humanidade. Recordando os primeiros tempos afirmava: “Eu penso que a nossa experiência, de quando Jesus em meio a nós ‘multiplicava os pães’, para contribuir a resolver os problemas sociais de Trento, era uma manifestação do desígnio dos voluntários, como a primeira semente”.

Semente que tomou vida e corpo em 1956 quando, diante dos trágicos acontecimentos da Hungria, o papa Pio XII pronunciou o ardoroso apelo: “Deus, Deus, Deus...”, para que ecoasse “o nome de Deus nas praças, nas casas, nas oficinas...”.

Chiara acolheu aquele grito, e como um reflexo dele afirmou: “São necessários autênticos discípulos de Jesus no mundo. Discípulos que, voluntariamente, o seguem. Um exército de voluntários, porque o amor é livre (...). Uma sociedade que testemunhe um único nome: Deus”.

A resposta foi imediata: funcionários, médicos, enfermeiros, operários, políticos, professores, empresários, etc., querem ser estes “voluntários de Deus”. Um chamamento

tipicamente leigo, porque sentem “a vocação característica de permear as realidades humanas com o espírito de Deus”. Uma tal vida fascinou muitas pessoas, que se comprometeram neste caminho de santidade, na medida em que o Movimento difundiu-se nos cinco continentes.

No final dos anos sessenta, vendo as muitas iniciativas e obras sociais, surgidas da vida e da ação dos voluntários, Chiara lhes confiou o Movimento Humanidade Nova, expressão do Movimento dos Focolares no âmbito social.

Em 1983, durante o grande evento “Rumo a uma Nova Humanidade”, que teve a presença e a palavra de João Paulo II, Chiara apresentou os Voluntários de Deus e delineou a sua vocação: “doação total a Deus sem consagrações especiais. Mergulhados no mundo, lugar privilegiado para a sua irradiação, praticam o Evangelho à exemplo das primeiras comunidades cristãs, que desejam imitar neste século, sendo um só coração e uma só alma, com a conseqüente ‘comunhão de bens’ espirituais e materiais. No nosso mundo (...) eles procuram levar o fogo, a luz e a força, a riqueza do Ressuscitado, esforçando-se para que resplandeça em si mesmos, com o abraço da cruz de cada dia, e buscando gerar, com a mais profunda unidade entre eles, a Sua presença nas casas, nos hospitais, nas escolas, nos parlamentos, nas fábricas, em todas parte”.

Em 2006, por ocasião do aniversário de 50 anos do nascimento dos Voluntários, com a presença de 11 mil pessoas, em Budapeste, na Hungria, Chiara focalizou novamente esta vocação, chamando-os a responder aos desafios atuais, porque “o mundo necessita de homens credíveis, construtores de uma humanidade nova nos vários âmbitos da sociedade”. E concluiu: “Aspirem realizar o projeto de Deus sobre a humanidade: a fraternidade universal”.

Atualmente os voluntários e voluntárias são cerca de 20 mil, e são quatro mil aqueles que se preparam para ingressar entre eles. Dentre todos estão católicos, cristãos pertencentes a diversas Igrejas e alguns fiéis de outras religiões.

Famílias Novas

O Movimento Famílias Novas, um ramo do Movimento dos Focolares, surgiu em 1967. É composto por famílias que se propõem viver a espiritualidade da unidade e irradiar no mundo da família os valores que promovem a fraternidade universal.

Desenvolve atividades formativas para a família e de acompanhamento para noivos; tem uma atenção especial para casais em crise, viúvos, separados e casais em situação irregular; empenha-se na promoção de uma cultura da família e de adequadas políticas familiares, por meio de encontros e publicações, e colaborando com diversas agências educativas.

O seu estilo de vida enraíza-se no Evangelho vivido na vida de casal, no crescimento dos filhos, colocando-se num diálogo construtivo com outras famílias e, ao mesmo tempo, com as diversas realidades culturais, civis e eclesiais do território.

Desde o início – com a preciosa contribuição de Iginio Giordani, escritor e homem político italiano, e primeiro focolarino casado – Chiara Lubich sempre ressaltou, com força, a beleza do desígnio de Deus sobre o matrimônio, salientando a importância da função educativa dos pais e a ação social da própria família. “Creio que o carisma da unidade, enxertado na instituição sagrada do matrimônio, realize uma obra-prima da qual é difícil aperceber-se”, comentou Chiara em uma palestra de 1974.

Por isso sempre estimulou Famílias Novas a centralizar o compromisso dos dois esposos a amarem-se mutuamente, e a dirigir-se às famílias em dificuldade, divididas, a pessoas em estado de viuvez, às crianças abandonadas e a todas as situações de marginalidade.

No histórico discurso de fundação de Famílias Novas, em 19 de julho de 1967, deu-lhes um mandato: “Aqui, diante de vocês, parece-me ver Jesus que olha para o mundo, vê as multidões e tem piedade. Porque a parte de mundo que foi colocada sobre as costas de vocês é a mais dilacerada, a mais semelhante a Ele abandonado. Porém, através dos nossos olhos, é o mesmo Jesus que deve olhar para essas multidões e agir, para que esta piedade não fique no plano sentimental, mas se transforme em obras”.

Com o passar do tempo surgiram associações que atuam pelo bem da família, através de atividades de caráter cultural, espiritual e material, em diversos países do mundo.

Entre estas:

– Ação por Famílias Novas (AFN), opera na Itália desde 1998, segundo três diretivas:

1. Iniciativas culturais e formativas para as famílias e sobre a família.

2. Cooperação ao desenvolvimento: inclusive através do sustento à distância para famílias e menores em graves dificuldades financeiras, com projetos ativos em 53 países.

3. Adoções internacionais: desde 2001 a AFN opera como entidade autorizada pela Comissão das Adoções Internacionais da Presidência do Conselho dos Ministros, da Itália, em colaboração com mais seis países.

– A Escola Loreto: Estabelecida em Loppiano (Florença-Itália) desde 1982, organiza cursos residenciais para todo o núcleo familiar, nos quais são aprofundadas diversas temáticas

familiares sob a luz da espiritualidade da unidade. Retornando aos seus países as famílias que a frequentam tornam-se referência para outras famílias. Até agora participaram 1500, de todos os continentes.

Etapas importantes do Movimento Famílias Novas foram os “Familyfest”, encontros internacionais que reuniram periodicamente, em Roma, milhares de famílias, que puderam compartilhar experiências e projetos.

“Hoje a família necessita de uma forte injeção de amor”, recordou Chiara Lubich às 22 mil pessoas presentes no primeiro Familyfest, em 1981. E acrescentou: “O nosso Movimento deseja revitalizar o amor que está implícito em cada família, com aquele amor que é puro dom de Deus”.

Durante o Genfest 1992, Chiara falou da família como “uma semente de comunhão para a humanidade do terceiro milênio”, desejando que “seus valores conaturais – a gratuidade, o espírito de serviço, a reciprocidade – possam ser transferidos a toda a família humana”.

A mensagem de viver e testemunhar o amor mútuo na família “para que se aproxime a hora na qual, sobre a terra, todos serão uma coisa só”, dirigida por ela ao Familyfest 2005, chegou a outros 7 dos 145 eventos realizados simultaneamente pelo mundo, em conexão via satélite diretamente da Praça do Capitólio, em Roma.

A 40 anos da fundação, vendo o desenvolvimento e os frutos de Famílias Novas, Chiara salientou “o desígnio ousado, estupendo e exigente da primeira célula da sociedade”. De fato “esta tem uma importância enorme na construção de um mundo de paz (...)”. “Vocês existem – continuava – para serem testemunhas de unidade, de amor duradouro, de Evangelho vivido. Assim não apenas viverão na alegria, mas continuarão a atrair muitos corações ao amor, até realizar, com todo o

Movimento dos Focolares, a fraternidade universal”. (3 de novembro de 2007).

Atualmente são 800.000 as Famílias Novas, no mundo inteiro.

site: www.famiglienuove.org

Gen

“Jovens de todo o mundo, uni-vos!”. Foi o apelo que Chiara Lubich dirigiu, em 1967, aos jovens e adolescentes que faziam parte do Movimento. Propôs-lhes «convocar o maior número possível de jovens do mundo e lançar uma grandiosa revolução ao grito de “unamo-nos!”».

“Uma revolução de amor” – explicou – que tem como finalidade a realização do testamento de Jesus “Que todos sejam um”. Milhares de jovens, no mundo inteiro, aderiram a este programa, e daí nasceu o Movimento gen: “geração nova” do Movimento dos Focolares.

Em 1968, um gesto simbólico delineou as suas características. Aos gen foi entregue um troféu, que representa a passagem de uma bandeira, da primeira à segunda geração. Nesta estão escritas duas frases: “Que todos sejam um” (Jo 17,21) e “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). A primeira define o programa, a segunda, o segredo para atuá-lo.

Dentro do Movimento gen foram se delineando, progressivamente, as seguintes distinções, por faixa etária.

Gen 2

Estão presentes no mundo inteiro e pertencem às mais diferentes culturas, extrações sociais, religiões e há também quem não professa um credo religioso. Representam a segunda

geração do Movimento dos Focolares do qual assumem o carisma, integralmente.

Descobriram que viver o Evangelho determina uma verdadeira revolução em suas vidas, uma revolução capaz de mudar o mundo, e comprometem-se em vivê-lo com coragem e determinação. Sabem que a força e a perseverança derivam da presença de Jesus, que Ele mesmo prometeu: “onde dois ou estão três reunidos em meu nome eu estou no meio deles” (Mt 18,20).

É por isso que se reúnem periodicamente em pequenos grupos, denominados “unidades gen 2”, onde procuram manter sempre viva essa presença de Jesus no meio deles; lá partilham as próprias experiências da vida da Palavra, ajudando-se e encorajando-se mutuamente.

Os gen 2 são os principais animadores do Movimento Jovens por um Mundo Unido, através do qual incidem na sociedade, promovendo a fraternidade universal.

Gen 3

Adolescentes, entre 9 e 17 anos de idade, os gen 3 são a terceira geração do Movimento dos Focolares. Foi em 1970 que, percebendo neles uma personalidade bem definida, muito diferente da dos jovens, Chiara propôs dedicar-lhes uma formação específica e distinta.

Floresceu assim um grande número de adolescentes que vivem o ideal da unidade com convicção e de modo radical; como é típico da idade deles, não se deixam desencorajar pelas dificuldades ou pelo negativo que existe no mundo. Os gen 3 vivem para levar a unidade em todos os ambientes onde se encontram: em família, na escola, com os amigos.

O seu programa de vida está resumido nestas palavras de Chiara:

“Os gen 3 miram muito alto (...). Eles perceberam que no mundo, na história, entre as pessoas que marcaram mais profundamente, estão os santos. Estes arrastaram multidões, levaram muitas pessoas a Deus, mudaram a realidade social do mundo (...). [Os gen 3] querem ser – e não se maravilhem – uma geração de santos”.

Ao redor dos gen 3 agrega-se uma quantidade inumerável de meninos e meninas que desejam partilhar o seu mesmo estilo de vida, e formam o Movimento Juvenil pela Unidade. Percorrem juntos diversos caminhos, que chamam “trilhas”, e que se traduzem em iniciativas locais e internacionais, para construir um mundo unido.

Gen 4 – Gen 5

Como acontece em qualquer família, às crianças é reservado um lugar privilegiado: são os gen 4, dos 4 aos 8 anos, e os gen 5, os menores, até 4 anos.

Com uma sensibilidade especial ao amor, aprendem a vivê-lo concretamente através do exemplo daqueles que vivem a espiritualidade da unidade. Descubrem que quando este amor é recíproco, traz a presença de Jesus, e aprendem a conhecê-lo, criando com Ele um relacionamento simples e direto.

Em seus encontros, inclusive internacionais, tem contato com crianças e adultos de diversas culturas e religiões, experimentam desde pequenos que são todos filhos de um único Pai, o que os leva a abrirem-se naturalmente, ao mundo inteiro.

Todas as manhãs jogam o “Dado do Amor” (criado por Chiara para eles), que tem em cada lado um ponto da “arte de amar”: amar a todos, ser os primeiros a amar, “fazer-se um” com o outro, ver Jesus no outro, amar o inimigo e amar-se

mutuamente. A frase que cai eles procuram viver durante o dia, e depois contam suas experiências e a alegria que encontram quando amam o próximo.

Levam este “Dado do Amor” a suas escolas, o mostram a amigos e parentes. Já existem classes e escolas inteiras, grupos paroquiais e projetos educativos, que assumiram o “Dado do Amor” em suas atividades.

De modo especial, o amor os leva a viver a cultura da partilha, de muitas maneiras: dar um sorriso, dar uma mão, dar companhia, doar uma parte do lanche, dar consolação, dar alegria, dar uma ajuda aos pobres, dar perdão... e assim descobrem que “quando amamos somos felizes, e se amamos sempre somos sempre felizes!”.

Gens

Breve histórico

Depois do Concílio Vaticano II, durante um período de crise para as vocações sacerdotais, Chiara Lubich sente o impulso de evidenciar a presença dos seminaristas que, em várias nações, já mantinham contato com o Movimento dos Focolares. Pela primeira vez setenta deles se reuniram por ocasião da Páscoa de 1986, no Centro Mariápolis de Rocca di Papa. “Seria uma coisa maravilhosa – afirmou Chiara Lubich – se o Senhor fizesse surgir uma fileira de seminaristas que, com o espírito da unidade, salvassem não somente a própria vocação e, também, possivelmente, suscitasse durante o tempo de vida no seminário uma irradiação tão grande da unidade que atraíssem outros jovens”.

Foi o nascimento de uma nova expressão do Movimento dirigida aos jovens chamados ao sacerdócio: os Gens. Em seguida, um número crescente de seminaristas assumiu a espiritualidade de comunhão nascida no Movimento dos

Focolares. Unidos aos respectivos formadores e inseridos completamente na vida do seminário onde vivem, eles encontram no Ideal da unidade uma chave decisiva para responder com entusiasmo e alegria o chamado ao sacerdócio. A comunhão, no Movimento, com pessoas pertencentes às mais diferentes vocações, os conduz a uma sempre mais profunda compreensão do próprio lugar na “Igreja-comunhão”.

A espiritualidade da unidade os ajuda especialmente a fazer a escolha fundamental da vida: escolher Deus antes ainda do sacerdócio; os ajuda a viver com profundidade a Palavra de Deus para, depois, anunciá-la sendo testemunhas críveis; a conformar a própria vida com Jesus crucificado e abandonado, modelo do sacerdote; a ser construtores de unidade no seminário e na própria diocese; a abrir-se a todos com a arte de amar que fundamenta-se no Evangelho.

No dia 29 de dezembro de 1994, João Paulo II encontrou os Gens e se dirigiu a eles nestes termos: “É uma coisa boa que vocês estejam aqui em Castelgandolfo porque ‘focolare’ expressa algo muito simples e muito profundo: existe um ‘estar juntos’. E, desta forma, a vocação ao seminário não é uma vocação solitária, eremita; é uma vocação a viver juntos. Viver para os outros, em uma família mais alargada. E eu penso que a espiritualidade focolarina os prepara muito bem a esta vocação”.

Movimento Gens 3

Atraídos por este estilo de vida também os seminaristas que cursam o ensino médio e outros jovens que se orientam ao sacerdócio encontram uma luz na própria caminhada. Em 1980 nasceu o Movimento Gens 3: a terceira geração do Movimento Sacerdotal.

Iniciativas

Múltiplas as iniciativas do Movimento Gen's para encorajar a realização de um estilo de vida comunitário e familiar nos seminários: troca de experiências da vivência do Evangelho em pequenos grupos locais, encontros regionais, campos de trabalho, férias em grupos, cursos de aprofundamento, entre outras. São também organizados periodicamente congressos internacionais e existe ainda uma comunhão de notícias e experiências de vida por meio da revista de vida eclesial Gen's, tanto na edição impressa quanto eletrônica.

Sacerdotes

Desde a década de 50 diversos sacerdotes diocesanos foram atraídos pelo espírito de unidade, centralizado sobre o mandamento do amor recíproco, que caracteriza o Movimento dos Focolares. Encontraram nele uma resposta do Espírito para a "corrente" de renovação que atravessa a Igreja e que tem seu ponto focal no Concílio Vaticano II.

A participação no Movimento não os retira da vida das suas dioceses, mas os estimula, em meio às suas atividades normais, a propor e fazer crescer o espírito de unidade entre todos, a partir do presbitério diocesano, em pleno acordo com o bispo e abertos ao diálogo universal.

Em Jesus crucificado e abandonado, ponto fundamental da espiritualidade da unidade, eles encontram o caminho e a medida para a vida de seu ministério como puro serviço, dando a vida por todos. É Ele, de fato, o "sacerdote" por excelência, aquele que gera a Igreja fazendo dela "casa e escola de comunhão", como fermento de unidade para a humanidade inteira.

O primeiro focolare de “sacerdotes e diáconos focolarinos” nasceu em Roma, em 1964. Hoje são mais de 200 no mundo, compostos por sacerdotes diocesanos e diáconos permanentes, que empenham-se em viver a unidade pedida por Jesus ao Pai (cf. Jo 17), em espírito de pobreza, castidade e obediência. Onde a situação o permite fazem vida em comum. Em todo caso realizam uma intensa fraternidade entre eles, e a testemunham em seu ministério.

Outra forma de ação são os “sacerdotes e diáconos voluntários”, que reúnem-se regularmente em “núcleos”, e buscam animar com o espírito da unidade as diversas articulações da Igreja e os campos da pastoral, da evangelização ao testemunho da caridade, da liturgia aos mundos da família e dos jovens.

Em 1968 Chiara Lubich lançou para os seminaristas o Movimento Gens (geração nova sacerdotal), atualmente presente em cerca de 400 seminários, nos cinco continentes. O imperativo de colocar Deus em primeiro lugar salva muitas vocações e suscita outras. O amor mútuo leva a descobrir o celibato com uma nova luz: viver como Jesus para fazer da humanidade uma família.

Ao redor dos sacerdotes e gens toma vida o Movimento sacerdotal, que chega a cerca de 20 mi sacerdotes e envolve também ministros de diversas Igrejas cristãs, que desejam partilhar o espírito e a vida do Movimento. Este promove encontros, momentos de intercâmbio, de comunhão e de formação com outros sacerdotes, diáconos e seminaristas. Com eles deseja irradiar a luz do amor evangélico em cada expressão da vida eclesial.

Surgem então comunidades que procuram refletir o estilo de vida das primeiras comunidades cristãs. Como fruto

dessa irradiação Chiara fundou o Movimento paroquial e o Movimento diocesano.

O Centro internacional de espiritualidade para sacerdotes, diáconos permanentes e seminaristas, com sede na Mariápolis internacional de Loppiano (Florença – Itália) recebe para um período de um ano ou seis meses, aqueles que, com o consenso do próprio bispo, desejam fazer a experiência de uma “escola de vida”, onde as horas de trabalho alternam-se com momentos dedicados ao aprofundamento da espiritualidade da unidade e da sua concretização em nível pessoal, eclesial e social.

Caminhos formativos são disponibilizados também em outros Centros de espiritualidade, nas Mariápolis permanentes na Ásia, África, América Latina e também na Europa.

Bispos

Desde o início do Movimento dos Focolares, entre todos aqueles que participavam havia uma relação de completa e confiante disponibilidade em aderir às palavras dos respectivos bispos.

Em breve tempo os próprios bispos perceberam que a espiritualidade da unidade não era feita apenas para os leigos, os religiosos, os sacerdotes, mas tinha algo a dizer também a eles.

Em 1977, a convite do grande teólogo Klaus Hemmerle, bispo de Aquisgrana, na Alemanha, realizou-se o primeiro encontro de bispos amigos do Movimento dos Focolares, desejosos de aprofundar e viver a sua espiritualidade de comunhão. Eram 12 os presentes na audiência geral no Vaticano, provenientes dos cinco continentes. Ao cumprimentá-los Paulo VI os encorajou a prosseguir. No ano sucessivo, encontrando-os pela última vez, assim se exprimiu:

«Como chefe do colégio apostólico os encorajo, os estimulo, os exorto a continuar nesta iniciativa».

Poucos anos depois, em fevereiro de 1982, João Paulo II dirigiu-se a eles dizendo: «o anseio pela unidade vos levará a incumbir-vos, com entusiasmo sempre renovado, do problema ecumênico, levando-vos a tentar qualquer iniciativa útil».

E assim aconteceu. Bispos de várias Igrejas cristãs também assumiram a espiritualidade da unidade, e começaram a encontrar-se anualmente em locais símbolos do ecumenismo: Istambul, Londres, Amã, Beirute, Genebra, Bucareste, Augsburg, Trento, Praga, Lutherstadt Eisleben/Wittenberg e, evidentemente, Roma. São ligados pela comum pertença a Cristo.

Hoje os bispos amigos do Movimento são algumas centenas e promovem encontros em nível internacional, além de nacional ou regional.

«Concorrer para dar espírito à colegialidade», esta foi a indicação dada por Chiara Lubich aos primeiros bispos amigos. «Esta comunhão trará uma vantagem inclusive para cada diocese – Chiara assegurava – porque se os bispos forem assim, sempre alegres, sempre disponíveis, todos se aproximarão».

A relação dos bispos com o Movimento dos Focolares é de natureza magnificamente espiritual e ilumina os variados campos de seu ministério: da atividade pastoral às relações com os colaboradores, dos diálogos intra e extra eclesiais à evangelização.

Eles reconhecem que a espiritualidade da unidade está «em profunda sintonia com o carisma episcopal, reforça a colegialidade efetiva e afetiva e a unidade com o Santo Padre e entre os bispos, e, enfim, leva a atuar os ensinamentos do Concílio Vaticano II sobre a Igreja-comunhão». Assim se lê no Regulamento do setor dos «Bispos amigos da Obra de Maria»,

reconhecidos como tais pelo Papa e aprovados pelo Pontifício Conselho para os Leigos, com carta de 14 de fevereiro de 1998.

Também chefes de várias Igrejas cristãs, como o Patriarca ecumênico de Constantinopla, Sua Santidade Bartolomeu I, e o Primaz da Comunhão Anglicana, bispo Rowan Williams, exprimiram o próprio apreço por estas iniciativas.

Religiosos

«Jesus é o Verbo de Deus encarnado. A Igreja é o Evangelho encarnado: por isso é Esposa de Cristo... Cada família ou ordem é a personificação, por assim dizer, de uma expressão de Jesus, de uma atitude sua, de um fato da sua vida, de uma dor, de uma palavra sua... a Igreja é um majestoso Cristo desdobrado através dos séculos... Na Igreja o Amor assumiu diversas formas, e são as ordens e famílias religiosas. Nós devemos apenas deixar que o Amor circule entre elas. Devem compreender-se, entender-se, amar como se amam [entre si] as Pessoas da Trindade» (Chiara Lubich)

Tornar visível uma Igreja e uma humanidade reavivadas pela fraternidade e pela comunhão entre todos os carismas, favorecer a unidade na própria família religiosa ou comunidade, redescobrir o próprio fundador, viver com vigor renovado as próprias Regras e as Constituições, atualizar o próprio carisma na realidade atual da Igreja e da humanidade: são alguns dos efeitos espirituais e objetivos dos membros dos diversos Institutos de vida consagrada, Sociedades de vida apostólica e Novas comunidades que aderem ao Movimento dos Focolares.

Os primeiros a mostrar interesse pela nova espiritualidade que nascia foram os Capuchinhos de Trento. A dois passos da sua igreja e convento, na Praça dos Capuchinhos n. 2, sob os seus olhos, portanto, tomava forma aquela primeira

convivência de virgens que logo assumiria o nome de “focolare”.

Em 1947, graças a uma viagem de Chiara Lubich a Assis e a Roma, outros religiosos entraram em contato com o ideal da unidade e começaram a se reunir entre eles, para partilhar as experiências evangélicas que este suscitava.

O ano de 1967 assinalou uma etapa importante. No verão daquele ano, 25 religiosos provenientes de toda a Europa, passaram 15 dias juntos, nos arredores de Trento, para aprofundar o conhecimento do carisma na unidade. Considera-se aquele momento o início do ramo dos religiosos dentro do Movimento dos Focolares, com características que Chiara mesma explicava: «A unidade entre eles não deveria ter nada de organizado... os religiosos são unidos pela espiritualidade».

O mesmo aconteceu para as religiosas. Uma etapa histórica para elas foi a audiência do dia 14 de abril de 1971, com Paulo VI, com a presença de 400 religiosas, de 20 nações e de 80 congregações. Naquela ocasião o Papa indicou-lhes um caminho: «Aprofundar o conhecimento e a unidade com seus respectivos fundadores, no clima da fraterna caridade próprio do Movimento dos Focolares».

Ao redor dos religiosos e das religiosas surgiram os e as gen-re (geração nova dos religiosos), que reúne religiosos e consagrados na primeira etapa de formação, ou seja, jovens que, preparando-se para a vida consagrada das diversas ordens, desejam viver a espiritualidade da unidade.

Nos Estatutos gerais da Obra de Maria, aprovados em 1990 por João Paulo II, através do Pontifício Conselho para os leigos, foi reconhecido que os membros dos Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica, podem ser membros do Movimento a pleno título. O vínculo é «essencialmente um compromisso de natureza espiritual»,

como se lê no art. 5 de seu Regulamento, e não pode prescindir do consenso dos próprios superiores.

Para favorecer aos membros dos Institutos de vida consagrada, Sociedades de vida apostólica e Novas comunidades, o aprofundamento e a prática da espiritualidade da unidade, surgiram alguns Centros internacionais de espiritualidade, localizados nas cidadezinhas de testemunho do Movimento dos Focolares. Neles os religiosos e consagrados presentes testemunham o próprio carisma, na reciprocidade dos relacionamentos.

No dia 25 de outubro de 2004, a Pontifícia Universidade Lateranense, Instituto “Claretianum”, conferiu a Chiara Lubich o doutorado h.c. em Teologia da Vida Consagrada.

A revista “Unidade e Carismas”, editada em oito línguas, contribui para a difusão do seu pensamento e para a comunhão entre os carismas.

Movimento Juvenil pela Unidade

É constituído por 150 mil adolescentes, de 182 países, dos cinco continentes. Seu objetivo: um mundo unido. Eles sabem que não é uma utopia, mas o futuro que desejam construir. Um compromisso que parte de cada um e que buscam realizar no dia a dia, no lugar onde vivem: na escola, na família, com os amigos, nas suas cidades.

Este movimento de amplo alcance surgiu em 1984 ao redor dos gen 3, terceira geração do Movimento dos Focolares. Com eles tem em comum o ideal da fraternidade e a dedicação em construí-la, percorrendo todas as “trilhas” possíveis, para derrubar as barreiras do ódio e da indiferença.

Acreditam no amor evangélico como única força capaz de mudar o mundo, procuram vivê-lo e interessar seus amigos e todas as pessoas que os cercam. Comprometem-se em viver a

Regra de Ouro: “Fazer aos outros o que gostaríamos fosse feito a nós”, presente na Bíblia e nos livros sagrados de muitas grandes religiões e princípio compartilhado por muitos. De fato, vivendo esta “regra”, na fidelidade à própria fé, nascem relacionamentos novos, capazes de contribuir para a realização da paz e da fraternidade,

Testemunham o ideal do mundo unido através de encontros, assembleias escolares, jogos, iniciativas esportivas, ações ecológicas, eventos de vario tipo. Utilizam a linguagem da música ou das palavras, da arte ou das ações, para chegar a todos os seus coetâneos.

Querem levar a unidade no lugar onde estão, construindo pontes com quem é diferente pela cultura, idade, religião; vão ao encontro dos desabrigados ou imigrantes; procuram dialogar com todos os tipos de pessoas, para encontrar pontos de encontro com cada uma, e descobrir que a fraternidade universal é possível, a partir do conhecimento pessoal e de relacionamentos verdadeiros. Por esta razão nasceu o projeto “Vamos colorir a cidade”, que os leva a “colorir”, por meio de ações concretas de fraternidade, os locais mais “cinzentos” dos bairros onde vivem, lá onde existe mais pobreza, solidão, marginalidade. Desejam contribuir para a transformação de suas cidades em um lugar que seja “casa para todos”. Envolvem outros adolescentes em suas ações, mas também adultos, famílias e instituições.

São construtores de paz, em nível pessoal e todos juntos, promovem caminhadas pela paz, encontram-se cotidianamente no “time-out” – um encontro marcado com todo o Movimento Juvenil do mundo, ao meio-dia, hora italiana, para um minuto de silêncio ou de oração pela paz –,

são protagonistas das mais diferentes ações locais e mundiais voltadas à sua realização.

Vivem a cultura da partilha: compartilham o que tem (bens materiais, talentos, tempo...) com os outros adolescentes do Movimento Juvenil, como numa família: quem tem mais divide com quem necessita. Realizam inúmeras atividades, como as Feiras Primavera, que ajudam a sustentar os “Projetos Dar”, microrrealizações criadas em vários países do mundo, em favor de adolescentes mais pobres.

O Projeto Schoolmates coloca em rede escolas ou classes de países diferentes, mantêm-se em contato e promovem um intercâmbio de suas culturas e iniciativas em função da construção de um mundo unido. Através de um fundo de solidariedade sustentam bolsas de estudo para adolescentes que não teriam a possibilidade de estudar, porque vivem em países em guerra ou com graves desequilíbrios sociais ou econômicos.

A sua história

1984. No dia da Páscoa Chiara manda uma mensagem aos gen 3, reunidos para uma escola de formação internacional. Nela propõe que envolvam o maior número possível de adolescentes na realização de um mundo unido: é o nascimento do Movimento Juvenil pela Unidade.

1985. Chiara lança as “trilhas pela unidade”, que devem ser percorridas junto a todos os adolescentes do mundo, para construir um mundo unido; a primeira é a trilha vermelha: uma comunhão de bens planetária, entre todo o Movimento Juvenil, para ajudar os mais necessitados e sanar as desigualdades.

1987. Em Castelgandolfo acontece o primeiro Supercongresso da história: o encontro mundial do Movimento Juvenil pela Unidade.

1987. No Summit dos Chefes das Grandes Religiões pela Paz, em Kyoto (Japão), entregam 147 mil assinaturas de adolescentes do mundo inteiro, demonstrando o seu compromisso em construir a paz, e assim percorrem a trilha amarela.

1988. É o Ano Europeu do Cinema e da Televisão, o Movimento Juvenil pela Unidade lança a Ação TV por um mundo unido. Com uma mensagem entregue à Comissão Europeia sobre Cinema e TV, ao Conselho da Europa e à ONU, em Nova Iorque, com 750 mil assinaturas, propõem que os meios de comunicação contribuam para um mundo unido. É a trilha violeta.

1990. Por ocasião da primeira guerra do Golfo o time-out é proposto a todo o Movimento dos Focolares. Desde então, este encontro marcado todos os dias, continuará a ser um momento de silêncio e oração, para pedir o fim de todas as guerras.

1992. É a explosão do Movimento Juvenil pela Unidade. No segundo Supercongresso estão presentes 9 mil adolescentes, de todas as partes do mundo, mostrando um movimento já muito difundido e comprometido, em todas as latitudes.

1997. No terceiro Supercongresso é lançada a ação “Agora, alegria para todos”.

2000. No décimo aniversário da Convenção sobre os direitos da infância, participam, em Tóquio, da primeira Conferência das Crianças para a Vida, ocasião de diálogo entre adolescentes de 40 países sobre a paz e a unidade, em vista do novo milênio. O documento final, endereçado aos chefes de Estado, é assinado por 200 mil pessoas, no mundo inteiro, e entregue à ONU, em Nova Iorque.

2002. No quarto Supercongresso os adolescentes invadem as ruas de Roma com uma manifestação no Coliseu. Eram 10 mil, para testemunhar o próprio compromisso pela fraternidade universal. Nasceu o Projeto Schoolmates, inserido na trilha anil.

2005. Percorrem a trilha verde e realizam a primeira edição do Run4unity: um revezamento esportivo mundial pela paz.

2008. A segunda edição do Run4unity tem a participação, nos diferentes fusos horários, de mais de 100 mil adolescentes de etnias, culturas e religiões diferentes. Ao “passar o bastão” demonstram a sua decisão de construir a unidade e estender, simbolicamente, um arco-íris de paz sobre o mundo. Estavam envolvidas 300 cidades em 87 países.

2009. O Supercongresso acontece na Índia.

Info. <http://www.teens4unity.org/>

Jovens por um Mundo Unido

Desde o início do Movimento os jovens estiveram presentes como protagonistas; a sua fisionomia específica começou a se delinear a partir de 1967, quando Chiara Lubich, com o lema “Jovens de todo o mundo, uni-vos!”, colocou as bases para a constituição dos movimentos juvenis.

No ano seguinte nascia o Movimento gen e em 1985, como irradiação deste, os Jovens por um Mundo Unido*. Responderam àquele chamado, e ainda hoje continuam a responder, jovens entre os 17 e 30 anos, espalhados por toda parte, nos cinco continentes, de diferentes etnias, nacionalidades e culturas.

Pertencem a diversas denominações cristãs, a várias religiões, ou não professam nenhum credo religioso, mas são todos ligados pelo desejo de construir o mundo unido, fazer

com que a humanidade seja, cada vez mais, uma só família, no respeito pela identidade de cada um.

Percorrem todos os caminhos possíveis para construir a fraternidade universal, a fim de sanar as divisões existentes nas famílias, entre as gerações, entre os diversos grupos sociais.

Estão empenhados em campanhas internacionais de apoio à paz e à fraternidade, em manifestações públicas, locais ou mundiais – como os Genfest, nos quais testemunham que é possível viver como irmãos – assim como se comprometem como protagonistas de simples gestos de solidariedade e diálogo, com quem está perto deles cada dia: pessoas necessitadas ou marginalizadas, amigos ou familiares... em cada próximo procuram enxergar um irmão a ser acolhido.

O seu estilo de vida suscita muitas atividades, desde grandes ações para responder com prontidão à situações de emergência, ajudando pessoas e povos atingidos por calamidades naturais ou guerras; até a múltiplos fragmentos de fraternidade, nos quais atuam em ações continuativas locais, em favor dos mais necessitados, como crianças ou moradores de rua, idosos sozinhos, presos ou imigrantes: tudo o que a fantasia sugere para sanar as feridas da sociedade onde se encontram.

Em suas ações envolvem também as instituições, especialmente na Semana Mundo Unido. Trata-se de uma semana na qual todos os Jovens por um Mundo Unido do mundo intensificam as suas atividades e iniciativas, para incidir na opinião pública do próprio país, e testemunhar que é possível viver para construir o mundo unido. A Semana Mundo Unido realiza-se anualmente, desde 1996, traz uma proposta às cidades, às instituições, para a promoção da unidade e da paz em todos os níveis. Promovida pelos jovens, dirige-se a todas as pessoas sensíveis aos mesmos princípios e objetivos.

Aos poucos esta corrente cultural penetra no mundo juvenil, chamado a enfrentar as numerosas dificuldades que o relativismo e o individualismo trazem consigo.

Os Jovens por um Mundo Unido vivem pela fraternidade não apenas em nível comunitário, mas, antes de tudo, pessoalmente.

No seu cotidiano, aqueles que são cristãos procuram consolidar a escolha de Jesus como modelo, e do Evangelho como código de vida; os jovens pertencentes a outras religiões, acolhendo o ideal do mundo unido, encontram um estímulo constante a espelhar-se fielmente nas próprias doutrinas; os que não possuem uma convicção religiosa partilham a regra de ouro, que convida a fazer aos outros o que se gostaria fosse feito a si, sublinhando os mais altos valores da pessoa.

Sabem que a unidade na qual acreditam, e pela qual pelejam, não é apenas um projeto humano, mas o desígnio de Deus sobre a humanidade (“Para que todos sejam uma coisa só”, Jo, 17,21).

Sito Web: www.y4uw.org

Os Genfest

Etapas significativas de sua história foram os Genfest: grandes reuniões internacionais dos Jovens por um Mundo Unido, que acompanharam o nascimento e crescimento do movimento, e mostraram ao mundo a existência de milhares de jovens que vivem pela fraternidade universal, em todas as latitudes.

1973 – Loppiano (Florença, Itália). Reúnem-se 8 mil jovens, realizando aquele que teria se tornado o primeiro Genfest da história.

1975 – Em Roma o Palaeur está lotado; são recebidos e abençoados pelo papa Paulo VI. A partir daquele momento o

Genfest se tornaria o encontro marcado de todos os jovens, a cada cinco anos.

1980 – Em plena guerra fria são 40 mil, reunidos no Estádio Flaminio, em Roma, testemunhando que o mundo unido é possível.

1985 – Nasce oficialmente o Movimento Jovens por um Mundo Unido, preanunciado por Chiara ainda em 1983. O Genfest realiza-se no Palaeur de Roma.

1990 – Finalmente estão presentes também os jovens do leste europeu, logo após a queda do muro de Berlim. São acolhidos por alguém que muito havia contribuído a essa queda: João Paulo II.

1995 – Realiza-se uma difusão mundial do evento, por meio de conexões via satélite e internet.

2000 – O Genfest torna-se um evento da Jornada Mundial da Juventude, em Roma. É a ocasião de testemunhar a santidade de tantos Jovens por um Mundo Unido que já foram para o céu, primeira entre todos Chiara “Luce” Badano, proclamada Bem-aventurada em 25 de setembro de 2010.

2012 – Budapeste, a “cidade das pontes”, foi palco da edição 2012 do Genfest. São 104 as nações representadas, dos cinco continentes, dentre as quais destaca-se um grupo de 250 jovens do Oriente Médio. Numerosos são os cristãos de diversas Igrejas, cerca de cem pertencem a outras religiões e há ainda uma considerável presença de jovens de convicções não religiosas.

*Os principais animadores dos Jovens por um Mundo Unido são os gen (Geração Nova), jovens radicalmente comprometidos na espiritualidade da unidade.

Humanidade Nova

A consciência de que o Evangelho vivido, sob a luz da espiritualidade coletiva proposta por Chiara Lubich, pode dar respostas concretas aos desafios sociais de qualquer lugar e tempo, interpela homens e mulheres de boa vontade a enfrentar com perspicácia e competência os problemas da sociedade de hoje, sanar as chagas e evidenciar as potencialidades de indivíduos e comunidades.

Além do mais, na vida do Movimento, a dimensão espiritual jamais esteve desagregada da social, se já em 1943 Chiara mesma sonhava em “resolver o problema social de Trento”, e com suas primeiras companheiras girava pela cidade para curar as feridas materiais e espirituais dos sobreviventes dos bombardeios, para confortar quem ficara sozinho. Numerosas as experiências vividas nesse sentido, sempre com a extraordinária intervenção da Providência.

Expressão no campo social do Movimento dos Focolares, o Movimento Humanidade Nova tem como objetivo fazer com que as pessoas, seja em seu compromisso cotidiano seja em ações esporádicas, atuem a revolução evangélica, e que esta possa penetrar nas estruturas, renovando-as e gerando esperança, confiança, positividade.

O Movimento Humanidade Nova nasceu em 1968 e tem os seus principais animadores e sustentadores nos voluntários de Deus. São homens e mulheres comprometidos na linha de frente para a atuação das palavras do Evangelho, nos mais variados âmbitos sociais, culturais, econômicos e políticos, para dar respostas concretas aos desafios da sociedade contemporânea. Em 1983, estando já maduro e difundido, o Movimento Humanidade Nova saiu à vida pública, com um evento no Palaeur de Roma, do qual participaram mais de 15 mil pessoas, dos cinco continentes.

Apresentando a João Paulo II os frutos do ideal da unidade, na sua ação em campo social, Chiara Lubich descreveu assim os participantes: pessoas que desejam “testemunhar ao mundo que as circunda, com a própria vida e com a evidência dos fatos, a formidável incidência que o Evangelho tem também sobre o aspecto mais terreno da vida, individual e social, isto é, a contribuição que a Palavra de Deus, colocada em prática, é capaz de oferecer para a construção da cidade terrestre”.

Fazem parte de Humanidade Nova pessoas de todos os credos e condições, pessoas que querem contribuir para dar uma alma à sociedade contemporânea, concorrendo para a renovação de homens e estruturas. Justamente pelo aporte que o Evangelho dá “à construção da convivência civil, revigorando-a e transformando-a com o espírito da unidade, em todos os seus âmbitos” – como se lê no artigo 4 do Regulamento – as pessoas que dele participam, continua o artigo, reconhecem em todas as chagas e divisões da sociedade o grito de abandono de Jesus, e, confiando na promessa que Ele mesmo fez, “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”, agem unidos, para responder com o amor ao Seu grito. Almejam suscitar a reciprocidade até chegar à unidade, cooperando com ideias e ações, para renovar relacionamentos, ambientes, estruturas, até influir nos aspectos políticos e legislativos.

Consideram o canto do Magnificat a sua “Carta Magna”, e confiam a Maria, Rainha dos Povos, a sua ação.

Humanidade Nova, lê-se no artigo 3, “articula-se em ‘mundos’, que representam o conjunto dos vários âmbitos da vida social, com todas as pessoas envolvidas e as diversas categorias que atuam neles”. Por exemplo, do mundo da saúde fazem parte médicos, enfermeiros, doentes; o mundo da

educação inclui professores, serventes, pais, e assim por diante, para todos os outros âmbitos, da política à economia, do direito à arte.

Um de seus últimos desenvolvimentos está voltado, de modo mais específico, ao contexto urbano: o Projeto Cidade, com o qual abre-se um caminho de amplo diálogo dentro da sociedade civil, das associações, das diversas formas de voluntariado e das instituições, por meio de iniciativas sociais, culturais, políticas. Um laboratório de fraternidade, dentro do qual é possível descobrir a beleza de pensar e trabalhar juntos por um projeto comum, com a coragem de enfrentar as grandes questões da humanidade, como o respeito da pessoa em todos os seus componentes, da vida e do ambiente, mas também a paz e a justiça, para tornar a comunidade do mundo mais vivível e mais bela.

<http://www.umanitanuova.org/>

Movimento Paroquial

Na sociedade da mobilidade e do digital, não se pode negar que, em muitas partes do mundo, a centralidade da paróquia esteja diminuindo. Contudo, nos últimos anos cresceu a consciência do seu valor, «a própria Igreja que vive no meio das casas de seus filhos e de suas filhas». Sim, porque «não é principalmente uma estrutura, um território, uma construção; mais do que isso, é a “família de Deus”» (João Paulo II, *Christifideles Laici*, 26).

Este é também o desafio do Movimento Paroquial, expressão do Movimento dos Focolares na Igreja local.

Estamos nos anos 1960. Numerosos sacerdotes párocos, ao entrar em contato com o Movimento dos Focolares, constataam que a espiritualidade comunitária que o caracteriza tem uma incidência em suas vidas, nas atividades pastorais e

em suas comunidades paroquiais. Muitos deles participam da audiência do dia 13 de julho de 1966, na qual Paulo VI os encoraja a levar o espírito da unidade às suas Igrejas locais. Em resposta a este desejo do Papa, Chiara Lubich funda o Movimento Paroquial.

Os membros dos Focolares que atuam a serviço da paróquia são convidados a animá-la, juntamente com as outras realidades presentes, integrando-se “com ardor na pastoral orgânica da Igreja particular” (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 29)

Trabalhando juntos é valorizada a contribuição de associações e movimentos, segundo o carisma de cada um a serviço do bem de todos. Cresce a abertura ao diálogo que tende a suscitar relações de comunhão fraterna entre todos e a sustentar iniciativas dirigidas ao diálogo com membros das diversas Igrejas ou comunidades eclesiais, com fieis de outras religiões e com pessoas de convicções não religiosas presentes no território.

O Movimento Paroquial está mais desenvolvido em numerosos países da Europa e da América Latina, mas está presente também na América do Norte, em várias nações da Ásia e da África.

Movimento Diocesano

Levar o carisma da unidade dentro das dioceses. Em poucas palavras poderia ser definido assim o objetivo do Movimento diocesano.

Este é composto por pessoas pertencentes à Obra de Maria, que contribuem para a renovação da vida e das estruturas da diocese, promovendo e alimentando uma unidade sempre mais profunda dos fiéis ao redor do bispo, suscitando relacionamentos de comunhão fraterna entre todos

e promovendo o diálogo entre as diversas realidades existentes na diocese.

Um movimento nascido da vida, como todas as outras expressões do mais amplo Movimento dos Focolares. O Movimento diocesano teve início em Ascoli (Itália), em 1973, com os acampamentos juvenis animados por um sacerdote focolarino, então encarregado pela pastoral juvenil da diocese.

Os comentários positivos sobre os dias vividos numa atmosfera de grande alegria, chegaram até o então bispo de Ascoli, d. Morgante, que encorajou o prosseguimento da atividade, tocado pela vida que encontrou. A experiência se repetiu na diocese de Teramo, em abril de 1976, onde o primeiro acampamento teve também a aprovação do bispo local, d. Conigli.

A atividade mais importante do Movimento diocesano é a formação de pessoas que vivam e saibam transmitir a espiritualidade de comunhão às comunidades paroquiais e diocesanas, mirando a realização da Igreja-comunhão, da qual fala o Concílio Vaticano II e os recentes documentos eclesiais. Para isso são promovidos encontros de formação, reuniões mensais, acampamentos de verão, congressos.

Nos anos sucessivos difundiu-se em outras quatro dioceses italianas. Atualmente o Movimento diocesano existe em seis dioceses italianas: Ascoli, Teramo, Fermo, Macerata, Pesaro e Perugia

Movimento Sacerdotal

O movimento sacerdotal é um dos setores de ampla difusão do Movimento dos Focolares, do qual assume a natureza, o espírito e as finalidades. Seu objetivo é difundir o espírito de comunhão no presbitério diocesano, nos seminários e nos vários âmbitos eclesiais, para contribuir à sua renovação

à luz do testamento de Jesus: “Que todos sejam um” (Jo 17,21). Fazem parte do Movimento sacerdotal não somente sacerdotes diocesanos, diáconos permanentes e seminaristas católicos, mas, nos modos apropriados a eles, também ministros de outras Igrejas cristãs e comunidades eclesiais. Fazendo própria a espiritualidade da unidade, os sacerdotes redescobrem a importância de serem antes de tudo cristãos autênticos. E tomam consciência da palavra de Jesus “Disto reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35), testemunho que precede qualquer atividade ministerial.

Resulta então um estilo de vida evangélico, que encontrou uma confirmação significativa nas instâncias que o decreto “*Presbyterorum ordinis*”, do Concílio Vaticano II propôs a todos os sacerdotes, e que o magistério pós-conciliar salienta.

Tendo como fundamento a caridade recíproca torna-se espontâneo colocar em comum bens materiais e espirituais; dar testemunho da unidade e da caridade pastoral; viver na alegria os conselhos evangélicos da castidade, pobreza e obediência; ter cuidado de si mesmo como dos coirmãos; tornar os ambientes da casa e da paróquia espaços de harmonia e de comunhão com todos; conduzir com zelo a própria formação permanente, para ser homens de diálogo; viver como membros de um só corpo, por meio de uma intensa comunicação com os coirmãos e com todo o povo de Deus.

Percebendo as exigências mais urgentes da Igreja, nos seus diversos campos pastorais ou “mundos eclesiais”, o Movimento sacerdotal organiza encontros e cursos internacionais e regionais, que oferecem os subsídios do carisma e da experiência do Movimento dos Focolares nos âmbitos da pastoral, como a evangelização, a catequese, a

formação, etc. Estes encontros são verdadeiras escolas de vida, proporcionando a ocasião de conhecer inclusive as significativas experiências dos setores leigos do Movimento no campo da juventude, da família, da economia, da saúde, etc.

Entre as principais diretivas de ação, assumidas nos últimos anos, destacam-se:

- a colaboração com outros Movimentos e Comunidades, e com os encarregados diocesanos pelo clero, para uma renovação da vida dos sacerdotes e da pastoral;

- a pregação de retiros espirituais para sacerdotes, diáconos e seminaristas, inspirados na espiritualidade de comunhão;

- Congressos internacionais:

- 2006 – “Igreja hoje”, com a presença de mil sacerdotes e seminaristas

- 2009 – “Existe um caminho”, com 500 seminaristas, em janeiro de 2009

- 2010 – “Sacerdotes hoje”, na conclusão do Ano Sacerdotal, na Sala Paulo VI, no Vaticano, com a participação de 4 mil sacerdotes. Com o patrocínio da Congregação para o Clero e organizado em conjunto com o Movimento de Schoenstatt, em colaboração com a Renovação Carismática Católica Internacional e outras realidades eclesiais.

- Curso anual para formadores nos seminários, durante o mês de julho, que se inspira num paradigma de comunhão para a formação.

- Diversas publicações, como o livro “Como o Pai me amou” (Cidade Nova, São Paulo, 2009), publicado em quatro volumes durante o Ano Sacerdotal, traduzido em 17 línguas; “Padres em um mundo em mudança” (de P. Coda e B. Leahy, Città Nuova, Roma 2010), fruto de um seminário internacional de estudo; além da publicação da revista eclesial “Perspectivas

de Comunhão”, cuja edição italiana tem uma tiragem de três mil cópias, trazendo um aprofundamento da espiritualidade da unidade e das perspectivas eclesiais que nascem dela. É editada também em inglês, espanhol, português, alemão e polonês.

Movimento dos religiosos e das religiosas

«De vez em quando – escreveu Chiara Lubich – através de uma pessoa, de um livro ou de um escrito, Deus nos faz encontrar um santo. Aos poucos parece que os santos se aproximaram da nossa Obra para encorajá-la, iluminá-la, ajudá-la». E ainda: «Se por um lado, somos conscientes que o carisma do nosso Movimento é útil a toda a Igreja, por outro estamos também convencidos que todos os carismas da Igreja são úteis a nós, filhos da Igreja. É característico da nossa espiritualidade aprender dos santos, tornar-nos seus filhos, para participar de seus carismas».

É um relacionamento de reciprocidade o que existe entre o Movimento dos Focolares e os antigos carismas, como se compreende pelas afirmações citadas, e por uma sempre mais compartilhada experiência de comunhão. Um caminho encorajado inclusive pela recente Instrução pontifícia sobre a vida consagrada, “Partir de Cristo”, que assim se exprime a esse respeito: «Do encontro e da comunhão com os carismas dos movimentos eclesiais pode brotar um enriquecimento recíproco. Os movimentos podem oferecer amiúde o exemplo do frescor evangélico e carismático, assim como o generoso e criativo impulso à evangelização. Os movimentos e as novas formas de vida evangélica, por sua vez, podem aprender muito do testemunho gozoso, fiel e carismático da vida consagrada, custódia de um patrimônio espiritual riquíssimo, de múltiplos tesouros de sabedoria e de experiência» (n. 30).

É compreensível, portanto, que os Movimentos dos Religiosos e das Religiosas sejam parte integrante da Obra de Maria, compartilhem seus objetivos e seu espírito, para contribuir na atuação da oração de Jesus «Que todos sejam um».

Dele podem fazer parte religiosos, religiosas, consagrados e consagradas de Institutos seculares, monges e monjas e jovens em período de formação, que de diversas maneiras mostram-se sensíveis e disponíveis a partilhar a espiritualidade e a finalidade da Obra de Maria, a participar de alguma de suas atividades ou apenas manifestar a própria estima, amor e ajuda. A sua ligação com a Obra é essencialmente de natureza espiritual.

Quem deles participa aprofunda a espiritualidade de comunhão, sentindo-a adequada à sua vocação para inserir-se na atualidade da Igreja, a vive, antes de tudo, favorecendo a comunhão dentro da sua comunidade e do seu Instituto, entre os carismas antigos e novos, e forja relações de unidade com todo o povo de Deus. Deseja atuar a indicação que, em 1996, João Paulo II dirigiu a um grande grupo de religiosas aderentes ao Movimento dos Focolares, vindas de todos os continentes: «A espiritualidade de comunhão que a Obra de Maria promove e cultiva, constitui uma dimensão essencial da vida cristã. Encorajo-as a crescer nela, a vivê-la em suas comunidades, nos diversos âmbitos de sua atuação».

Os religiosos e as religiosas desses Movimentos promovem todo tipo de iniciativas para incrementar o espírito e a cultura da comunhão, como dias de estudo, de intercâmbio e de testemunho; organizam congressos, semanas de espiritualidade, cursos de atualização, inspirados na espiritualidade da unidade e na eclesiologia de comunhão. Um dos eventos mais recentes foi “Carismas em Comunhão”,

realizado no dia 23 de outubro passado, em Assis (Itália) (vedi: www.carismiincomunione.it).

Os religiosos e as religiosas, definidos “especialistas de comunhão” (Plenária SCRIS 1978, Religiosos e Promoção humana, n. 24), buscam o diálogo da vida com todos; são sensíveis ao diálogo ecumênico, inter-religioso, com pessoas de convicções diferentes e com a cultura.

Num mundo fragmentado e dividido, o testemunho de amor recíproco vivido dado por eles, quer ser uma contribuição para que se realize a fraternidade universal, em comunhão com seus fundadores e fundadoras.

Mariápolis permanentes

O que é a Mariápolis? Literalmente "Cidade de Maria", é o encontro mais característico do Movimento dos Focolares: juntos, adultos e crianças, pessoas das mais diversas origens, encontram-se por vários dias para viver um laboratório de fraternidade, à luz dos valores universais do Evangelho.

Esta experiência original, que se repete em muitos países do mundo, tem como diretriz a "regra de ouro" que convida outros a fazer o que gostariam que fosse feito a si mesmos. São dias para experimentar como é possível viver na vida cotidiana, colocando a escuta, a gratuidade e o dom na base de cada relação.

História da Mariápolis

“E foi em Einsiedeln que entendi, vendo a basílica e seus arredores, do alto de uma colina, que no Movimento deveria surgir uma cidade, que não seria formada por uma abadia ou de hotéis, mas de casas, locais de trabalho, escolas, como uma cidade qualquer” – escreveu Chiara Lubich em seu diário, em março de 1967. Recordava assim o verão de 1962, na Suíça,

quando ela teve a primeira intuição do que são hoje as “mariápolis permanentes”, que constituem uma das realizações mais conhecidas do Movimento dos Focolares.

Montanhas Dolomitas (Itália), 1949: circunstâncias inesperadas fizeram com que o primeiro grupo de focolarinos e focolarinas fosse para as montanhas, para um período de repouso que em seguida demonstrou-se determinante para os futuros desenvolvimentos do Movimento. Nos anos seguintes repetiu-se a mesma experiência, quase sem que percebessem que o grupo aumentava cada vez mais. Não só moças, mas mães, pais, jovens e crianças, de todas as camadas sociais. Em 1951 estes encontros originais receberam o nome de “cidade”, uma cidade temporária, na qual a única lei era a caridade evangélica, que provocava entre os participantes uma fraternidade rica de comunhão material, espiritual e cultural.

A partir de 1952 começaram a participar também sacerdotes e religiosos das mais várias congregações, cujas diferentes espiritualidades resplandeciam e se harmonizavam ainda mais, na fraternidade comum. Em 1955 a cidade tomou o nome de Mariápolis, e desde então desenvolveu-se como um verdadeiro esboço daquela cidade de Maria que o Movimento deveria contribuir a erigir no mundo.

Durante o verão daqueles anos cinquenta, sobre as Dolomitas, viviam-se eventos extraordinários, mas que podiam durar somente o tempo das férias, ou no máximo alguns meses.

Mas foi justamente durante uma daquelas Mariápolis que Vincenzo Folonari, jovem de família abastada, conheceu o Movimento, e ficou atraído pela sua genuína espiritualidade evangélica. Ele doou ao Movimento tudo o que possuía, inclusive os bens recebidos em herança, entre os quais 80 hectares de terreno, sobre as colinas nos arredores de Florença.

Vincenzo morreu prematuramente, em 1964, e foi exatamente naquele ano, e naquele terreno, que começou a se concretizar a intuição que Chiara Lubich tinha tido dois anos antes, na Suíça: nasceu Loppiano, uma Mariápolis não mais temporária, mas permanente.

Os seus habitantes são atualmente 900, provenientes de 70 países dos cinco continentes. São focolarinos e focolarinas, famílias, jovens, leigos empenhados no social, sacerdotes, religiosos, algum bispo. Cidadãos que habitam um lugar salvaguardado pelo mandamento do amor evangélico: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Lá trabalham e estudam, dando um significado especial a cada ação cotidiana. A cada ano 40 mil pessoas a visitam.

Seguiram Loppiano outras Mariápolis permanentes, atualmente em diferentes estágios de desenvolvimento, no mundo inteiro. Cada uma delas apresenta uma característica peculiar, em harmonia com o ambiente social no qual nasce. Como Loppiano, também Montet, na Suíça francesa, possui o timbre da internacionalidade e a característica da formação. Ottmaring, na Alemanha, tem uma vocação mais ecumênica, como Welwyn Garden City, na Inglaterra, enquanto a Mariápolis de Rotselar, na Bélgica distingue-se pela particularidade da ecologia. Na Europa existem Mariápolis permanentes também na Polônia, Espanha, França, Irlanda e Portugal. Aquelas que estão no Brasil exprimem uma propensão ao engajamento social, enquanto em O’Higgins, na Argentina, são os jovens os principais protagonistas. Tagaytay, nas Filipinas, possui o timbre do diálogo interreligioso. A construção da unidade em uma sociedade multiétnica é típica da Mariápolis Luminosa, nos arredores de Nova Iorque, e da Mariápolis de Krizevci, na Croácia.

Na África a principal característica é a da inculturação do Evangelho. A primeira Mariápolis africana é Fontem, no coração da floresta camaronesa, onde o testemunho do amor concreto dado pelos focolarinos médicos chamados a cuidar do povo Bangwa, que sofria por muitas doenças e por uma grave mortalidade infantil, fez com que esse povo, e diversos outros povos vizinhos, tomassem o caminho da fé e da fraternidade. A mesma característica é visível também nas duas Mariápolis que estão no Quênia e na Costa do Marfim. Na América Latina estão em processo de desenvolvimento outras Mariápolis, no México (O Diamante), na Venezuela e no Chile. Na Austrália começa-se a edificar o Centro pela Unidade, nas proximidades de Melbourne.

Homens e mulheres que animam um lugar moderno, composto por lojas, centros de arte, ateliers, pequenas empresas, escolas, igrejas, locais de encontro e lazer. Um centro cosmopolita, onde as distinções de religião, cultura e tradição não são anuladas, mas valorizadas como meios de encontro com cada próximo, estreitamente unido aos outros pelo zelo em ver realizado o sonho de Jesus: “Pai, que todos sejam um, como eu e tu”.

RECONHECIMENTOS

Os Focolares na Igreja. A aprovação da Santa Sé

De modo quase imperceptível, no final dos anos quarenta o espírito dos Focolares superou as fronteiras da região trentina, com convites feitos aos focolarinos para irem a Milão, Roma, Florença, Sicília, etc. E, silenciosamente, floresceram comunidades cristãs como a que surgira em Trento, onde, após poucos meses eram cerca de 500 as pessoas comprometidas em viver o espírito evangélico, segundo o exemplo dos primeiros cristãos.

Mas exatamente naqueles anos de irradiação fervorosa, a Igreja começou a estudar o movimento com interesse. Foi um longo período de estudo e de aprofundamentos, de incertezas e dúvidas. Os anos cinquenta e o início da década seguinte foram vividos na incerteza de uma aprovação que parecia jamais chegar.

A espiritualidade nascente, que encontrava suas raízes nas Escrituras, salientava palavras pouco ouvidas antes do Concílio Vaticano II, como “unidade”, “Jesus em meio” à comunidade, “Jesus abandonado”, etc. Além do mais eram jovens leigas que procuravam viver as palavras do Evangelho, e não só lê-las e comentá-las, o que parecia “protestante”. E a prática da comunhão de bens, em função da ajuda concreta aos pobres, parecia “comunismo”. E ao invés, para elas tratava-se de viver como os primeiros cristãos, e que encontravam uma afinidade particular com os séculos da Igreja indivisa.

Assim, nos anos quarenta e cinquenta, sem o saber, o Movimento dos Focolares, tecia um fio invisível com as maiores correntes que atravessavam o mundo cristão, que seriam assumidas no Concílio Vaticano II. A atenção aos Evangelhos

encontrava-se em perfeita harmonia com o movimento bíblico; o desejo de viver pela unidade ligava os focolarinos ao movimento ecumênico (desde 1960). Depois, quando a conjuntura religiosa e social exigirá o diálogo com fieis de outras religiões e pessoas sem uma referência religiosa, eles já estavam prontos para isso. E ainda, ter nascido de uma leiga para leigos os fazia sentirem-se em plena sintonia com a emersão do laicato na Igreja.

Este novo ardor pela unidade será reconhecido e acolhido plenamente no seio da Igreja católica que, no ano de 1962, às vésperas do Concílio, aprovou a Obra de Maria ou Movimento dos Focolares, em seu núcleo central.

Foi uma primeira aprovação *ad experimentum*.

O Papa João XXIII também reconheceu o Movimento sob o nome de "Obra de Maria", escolhida pela própria Chiara Lubich.

Seguindo o desenvolvimento do Movimento e a modificação dos Estatutos Gerais, haverá novas investigações por parte da Santa Sé e novos reconhecimentos. A aprovação final dos Estatutos ocorrerá em junho de 1990.

O decreto de aprovação do Pontifício Conselho para os Leigos diz: "O Movimento se desenvolveu na fidelidade ao seu carisma e se expandiu, crescendo em maturidade. Assim, ela trouxe abundantes frutos espirituais à Igreja e um testemunho credível de unidade ao mundo".

Todos podem aderir ao Movimento dos Focolares. De fato, pertencem ao Movimento dos Focolares cristãos de várias igrejas, fiéis de várias religiões, pessoas que não se referem a nenhuma crença religiosa.

Reconhecimentos do mundo da cultura e da sociedade civil

A partir de 1995, os reconhecimentos a Chiara Lubich por parte de organismos internacionais, acadêmicos e civis se multiplicam. As motivações evidenciam, em especial, a contribuição à paz e à unidade entre os povos, religiões e culturas. Durante essas cerimônias públicas, de várias maneiras, Chiara Lubich aprofunda os diversos aspectos do carisma da unidade que o Espírito Santo lhe confiou, e a ele atribui os frutos de paz e unidade que são reconhecidos como seus.

Organismos internacionais

- Unesco – Prêmio Educação para a Paz 1996 (Paris, dezembro de 1996)
- Conselho da Europa – Prêmio Direitos Humanos 1998 (Estrasburgo, setembro de 1998)

Chefes de Estado

- Brasil – Ordem do Cruzeiro do Sul, do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso (Roma, outubro de 1998)
- República Federal Alemã – Grande Cruz ao mérito, do Presidente da República Johannes Rau (Roma, junho de 2000)
- República Italiana – Cavaleiro da Grande Cruz, do Presidente da República Carlo Azeglio Ciampi (Roma, junho de 2003)

Ecumenismo

- Da Igreja Anglicana – Cruz da Ordem de Santo Agostinho de Canterbury, dos primazes anglicanos Robert Runcie (Londres, 1981) e George Carey (Londres, 1996)

- Da Igreja Ortodoxa – Cruz Bizantina dos patriarcas ecumênicos Dimitrios I (Istambul, 1984) e Bartolomeu I (Istambul, 1995)
- Da Cidade de Augsburg (Alemanha) – Prêmio Celebração da Paz Augustana (entre luteranos e católicos) (Augsburg, 1988)

Diálogo inter-religioso

- Prêmio Templeton pelo progresso da religião (Londres, abril de 1977)
- Da Comunidade judaica de Roma – Uma oliveira pela Paz (Rocca di Papa, outubro de 1995)
- Do Fon de Fontem, rei dos Bangwa, Lucas Njifua, nomeação como “Mafua Ndem”, Rainha enviada por Deus (Fontem, República dos Camarões, maio de 2000)
- Dos Movimentos hindus de inspiração gandhista Shanti Ashram e Sarvodaya – Prêmio Defensor da Paz (Coimbatore, Índia, janeiro de 2001)

Doutorados Honoris Causa

- Polônia – Ciências Sociais – Universidade Católica de Lublin (junho de 1996)
- Tailândia – Comunicação Social – St. John University, Bancoc (janeiro de 1997)
- Filipinas – Teologia – Pontifícia Universidade Santo Tomás, Manila (janeiro de 1997)
- Taiwan – Teologia – Fu Jen University, Taipei (janeiro de 1997)
- EUA – Ciências Humanas – Sacred Heart University, Fairfield (maio de 1997)

- México – Filosofia – Universidade San Juan Bautista de la Salle, Cidade do México (junho de 1997)
- Argentina – Interdisciplinar – das 13 faculdades da Universidade Estatal de Buenos Aires (abril de 1998)
- Brasil – Humanidades e Ciências da Religião – Universidade Católica de São Paulo (abril de 1998)
- Brasil – Economia – Universidade Católica de Pernambuco (maio de 1998)
- Itália – Economia – Universidade Católica de Milão – Sede de Piacenza (janeiro de 1999)
- Malta – Psicologia – Universidade de Malta (fevereiro de 1999)
- EUA – Pedagogia – Universidade Católica da América, Washington (novembro de 2000)
- Eslováquia – Teologia – Universidade de Trnava (junho de 2003)
- Venezuela – Artes – Universidade Católica de Maracaibo (julho de 2003)
- Itália – Vida consagrada – Instituto ‘Claretianum’ – Pontifícia Universidade Lateranense (Roma – outubro de 2004)
- Grã Bretanha – Teologia – Hope University de Liverpool (janeiro de 2008)

Cidadanias honorárias

- Palermo (Itália), janeiro de 1998
- Buenos Aires (Argentina), abril de 1998
- Roma (Itália), janeiro de 2000

- Florença (Itália), setembro de 2000
- Genova (Itália), dezembro de 2001
- Turim (Itália), junho de 2002
- Milão (Itália), março de 2004
- La Spezia (Itália), maio de 2006
- Rocca di Papa (Itália), abril de 1995
- Pompéia (Itália), abril de 1996
- Tagaytay (Filipinas), janeiro de 1997
- Rimini (Itália), setembro de 1997
- Chacabuco (Argentina), abril de 1998
- Incisa in Valdarno (Itália), setembro de 2000
- Rovigo (Itália), dezembro de 2000
- Bra (Itália) junho de 2002
- Todi (Itália) novembro de 2005
- Osimo (Ancona – Itália), janeiro de 2008
- Jánoshalma (Hungria), fevereiro de 2008
- Outros reconhecimentos da administração pública
- Região Ligúria (Itália) – Prêmio pela paz e a solidariedade, dezembro de 2001
- Região Lombardia (Itália) – Prêmio Rosa Camuna, novembro de 2003
- Trento (Itália)– Águia ardente de São Venceslau, janeiro de 1995
- Bolonha (Itália)– Turrita de Prata, setembro de 1997

- Belém (Brasil) – Brasão das Armas de Belém, dezembro de 1998
- Brescia (Itália) – Grosso d’oro, outubro de 1999
- Alba (Itália)- Prêmio Cidade de Alba, setembro de 2000
- Castelgandolfo (Itália), Prêmio Cidade de Castelgandolfo, Cidade da Paz, abril de 2003
- Santa Maria de Capua Vetere (Itália) Prêmio S. M. Capua Vetere, Cidade de Paz, junho de 2003
- Frascati (Itália) Civis Tusculanus, setembro de 2004
- Mollens (Suíça) – Conferimento da “Bourgeoisie d’honneur”, do presidente da Bourgeoisie de Mollens e do prefeito de Mollens, agosto de 2007

Igrejas Locais

- Trento (Itália) – Medalha de ouro de São Virgílio – (janeiro de 1995)
- Eslovênia – Medalha dos santos Cirilo e Metódio – (abril de 1999)
- Brescia (Itália) – Prêmio da bondade Paolo VI – (setembro de 2005)

Entidades culturais

- Medalha de Honra ao Mérito– Universidade de São Paulo (USP), (São Paulo, abril de 1998)
- Placa de prata Cateriniana – Centro cateriniano de Sena, (Sena, setembro de 1987)
- Prêmio Casentino – Centro Cultural Michelangelo – cidade de Florença, de letras e artes, (Arezzo, julho de 1987)

- I Prêmio internacional Diálogo entre os povos, do Centro franciscano internacional de estudos, (Massa Carrara, Itália, outubro de 1993)
- Prêmio UELCI: Autor do ano 1995 – União dos Editores e Livreiros Católicos Italianos, (Milão, março de 1995)
- Prêmio civilização do amor pelo diálogo inter-religioso – Fórum Internacional Civilização do Amor, (Rieti, Itália, junho de 1996)
- Prêmio internacional Telamone pela Paz 1999 – Centro de programação social, (Agrigento, Itália, novembro de 1999)
- Prêmio Coração Amigo 1999 – Associação Coração Amigo, (Brescia, Itália, outubro de 1999)
- Prêmio “O Trentino do ano” – Associação cultural U.C.T. Homem-Cidade -Território, (Trento, Itália, junho de 2001)
- Prêmio Rotary Club, (Trento, junho de 2001)
- Prêmio Stefano Borgia pelo diálogo intercultural e interreligioso – Centro Internacional de estudos borgianos, (Velletri, Itália, novembro de 2001)
- Título de sócio honorário do Centro de Estudos Luigi Gedda (Roma, março de 2003)
- Instituição da Cátedra Livre “Chiara Lubich” – Universidade Católica “Cecilo Acosta” (Maracaibo, Venezuela, fevereiro de 2005)
- Lifetime Achievement Award – Family Theater Productions (FTP) de Hollywood (Montet, Svizzera, 16 luglio 2006)

- Prêmio Thomas Moro – Universidade Católica de Paraguay (Asuncion dezembro de 2006)

ESPIRITUALIDADE DA UNIDADE

A espiritualidade expressa por Chiara Lubich foi muito cedo definida uma espiritualidade “coletiva”, ou melhor, “comunitária”, isto é, em vista da unidade, do “que todos sejam um” (Jo 17,21). Ela se articula em doze pontos fundamentais, encadeados um ao outro:

1. Deus Amor
2. A Vontade de Deus
3. A Palavra
4. irmão
5. amor recíproco
6. Jesus Eucaristia
7. A Unidade
8. Jesus abandonado
9. Maria
10. A Igreja
11. Espírito Santo
12. Jesus no meio

Para Chiara Lubich, cada ponto da espiritualidade da unidade não é nunca a simples formulação de um projeto amadurecido em sua mente, uma reflexão ou um princípio de teologia espiritual. É, mais que isso, uma espiritualidade que exige uma adesão imediata, decidida e concreta, algo que suscita a vida.

No esplendor da história da Igreja, de seus indivíduos, de seus santos e comunidades, uma característica foi sempre constante: é a pessoa, individualmente, que se dirige a Deus. Isto resta verdadeiro também na espiritualidade da unidade, no sentido que a experiência que o indivíduo faz com Deus e em Deus é única e não se pode repetir.

Todavia, a espiritualidade trazida pelo carisma da unidade, confiado pelo Espírito Santo a Chiara, acentua, ao lado desta indispensável experiência espiritual pessoal, a dimensão comunitária da vida cristã. Não é uma novidade em absoluto. O Evangelho é eminentemente comunitário. No passado houve experiências que sublinharam o aspecto coletivo da peregrinação para Deus, especialmente as espiritualidades nascidas daqueles que colocavam o amor como base da vida espiritual. É suficiente citar o exemplo de São Basílio e suas comunidades.

Chiara Lubich traz a “sua” espiritualidade, um modo original, comunitário, de ir a Deus: ser uma só coisa em Cristo, segundo as palavras do Evangelho de João: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, estejam também eles em nós” (Jo 17,21). Em Chiara este torna-se um estilo de vida.

Uma “espiritualidade comunitária” havia sido preconizada por teólogos contemporâneos e é mencionada pelo Concílio Vaticano II. Karl Rahner, por exemplo, falando da espiritualidade da Igreja do futuro, a via «comunhão fraterna na qual seja possível fazer a mesma basilar experiência do

Espírito». O Vaticano II ao orientar a sua atenção sobre a Igreja como corpo de Cristo e povo reunido no vínculo do amor da Trindade.

Se Santa Teresa d'Ávila, doutora da Igreja, falava de um «castelo interior», a espiritualidade da unidade contribui para edificar um «castelo exterior», onde Cristo esteja presente e ilumine todas as suas partes.

INSTRUMENTOS DE UNIDADE

Oração

Espiritualidade e oração

Natalia Dallapicolla, a primeira jovem do grupo inicial, que seguiu Chiara Lubich em sua aventura no focolare, contava: «Uma noite, sentadas ao redor de uma mesa, o único móvel que tinha sobrado, à luz de vela, porque era preciso ficar no escuro, sem usar a luz elétrica, Chiara leu: “Assim como eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Disto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”».

«Aqueles palavras – prosseguiu Natalia – caíram como gasolina no fogo. Nós queríamos saber qual era o desejo mais profundo de Jesus, uma palavra que nos dissesse, de uma vez por todas, o que ele queria mesmo de nós. E esta era a palavra síntese, o eureka que procurávamos». E concluiu: «Então, antes de ir para a escola, para o escritório trabalhar, de ir comprar alguma coisa, até antes de ir visitar os pobres ou de rezar, é preciso que exista entre nós o próprio amor de Jesus, porque é isso que ele quer. Quando saímos de lá sentíamos que a nossa vida tinha mudado, possuía um sabor diferente, tinha encontrado o seu porquê».

A vida de oração pessoal é linfa vital para quem adere à espiritualidade da unidade. O relacionamento com Deus é fundamento de cada ação. Mas esta vida de oração é também uma experiência profundamente comunitária. Desde os cantos que se entoavam nas férias passadas juntos sobre as montanhas, nos anos cinquenta, aos moderníssimos musicais dos grupos Gen Verde e Gen Rosso; da participação ativa na liturgia ou nas orações, nas comunidades espalhadas pelo mundo, em todas as suas atividades os focolarinos atuam a “espiritualidade de comunhão”. Esta comunhão não se esgota

em uma oração intimista, mas tem reflexos na vida pessoal e social. Por exemplo, desabrocha uma medida elevada de justiça, uma necessidade absoluta de legalidade, como o setor “Comunhão e direito” busca testemunhar em diversas iniciativas.

Chiara Lubich escreveu: «Nós temos uma vida interior e uma vida externa. Uma é o florescimento da outra, uma é a raiz da outra, e é a copa da árvore da nossa vida.

A vida interior é alimentada pela vida externa. Quanto mais penetro na alma do irmão, na mesma medida penetro em Deus dentro de mim. E, quanto mais penetro em Deus dentro de mim, na mesma medida penetro no irmão.

Deus-eu-o irmão: é um grande mundo, um grande reino...»

E ainda: «Quanto mais cresce o amor pelos irmãos, mais aumenta o amor por Deus».

Deus não é um personagem distante

Deus não é um personagem distante, que pode ser aproximado somente preparando antes a antecâmara. Ele ouve aqueles que são particularmente pobres, particularmente pequenos, particularmente humildes com particulares atenções.

(Do livro Scelto per gli uomini, p. 113)

Quanto mais eu tenho coisas a fazer, tanto mais preciso de tempo para a oração. E então descubro uma coisa: quando eu emprego, “desperdiço” o meu tempo para permanecer em Deus, acontece uma espécie de “milagrosa multiplicação do tempo”; graças ao tempo doado a Deus, venho a ter mais tempo à minha disposição ou pelo menos, um tempo melhor, mais disponível, mais denso de amor a ser doado aos outros. O tempo se torna como um colar de pérolas, feito de muitos

momentos preciosos que estou em condições de viver, e de levar à sua plena realização no recolhimento e na dedicação aos outros.

(Do livro Scelto per gli uomini, pp. 109-110)

Poder-se-ia definir “grão de sal” do orar cristão o ponto em que a distinção que caracteriza o que é cristão se demonstra mais clara e evidente: o fato, isto é, de que na oração dirigida a Deus está sempre presente o irmão, o outro; o fato de que no dizer-eu do orante está sempre incluído um dizer-nós.

(Do livro Scelto per gli uomini, p. 114)

Talvez às vezes é bom não querer outra coisa senão permanecer em silêncio. Só então, de fato, notamos quantos fluxos de pensamentos, de impressões, de ideias nos atravessam. Somos como que imersos numa maré que sobe e que incessantemente nos afasta de nós mesmos, não permite que alcancemos a nós mesmos.

Para a oração não é determinante que atinjamos este absoluto silêncio. Ela pode até mesmo ser “justa” se, apesar de todos os esforços, não for bem. Com efeito, de algum modo compreendemos que também naquele fluxo indistinto, confuso, tão privado de perfeição e de integridade, eu sou, todavia, eu mesmo, eu que fui dado e abandonado a mim, eu, aquele que constantemente foge de si mesmo. E então podemos dizer: não eu tenho a faculdade sobre mim, não eu conheço a mim mesmo, não eu me possuo, mas tu, no eu mais profundo do meu eu mais íntimo, tu me conheces e me perscrutas, tu sabes quem sou e o que é bom para mim e me respondes com o teu sim, te diriges a mim dizendo-me: Tu.

(Do livro Das Wort für uns, pp. 91s.)

De: Klaus Hemmerle, "La luce dentro le cose, meditazioni per ogni giorno", Città Nuova, 1998.

Diálogo

A difusão mundial do espírito do Movimento dos Focolares ajudou a abrir várias formas de diálogo. O Movimento está empenhado no diálogo entre os Movimentos e as novas Comunidades dentro da Igreja Católica e no diálogo entre as diversas Igrejas e Comunidades eclesiais. A relação com os fiéis de diferentes crenças religiosas abriu caminho ao diálogo com as principais religiões. A colaboração entre crentes e pessoas sem referência religiosa deu lugar a um diálogo para contribuir para a fraternidade da família humana. Recentemente, iniciou-se um diálogo com o mundo da cultura.

Igreja Católica

A comunhão entre movimentos eclesiais e novas comunidades é uma realidade nova na história da Igreja, mas teve uma difusão rápida e capilar em todas as partes do mundo.

A história: Pentecostes 1998

No dia 30 de maio de 1998, véspera de Pentecostes, João Paulo II convoca, na Praça de São Pedro, em Roma, os Movimentos e novas Comunidades, para um testemunho coletivo. Um evento histórico, que reuniu, pela primeira vez, os membros e fundadores de movimentos.

Cada um deles é fruto particular de um carisma concedido pelo Espírito Santo à Igreja e à humanidade, para responder às necessidades do nosso tempo.

João Paulo II indicou, a essas novas realidades eclesiais, o lugar que têm na Igreja, definindo-as como expressões significativas do seu aspecto carismático, constitutivo da própria Igreja e coessencial ao carisma institucional.

Naquele dia falaram quatro fundadores: Pe. Luigi Giussani, Jean Vanier, Kiko Arguello e Chiara Lubich. Sabendo que o Papa desejava ardentemente que os movimentos estivessem em comunhão entre si, naquela ocasião Chiara Lubich prometeu a João Paulo II que se empenharia, com todas as forças, pela fraternidade entre os movimentos, sendo, o seu, o carisma da unidade.

O Movimento dos Focolares e os outros Movimentos

Desde o início do Movimento dos Focolares, e por caminhos muito variados, Chiara Lubich conhece algumas importantes personalidades carismáticas: Padre Leone Veuthey, da Cruzada da Caridade; Padre Patrick Peyton, fundador da Cruzada do Rosário em família; Padre Pedro Richards, do Movimento Familiar Cristão; o monge Werenfried van Straaten, fundador da Ajuda à Igreja que Sofre. E ainda o Movimento Carismático Católico, o Movimento Oásis, do Padre Virgínio Rotondi, o Movimento por um Mundo Melhor, do Padre Riccardo Lombardi.

Comunhão em ação

São abundantes os frutos amadurecidos nestes anos, especialmente graças às centenas de Jornadas realizadas em muitos países, seguindo o modelo de Pentecostes '98, com a participação, no total, de mais de 500 Movimentos e novas Comunidades, suscitando um crescente reconhecimento e apreciação dos bispos.

Essa comunhão realiza-se de várias formas: na oração de uns pelos outros; na coparticipação em projetos, inclusive em campo político e social; atua-se uma fraterna hospitalidade recíproca; participa-se das respectivas celebrações ou eventos; nos próprios meios de imprensa reserva-se um espaço a este diálogo.

Dessa maneira alimenta-se aquele amor mútuo que deve distinguir os relacionamentos entre os Movimentos e as novas Comunidades, o amor que sabe descobrir e valorizar a dádiva que cada realidade eclesial guarda em si, até amá-la como o própria, um amor que torna-se hoje um testemunho persuasivo, como no tempo dos primeiros cristãos: “Vejam como se amam e estão prontos a morrer uns pelos outros”.

Os impulsos de Bento XVI e do Papa Francisco

Oito anos depois do histórico encontro de 1998, Bento XVI volta a convocar os Movimentos e novas Comunidades à Praça de São Pedro, na vigília de Pentecostes 2006. Também ele está convencido de que essas novas realidades eclesiais são um presente providencial do Espírito Santo para a Igreja, para responder, de maneira eficaz, aos desafios do nosso tempo.

Na festa de Pentecostes de 2013 é a vez de Papa Francisco reafirmar a confiança nos numerosos membros de Movimentos eclesiais reunidos em Roma, projetando-os rumo às periferias existenciais e na missão evangelizadora da Igreja.

Já no 3º Congresso Mundial dos Movimentos, promovido pelo Conselho Pontifício para os Leigos, de 20 a 22 de novembro de 2014, o Papa indicara a eles a meta a ser alcançada: a maturidade eclesial. Como? Preservando o frescor do carisma, respeitando a liberdade das pessoas, buscando sempre a comunhão.

Em setembro de 2014, quando encontra os participantes da Assembleia Geral do Movimento dos Focolares, Papa Francisco afirma: “O Movimento dos Focolares encontra-se hoje diante da mesma tarefa que aguarda a Igreja inteira: oferecer, com responsabilidade e criatividade, a sua peculiar contribuição a esta nova estação da evangelização”.

Novos desenvolvimentos

Durante esses anos, o diálogo entre os Movimentos descortinou novos horizontes.

A comunhão com famílias religiosas nascidas de antigos carismas, iniciada com o encontro entre Chiara e a família franciscana, em Assis (Itália), em outubro de 2000, seguido pelo encontro com os beneditinos em Montserrat, na Espanha, em novembro de 2000. Movimentos eclesiais e famílias religiosas reencontraram-se ainda em Assis, no dia 23 de outubro de 2010.

Abriam-se ainda relações de conhecimento e de amor fraterno com Movimentos nascidos no âmbito de várias Igrejas cristãs. Desde o outono de 1999 os relacionamentos desenvolveram-se e consolidaram-se, com muitos contatos estabelecidos nas várias edições de “Juntos pela Europa”, a primeira em 2004, em Stuttgart, na Alemanha: uma contribuição à esperada edificação da “nova Europa do espírito”, para iluminar o seu caminho com a luz do Evangelho.

Novas pistas para os Movimentos eclesiais

III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, 20-22 de novembro de 2014. Comentário de Maria Voce

«Uma impressão imediata sobre o que viveu nestes dias? Tenho a impressão de que foi um encontro de verdadeira e

profunda comunhão. E isso emergia ainda mais se considerarmos o início, porque a partir de 1998 – quando o Papa são João Paulo II no sagrado da Praça de São Pedro, quase precisou pedir aos Movimentos para se colocarem de acordo, para se quererem bem, se conhecerem, estimarem-se, colaborarem – chegamos num nível em que não se percebia mais a qual Movimento cada um pertencia, tal era a fraternidade que reinava entre todos.

Era maravilhoso ver os Movimentos que surgiram recentemente procurarem aqueles mais antigos, não para serem controlados, mas para pedir ajuda, saber o pensamento deles, ter uma avaliação sobre as suas obras, para ver juntos como levar as coisas para frente. E os Movimentos mais antigos procuravam os Movimentos mais jovens, que surgiram recentemente, não tanto para ver se trabalhavam bem, mas para se alegrarem com o surgimento de uma nova vida. Todos se alegravam com os frutos uns dos outros e se experimentava que éramos uma única realidade na Igreja. Pareceu-me um passo importantíssimo, uma verdadeira comunhão, uma verdadeira fraternidade, na qual todos são irmãos, mais velhos e menores, mas todos irmãos.

Por isso, quando depois fomos juntos encontrar o Papa, ele percebeu este aspecto e o expressou no seu discurso; notava-se a sua alegria por ter participado desta comunhão, por ter experimentado esta comunhão que existia entre nós.

No fundo era este o dom que desejávamos dar-lhe: esta comunhão. E ele evidenciou muito essa comunhão no seu discurso, convidando-nos a incrementá-la e definindo-a como um selo do Espírito Santo. Foi uma confirmação e um forte estímulo para seguir em frente nesta direção. O Papa voltou a falar sobre a importância de sair, de não ficarmos no próprio

recinto. Esta é uma ideia fundamental, que permeia todos os seus discursos.

Perguntei-me: o que significa para nós, como Movimentos, este passo novo e o que devemos fazer para aplicá-lo? Sem dúvida, buscar ainda mais esta comunhão com a Igreja; porém, justamente porque chegamos a esta profunda unidade entre os Movimentos, talvez Deus nos peça agora para nos abirmos mais na direção dos Movimentos que pertencem a outras Igrejas, não católicas, porque também neste âmbito existem experiências muito significativas de pessoas que, como nós, vivem o Evangelho e que testemunham esta vida. Conhecê-los e nos abirmos mais poderia contribuir para a realização de uma comunhão mais ampla e, por que não, também para que se aproxime o momento da unidade de todos os cristãos? Esta poderia ser, talvez, uma pista a ser aberta.

Outro aspecto que desejo evidenciar é este: caminhar, na medida do possível, na direção de uma unidade mais vital entre “pastor” e “rebanho”. Estavam presentes muitos pastores, bispos, sacerdotes, que faziam parte ou não de Movimentos. Parece-me que a saída que Deus nos pede agora é a de realizar uma comunhão ainda mais profunda entre leigos e clero, seja com o clero que pertence aos Movimentos, que portanto já está profundamente unido ao próprio Movimento, mas talvez não ainda nesta comunhão horizontal do clero de todos os Movimentos; seja para buscar as formas mais apropriadas, sem separar a parte eclesial da parte leiga nos vários Movimentos e nem mesmo no seu conjunto».

Igrejas cristãs

Cristãos de cerca 350 Igrejas e comunidades eclesiais, pessoas firmemente ancoradas à própria Igreja e ao mesmo

tempo capazes de criar vínculos entre cristãos de Igrejas diferentes. Assim o Movimento vive o ecumenismo.

A finalidade. O Movimento deseja dar a própria contribuição para que caiam os muros que separam as Igrejas, abatendo preconceitos e construindo espaços nos quais os vários tipos de diálogo possam frutificar. O “diálogo da vida” é um desses espaços, onde os cristãos podem testemunhar que é possível viver juntos.

O alicerce. Está no Evangelho vivido à luz da espiritualidade da unidade. Cristãos de várias denominações, vivendo esta espiritualidade, sentem o desejo de reconhecer e aprofundar o patrimônio comum, e valorizar as fontes de vida espiritual que se encontram nas diversas Igrejas. A novidade consiste em sentir-se parte de uma família, cujos laços remontam ao mandamento de Jesus: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei, assim amai-vos uns aos outros. Disto todos saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34). Estar unidos neste amor de Cristo é um requisito para ter a presença de Jesus entre os seus (cf. Mt 18,20), que se tornou característica da vida ecumênica do Movimento dos Focolares.

Um novo caminho ecumênico. Após 50 anos do início do trabalho ecumênico do Movimento, se delineou o “diálogo da vida”, vera e própria fisionomia da contribuição que o povo de Deus pode dar ao processo de aproximação, para ajudar a recompor a plena e visível comunhão entre as Igrejas. Chiara constatava: “Cada Igreja, com o passar dos séculos, de certo modo petrificou-se em si mesma, pelas ondas de indiferença, de incompreensão, se não de ódio recíproco. É necessário em cada uma, portanto, um suplemento de amor. Aliás, seria

preciso que a cristandade fosse invadida por uma avalanche de amor” (Graz).

Os frutos. Multiplicaram-se no mundo e no tempo. Gradualmente o diálogo da vida tornou-se diálogo de povo. Hoje, no Movimento dos Focolares, contam-se cristãos de mais de 350 Igrejas e comunidades eclesiais. Entre estes estão também bispos, que todo ano reúnem-se para viver juntos o Evangelho e incrementar a comunhão em Cristo.

Surgiram “Escolas ecumênicas” ou cursos de formação ecumênica, na Europa, no Oriente Médio e nas Américas.

Em Ottmaring, nos arredores de Augsburg (Alemanha), ainda em 1968 nasceu uma Mariápolis permanente ecumênica, desejada pelo Movimento dos Focolares e pela “Fraternidade de vida em comum”, fraternidade evangélica que assumiu como própria a oração de Jesus pela unidade (cf. Jo 17). Atualmente cerca de 120 pessoas moram na Mariápolis. Seu objetivo é tornar visível a unidade e dizer a todos que esta realidade já é possível, entre cristãos de diversas Igrejas.

“Juntos pela Europa”. Em 1999 iniciou um caminho de comunhão entre Movimentos e comunidades de várias Igrejas, “Juntos pela Europa”. Está baseado sobre uma aliança de amor mútuo. Entre eles atua-se uma colaboração em favor do bem comum, do compromisso em defesa da vida, pela família, pela paz, pelos pobres, por uma economia justa e pela tutela ambiental, em resposta à mensagem final do congresso internacional que “Juntos pela Europa” realizou no dia 12 de maio de 2007 em Stuttgart, na Alemanha.

A história. Este diálogo tem suas origens em 1961, quando um grupo de evangélicos luteranos escutou pela primeira vez Chiara Lubich, em Darmstadt, na Alemanha. Ficaram tocados pela sua proposta, simples, mas radical, de uma vida alicerçada sobre a Palavra de Deus. Foi assim que, no

mesmo ano, após numerosos contatos e encontros informais, foi fundada uma secretaria para o ecumenismo, chamada “Centro Uno”, em Roma. Iginio Giordani foi o primeiro diretor e continuou neste cargo até a sua morte, em 1980.

Desde 1955, por meio de um arquiteto suíço, o Movimento se difundiu na Igreja reformada.

Os primeiros contatos com os anglicanos aconteceram antes do Concílio Vaticano II. Em 1966 Chiara Lubich encontrou o Primaz da Igreja da Inglaterra, Michael Ramsey. Todos os arcebispos de Cantuária, até o atual, Rowan Williams, encorajam a difusão da espiritualidade dos Focolares na Igreja anglicana.

Em 1967 ocorreu o primeiro encontro de Chiara com alguns dirigentes do Conselho ecumênico das Igrejas, em Genebra.

A história dos relacionamentos fraternos entre o Movimento dos Focolares e os ortodoxos tem suas raízes no encontro extraordinário entre Chiara Lubich e o patriarca de Constantinopla Atenágoras I. “Era o dia 13 de junho de 1967 – Chiara mesma conta –. Ele me recebeu como se sempre me tivesse conhecido. ‘A esperava!’, exclamou, e quis que lhe narrasse os contatos do Movimento com luteranos e anglicanos”. Foram um total de vinte e cinco as audiências de Chiara com Atenágoras I. Em seguida os relacionamentos continuaram com o Patriarca Demétrio I. E os contatos com o atual patriarca ecumênico, Bartolomeu I, prosseguem no mesmo espírito de estima e amizade. Entretanto a espiritualidade do Movimento foi acolhida por cristãos de outras Igrejas orientais, e o diálogo se desenvolveu com sírio-ortodoxos, coptas, etíopes, armênios e assírios.

Ecumenismo: O diálogo da vida

«Vindo aqui, explodiu algo. Explodiu esta ideia: realmente Deus nos deu um novo ecumenismo.

Antes havia o ecumenismo da caridade, isto é, o diálogo da caridade, como quando Atenágoras levava presentes ao Papa, e o Papa levava presentes a Atenágoras; como quando Ramsey levava presentes ao Papa, o Papa dava presentes... como um sinal de amizade.

Depois havia o diálogo da oração, onde todos rezamos juntos, sobretudo na Semana pela unidade.

E ainda havia o diálogo teológico, que está travado em muitas partes, também aqui na Inglaterra... está travado. Nós percebemos, sobretudo vindo aqui, que temos um quarto diálogo, uma quarta linha. O nosso diálogo é o diálogo da vida, o diálogo de um povo que já é católico, anglicano, luterano, reformado... de um povo que já está unido e que é um povo... É “o” povo cristão do ano 2000, de agora. Este é o nosso modo de fazer ecumenismo: despertar nos cristãos o seu instinto cristão, unirmo-nos, porque a garrafa está quase cheia, e fazer crescer este povo.

O Papa já nos tinha dito há anos: “Vocês são um povo”, mas ele o dizia referindo-se ao número. Agora quadruplicamos. Mas nós pensamos assim: que povo é? É o povo cristão. O povo... somos nós; somos nós.

Eu dizia outro dia, falando aos focolarinos, estavam presentes Lesley e Callan(*): “Mas quem me separará de Lesley e de Callan? Ninguém, porque Cristo nos uniu! Jesus no meio nos uniu. Ninguém nos separará!”. Pois bem, quem fala assim no mundo cristão em geral entre ortodoxos e católicos e luteranos? Todos seguem a sua linha. Todos seguem a própria Igreja, naturalmente; é preciso fazer assim. E cuidam das pessoas da própria Igreja, da própria corrente, da própria

denominação; mas quem diz: “Ninguém me separará, porque Cristo nos uniu”?

O fato é que Cristo nos uniu e fez de nós um único povo. Esta é a pequena “bomba” que explodiu aqui na Inglaterra. Caríssimos, muito obrigada pelos aplausos. Nunca agradeço os aplausos, mas é sinal de que vocês aceitam o que eu disse, que aceitamos».

Chiara Lubich, Londres, 16 de Novembro de 1996 – à comunidade dos Focolares da Grã-Bretanha e Irlanda

(*) Focolarinos anglicanos

Grandes religiões

No atual panorama mundial, que vive uma profunda transformação rumo a uma sociedade cada vez mais multicultural e multireligiosa, o Movimento dos Focolares está empenhado em promover o diálogo entre as religiões, a fim de que o pluralismo religioso da humanidade não seja causa de divisões e guerras, mas contribua para a construção da fraternidade e da paz no mundo.

Alguns milhares de seguidores de várias religiões partilham, por quanto é possível, o espírito do Movimento, colaborando com seus objetivos.

A sua difusão mundial proporcionou a abertura do diálogo com todas as principais religiões do mundo, através de relacionamentos com seus seguidores, mas também com líderes e membros de vastos movimentos. Já há muitos anos desenvolveu-se uma colaboração fraterna entre o Movimento dos Focolares e o movimento budista Rishsho Kosei-kai, que conta seis milhões de aderentes (Japão), com o movimento dos muçulmanos afro-americanos (USA) e com vários movimentos de inspiração gandhiana do sul da Índia.

A origem.

Em 1977, em Londres, Chiara Lubich recebeu o Prêmio Templeton para o Progresso da Religião. Narrou a sua experiência diante de personalidades de diversas religiões e teve a profunda sensação de que todos os presentes, embora de credos diferentes, fossem uma única família. Ao terminar, foram justamente os pertencentes às diversas tradições religiosas (budistas, muçulmanos, judeus, siks, hindus, etc.) que se congratularam calorosamente com ela. Era uma evidência de que a espiritualidade do Movimento podia ser partilhada não apenas por cristãos, mas, de alguma maneira, também por pessoas de outras religiões. Estas circunstâncias foram, para Chiara, um sinal de Deus, para perceber que o Movimento devia abrir-se ao diálogo com pessoas de qualquer tradição religiosa.

O alicerce.

O diálogo que o Movimento dos Focolares promove tem seus fundamentos na espiritualidade e, em especial no amor, como ponto central. Esta encontra um reflexo imediato nas outras religiões e culturas, graças à Regra de Ouro: “Faça aos outros o que gostaria que fosse feito a você”. É exatamente na atuação da Regra de Ouro que se estabelece um diálogo frutuoso.

Os efeitos do diálogo.

A redescoberta das próprias raízes religiosas, daquilo que nos une e a experiência viva da fraternidade, são alguns dos efeitos do diálogo realizado neste espírito de comunhão, que leva a construir a unidade da família humana. É reforçado o compromisso comum de ser atores da unidade e da paz, principalmente lá onde a violência e a intolerância racial e

religiosa buscam escavar um abismo entre os componentes da sociedade. Florescem significativas realizações humanitárias, feitas em comum.

Formação ao diálogo.

Uma escola permanente para a formação ao diálogo inter-religioso tem sede na Mariápolis permanente de Tagaytay (Manila – Filipinas), centro de encontro para a irradiação da espiritualidade na Ásia.

Judaísmo

Para os cristãos, o diálogo com os judeus é muito especial. João Paulo II falava de “irmãos mais velhos”, e Bento XVI de “pais na fé”, evidenciando os profundos liames existentes.

Os primeiros contatos do Movimento dos Focolares com membros da comunidade judaica, em vários países, remontam aos anos 1970 e 1980.

Em 1995 uma representação da Comunidade judaica de Roma doou a Chiara Lubich uma simbólica oliveira, em reconhecimento pelo seu empenho de paz entre judeus e cristãos, que foi plantada no jardim do Centro do Movimento, em Rocca di Papa (Roma).

Em 1996 realizou-se, em Roma, o primeiro congresso internacional entre judeus e cristãos promovido pelo Movimento. O tema centralizou-se no amor a Deus e ao próximo. Surpreendente notar a grande consonância entre a genuína tradição rabínica e a espiritualidade do Movimento. O ápice do encontro: um “pacto de amor e de misericórdia”, proposto por Norma Levitt, judia, de Nova Iorque, pela reconciliação entre cristãos e judeus de diferentes tradições.

O acontecimento mais significativo, no entanto, ocorreu em Buenos Aires (Argentina), por ocasião da visita de Chiara Lubich, em 1998. Chiara apresentou a espiritualidade da unidade evidenciando os pontos comuns com o patrimônio espiritual judaico. Um momento culminante foi a referência à Shoah: “O sofrimento inominável da Shoah e de todas as mais recentes e sangrentas perseguições, não pode deixar de produzir fruto. Nós queremos partilhá-lo com vocês, para que não seja um abismo que nos separa, mas uma ponte que nos une. E que se torne uma semente de unidade”. Desde então, celebra-se todos os anos a Jornada da Paz, na Mariápolis Lia, pequena cidade dos Focolares na província de Buenos Aires.

Outra etapa: o encontro com amigos judeus em 1999, em Jerusalém. Chiara, embora não podendo estar presente, respondeu às suas perguntas, lidas por Natalia Dallapiccola e Enzo Fondi, então corresponsáveis pelo diálogo inter-religioso do Movimento. Foi muito apreciada pelas pessoas presentes, entre as quais alguns rabinos, uma resposta sobre o porquê do sofrimento, que cita um passo do Talmud: “Aquele que não experimenta o encobrimento do vulto de Deus não faz parte do povo judaico” (TB Hagigah 5b).

Desde 2005 foram realizados quatro simpósios internacionais: os dois primeiros em Castelgandolfo (Roma – Itália), o terceiro em Jerusalém, em 2009. “Milagre” e “esperança” foram palavras frequentemente repetidas por todos, judeus e cristãos. Presente também a comunidade árabe local do Movimento. Todos queriam assumir o difícil desafio da unidade, “Caminhar juntos em Jerusalém”, como recitava o título do congresso. Foi comovente o momento do “Pacto de amor mútuo”, selado solenemente no Monte Sião, na “escadaria” onde uma tradição afirma que Jesus rezou pela

unidade, e no Kotel, Muro Ocidental, o chamado Muro das Lamentações.

Em 2011 o simpósio foi realizado em Buenos Aires. Na Mariápolis Lia, cristãos e judeus de várias correntes – ortodoxos, conservadores e reformados – trataram sobre o tema “Identidade e diálogo, um caminho que prossegue”. O programa foi muito rico de intervenções sobre várias disciplinas, como filosofia, antropologia, psicologia, pedagogia, direito e comunicação. Dias importantes não apenas pela riqueza de conteúdos, mas pela escuta recíproca e o intercâmbio de muitas experiências. Um participante judeu comentou: “Nestes dias de diálogo respeitoso, as diferentes correntes do judaísmo encontraram-se harmoniosamente”.

Passos ulteriores foram dados em 2013, em Roma, num encontro internacional no qual buscou-se entrar, ainda mais profundamente, uns na tradições dos outros.

Mas a principal característica desse frutuoso diálogo não são tanto os congressos, mas a vida compartilhada, a contínua interação das próprias experiências e pontos de vista, que se atua durante o ano inteiro, em muitas cidades da Europa, nas Américas e em Israel.

Budismo

O relacionamento com o mundo budista possui um significado especial na história do diálogo vivida pelo Movimento dos Focolares. Ainda que a fundadora, Chiara Lubich, já na década de sessenta tivesse intuído a possibilidade de construir uma fraternidade autêntica com pessoas de religiões e culturas diferentes, foi somente em 1979 que ela conheceu um líder de outra religião, o reverendo Nikkyo Niwano, fundador da Rissho Kosei kai. Nasceu uma amizade fundamentada numa profunda estima recíproca. Em 1981

Niwano a convidou para ir à Tóquio e falar da sua experiência a 12 mil budistas. Um momento histórico, início de uma experiência de verdadeira fraternidade. É uma relação que dura já há muitos anos, reforçada ulteriormente pela visita de Maria Voce a Tóquio, em 2010.

Abriam-se depois caminhos para o conhecimento e a colaboração com outras entidades da corrente Mahayana, no Japão e em Taiwan. São inesquecíveis os encontros com o Venerável Etai Yamada, da Escola Tendai. Chiara gostava de citar o lema do grande mestre Saicho: «Esquecer a si mesmo e servir os outros é o vértice do amor-compaixão», palavras que foram citadas inclusive por João Paulo II, por ocasião do encontro com representantes de outras religiões em 1981, em Tóquio. Atualmente existem relações frutuosas com a Escola Nichiren.

Não faltaram contatos com budistas chineses do mosteiro Fo Guan Shan e do mosteiro Dharma Drum Mountain.

No decorrer dos anos foram abertos os contatos também com o mundo do budismo Theravada. Graças a uma longa permanência na Mariápolis internacional de Loppiano (Florença – Itália), dois monges tailandeses – o Grã Mestre Ajhan Thong e Phramaha Thongratana – tiveram um contato vital com o cristianismo. Retornando ao seu país comunicaram as suas descobertas, convidando Chiara Lubich a dar o seu testemunho numa universidade budista e num templo, em Chiang Mai. O Grã Mestre Ajhan Thong, apresentando a fundadora dos Focolares, disse: «O sábio não é nem homem nem mulher. Quando acende-se uma luz na escuridão não se pergunta se foi um homem ou uma mulher que a acendeu. Chiara veio para doar-nos a sua luz».

De 2004 até hoje foram feitos alguns simpósios. Em 2004 e 2008 no Centro Mariápolis de Castelgandolfo, em 2006 e 2010, respectivamente em Osaka, no Japão e Chiang Mai, na Tailândia. O quinto, em ordem cronológica (28-31 de maio de 2012) reuniu participantes provenientes da Tailândia, Sri Lanka, Japão, Coreia, Taiwan, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça, Áustria e Itália. A variedade não esteve só na proveniência geográfica, mas também nas realidades religiosas representadas. De fato, entre os budistas estavam presentes monges e leigos da tradição Theravada e da Mahayana, e, entre os cristãos, representantes da Igreja Católica, da Comunhão anglicana e das Igrejas reformadas.

Entre os participantes desses encontros foi amadurecendo, com os anos, uma profunda confiança, que permitiu enfrentar o tema das Escrituras com abertura e sem mal-entendidos. O simpósio de Castelgandolfo teve a presença de Sua Eminência cardeal Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e da presidente do Movimento dos Focolares, Maria Voce.

Islão

Os contatos dos Focolares com fieis muçulmanos iniciaram na década de 1960.

Na Argélia, desde os anos 1970, desabrochou uma amizade profunda entre cristãos e muçulmanos, que se difundiu progressivamente na cidade de Tlemcen, fazendo nascer uma comunidade do Movimento dos Focolares quase inteiramente muçulmana, e que atravessou não apenas as barreiras entre Islão e Cristianismo, mas também os duros anos da guerra civil.

Esta experiência foi a base para oito congressos internacionais dos “muçulmanos amigos do Movimento dos Focolares”, entre 1992 e 2008.

Nos Estados Unidos, no final dos anos 1990, abriu-se uma nova página nas relações entre cristãos e muçulmanos. Chiara Lubich, mulher cristã, foi convidada pelo Imã W. D. Mohammed, líder carismático de muçulmanos afro-americanos, a dirigir a sua mensagem aos fieis reunidos na Mesquita Malcolm X, no Harlem.

Na conclusão daquele dia, em maio de 1997, o Imã afirmou: “Hoje, aqui no Harlem, em Nova Iorque, foi escrita uma página da história”. Os dois líderes fizeram um pacto de fraternidade que depois estendeu-se aos dois movimentos. Desde então realizam-se com regularidade, nos Estados Unidos, encontros de comunidades cristãs e muçulmanas, de brancos e negros, que miram construir a fraternidade universal, com uma influência sobre o bairro e a cidade. Estão envolvidas mais de 40 mesquitas e comunidades do Movimento dos Focolares, em várias cidades.

O caminho de aprofundamento entre a espiritualidade da unidade e o Islã teve algumas etapas importantes. No encontro para os amigos muçulmanos realizado em 2008, em Roma, com o título “Amor e Misericórdia na Bíblia e no Alcorão”, a palestra de Adnane Mokrani, professor muçulmano, sobre “Ler o Alcorão com o olhar da Misericórdia”, foi muito apreciada por todos os presentes.

Em 2010, realizou-se, em Loppiano, um encontro com a participação de cerca 600 pessoas, muçulmanos e cristãos. Numerosos foram os presidentes e Imãs de comunidades islâmicas da Itália. Como afirmou o Imã Layachi, o encontro foi um ponto de chegada e de partida de muitas experiências vividas em diversas regiões da Itália.

Em Tlemcen (Argélia) – considerada, em 2011, uma das capitais da cultura islâmica – foi realizado, em junho de 2011, o encontro dos muçulmanos do Movimento, com o lema “Viver a Unidade”. Os participantes, cerca de oitenta, provinham de dez países. A presença de professores muçulmanos foi muito valorizada, porque tendo como base a vida vivida, começaram a desenvolver temas sobre a espiritualidade da unidade do ponto de vista muçulmano.

Nas últimas décadas, com a imigração, cresceu a presença muçulmana na Itália. Em muitas cidades, de norte a sul da península, estabeleceu-se uma verdadeira amizade com muitos fieis e comunidades muçulmanas. Em Brescia, por exemplo, no dia 25 de novembro de 2012 reuniram-se cerca de 1300 cristãos e muçulmanos para um encontro intitulado “Percurso comuns para a família”, promovido em parceria pelo Movimento dos Focolares e várias associações e comunidades islâmicas. Em Catânia, no dia 23 de abril de 2013, aconteceu o congresso “A família muçulmana, a família cristã: desafios e esperanças”, que reuniu cerca de 500 pessoas num momento de diálogo.

Hinduísmo

Uma amizade calorosa, que leva à partilha de ideais, vida e sonhos, marca os primeiros contatos do Movimento dos Focolares com o hinduísmo, na Índia, a partir de meados da década de 1980.

Natalia Dallapiccola, testemunha dos primórdios dos Focolares, em Trento, e o Dr. Aram, expoente hindu, então um dos presidentes da WCRP (Conferência Mundial das Religiões pela Paz, da qual também os Focolares participam), estão entre os primeiros protagonistas deste diálogo.

Após a morte do Dr. Aram, o Shanti Ashram, juntamente com vários representantes de movimentos gandhianos no Estado de Tamil Nadu, convidou Chiara Lubich para ir à Índia, em janeiro de 2001, conferindo-lhe o Prêmio Defensor de Paz 2000.

Na motivação do prêmio lê-se: “Incansável a ação de Chiara Lubich em lançar as sementes de paz e amor entre todos os homens, reforçando continuamente a frágil realidade da paz sobre a qual se desenvolvem a prosperidade, o bem-estar, a cultura e a espiritualidade no mundo”. Na cerimônia, da qual participaram mais de 500 pessoas, hindus e representantes de outras religiões, Chiara falou de sua experiência espiritual, destacando os elementos comuns entre o Evangelho e as Escrituras Hindus. «Eu vim aqui para conhecer, permanecendo em silêncio o maior tempo possível – lê-se no diário de Chiara daqueles dias... Encontrei acima de todas as regras: a tolerância, o amor! Isso indica que há lugar para o nosso diálogo».

Na mesma ocasião, a prof. Kala Acharya do Instituto Cultural Somaiya Sanskriti Peetham, profundamente tocada pela atitude de Chiara, decidiu organizar, em poucos dias, uma reunião no Somaiya College de Bombaim, que contou cerca de 600 participantes.

Estes eventos marcaram o início do diálogo com os hindus tanto em Bombaim quanto em Coimbatore. Em Bombaim nasceu um diálogo profundo com professores universitários.

Para dar continuidade ao caminho percorrido, decidiu-se realizar simpósios em nível acadêmico. O primeiro em 2002, em Roma com o tema “O Bhakti e o Ágape, como caminho de amor a Deus e aos irmãos”. Esse encontro foi assim definido pela

prof. Kala Acharya, do Somaiya College de Bombaim: “Uma profunda experiência espiritual”.

Chiara Lubich viajou novamente para a Índia em 2003. No Centro da cultura indiana Bharatiya Vidya Bhavan, Natalia Dallapiccola tocou em um dos aspectos da arte de amar encontrada no Evangelho, o “fazer-se um” com o outro, como chave para o diálogo, citação Chiara: “Quando nos encontrarmos com o outro é necessário colocarmo-nos no mesmo plano, quem quer que ele seja. E isso exige desprendimento de tudo, até mesmo das riquezas da própria religião. Ao mesmo tempo, é preciso esvaziar o nosso íntimo completamente, para permitir que o irmão esteja livre para revelar seus pensamentos e para que sejamos capazes de compreendê-lo. Esse comportamento é muito importante e indispensável, e tem dois efeitos: ajuda-nos a nos inculturar no mundo daquele irmão, a conhecer a sua linguagem, cultura, fé etc. e, em seguida, predispõe o irmão para a escuta. Então, podemos passar para o “anúncio respeitoso” onde – por lealdade a Deus e sinceridade para com aquele próximo, sempre respeitando o pensamento do outro – dizemos o que nós pensamos e em que acreditamos, sem impor nada, sem querer conquistar pessoa alguma para as nossas ideias”. “É o começo de um caminho que nos levará longe” – comentou o prof. Dave, presidente honorário da instituição.

Essa experiência de diálogo destaca quanto havia dito o Papa João Paulo II justamente na Índia: “Através do diálogo fazemos com que Deus esteja presente no meio de nós, porque enquanto nos abrimos com alguém, no diálogo, abrimo-nos também com Deus. E o resultado é a união entre os homens e a união dos homens com Deus” (João Paulo II, in: Discurso para os representantes das religiões não cristãs da Índia, em Madras, 05 de fevereiro de 1986).

O diálogo com os movimentos gandhianos, que desde o início caracteriza essa experiência, continua em Coimbatore onde, anualmente, desde agosto de 2001, acontecem mesas-redondas que lidam e aprofundam aspectos espirituais e humanos em duas perspectivas: a gandhiana e a da espiritualidade da unidade. Desenvolve-se também a colaboração em projetos sociais e, em particular, a formação das novas gerações para a paz. Especialmente aumenta o conhecimento mútuo e cria-se, entre todos, um relacionamento de verdadeira fraternidade.

Religiões tradicionais

O primeiro encontro do Movimento dos Focolares com um grupo cultural ligado às religiões tradicionais aconteceu quando um grupo de focolarinos médicos chegou à República dos Camarões, nos anos 1960.

Em 1966 alguns médicos e enfermeiras dos Focolares entram em contato com o povo Bangwa, de Fontem, uma localidade no interior da floresta ocidental dos Camarões. O objetivo é comunitário: ajudar uma população atingida pela malária e outras doenças tropicais, com um índice de 90% de mortalidade infantil. Com a ajuda de muitas pessoas, e junto com os Bangwa, constrói-se um hospital, uma escola, uma igreja, muitas casas... tem início a primeira mariápolis permanente dos Focolares na África.

Chiara Lubich visita Fontem em 1969. Muitos anos depois, em 1998, recordará aquela viagem, falando a 8000 membros do Movimento, reunidos em Buenos Aires: “Eu estava em Fontem e ainda não havia a Mariápolis permanente, que hoje em dia é bastante grande, não sei quantas são as casas... Ainda não existia nada. Havia a floresta onde morava

uma tribo. Recordo que esses africanos, numa clareira, prepararam uma festa para mim (...). Naturalmente, era uma festa típica deles. As várias esposas do Fon, do rei, dançavam para mim, etc. Naquele vale, junto a todas aquelas pessoas que festejavam a minha presença, porque eu tinha mandado para lá os primeiros focolarinos médicos, eu tive a impressão de que Deus abraçava a todos, embora essa tribo não fosse cristã, pois a grande maioria era animista. Eu pensei: “Aqui Deus abraça a todos! É como na Cova da Iria, em Portugal, onde viram o sol descer e envolver todos. Também aqui Deus abraça a todos”.

Voltando daquela primeira viagem, Chiara respondeu assim aos jovens focolarinos da escola de formação, em Loppiano (Itália): Nós, ocidentais, somos muito retrógrados e se não nos despojarmos da mentalidade ocidental não conseguiremos viver em sintonia com os tempos de hoje, porque a nossa mentalidade representa uma parte, um terço, um quarto da mentalidade do mundo. Na África, por exemplo, existe uma cultura única, esplêndida, profunda! Deveríamos ir ao encontro das culturas. Não somos completos se não “somos humanidade”. Somos humanidade quando contemos dentro de nós todas as culturas.”

Por ocasião de outra viagem à África, em 1992, referindo-se à inculturação, Chiara afirma: Antes de tudo a arma potente é o ‘fazer-se um’, que significa? Significa aproximar-se do outro completamente vazios de nós mesmos, para entrar na sua cultura, entendê-lo e deixar que ele se exprima, até que você o terá compreendido interiormente; no momento em que o tiver compreendido é que poderá abrir com ele o diálogo e transmitir também a mensagem evangélica por meio das riquezas que ele já possui. O ‘fazer-se um’ que a inculturação requer é entrar na alma, na cultura, na mentalidade, na

tradição, nos costumes, compreendê-los e fazer emergir delas as sementes do Verbo.

Outro momento que assinala uma etapa importante na projeção do Movimento rumo ao diálogo com outros credos, é quando Chiara recebe, em 1977, o Prêmio Templeton, para progresso da religião. “Ela recorda isso, sempre em 1998, em Buenos Aires: “Estávamos em Londres, na Guidhall...e me pediram para falar nesta grande sala; estavam presentes pessoas de todos os credos...E ali [experimentei] o mesmo fenômeno, a impressão de que Deus abraçava todos...”

No ano 2000 Chiara visita Fontem pela última vez. O povo Bangwa, através do Fon, a entroniza como “Mafua Ndem” (Rainha em nome de Deus). É a primeira vez que uma mulher estrangeira e “branca” torna-se parte daquele povo. Em 2008, ano do seu falecimento, foi celebrado para ela um funeral próprio de rainha. Durante a escola de religiões tradicionais, organizada pelo primeiro focolarino bangwa, que precedeu o funeral, os focolarinos foram introduzidos na “floresta sagrada” (Iefem), um forte sinal de pertença a esse povo. Ainda naqueles dias, Maria Voce (atual presidente dos Focolares) foi reconhecida como “sucessora no trono”.

Na África tiveram início as “escolas de inculturação”, para aprofundar o conhecimento das várias culturas.

Na América Latina, as Mariápolis com o povo Aymara (Bolívia e Peru), e no Equador, com o povo afro de Esmeralda; a interessante experiência da “Escola Aurora”, no norte da Argentina, com uma ação de formação e recuperação das tradições culturais e religiosas das populações dos Andes, nos vales “calchaquíes”. E ainda, em outros pontos do planeta, como na Nova Zelândia, com os aborígenes maori.

Uma espiritualidade, em resumo, que mira não apenas à unidade dos cristãos, mas, por meio do diálogo, à unidade de toda a família humana.

Pessoas de convicções não religiosas

«Unir as nossas forças, de quem não está particularmente interessado na fé e de quem crê, porque é por demais belo e necessário o ideal de uma humanidade livre e igual, irmanada pelo respeito e o amor mútuo»

Chiara Lubich

Atualmente existem grupos de diálogo entre pessoas que creem e pessoas que não fazem referência a uma fé religiosa não só na Itália, mas em outros países da Europa e na América do Sul. Participam pessoas unidas pelo desejo de colaborar para que a família humana se componha na fraternidade. É um diálogo que se desenvolve com o aprofundamento e a promoção dos valores humanos, compartilhados na vida e na reflexão. Aprofundam-se temas como “laicismo e fé” ou de atualidade; realizam-se iniciativas sociais e culturais ou ações de solidariedade.

A história

No final dos anos setenta, com a difusão do Movimento, a abertura para com pessoas sem uma fé religiosa, como agnósticos, indiferentes e ateus, amadureceu ao ponto de exprimir-se em um diálogo com uma fisionomia própria, já que a unidade é também respeito profundo pelo homem, pela sua dignidade, identidade, cultura, pelas suas necessidades e por aquilo em que acredita. Por este motivo surgiu o “Centro internacional para o diálogo com pessoas de convicções não religiosas”, em 1978. Em 1992 foi organizado, no Centro

Mariápolis de Castelgandolfo (Roma), o primeiro congresso internacional, que desde então repete-se periodicamente. Em Loppiano, em 1995 houve o primeiro encontro com Chiara, e em 1998, em Castelgandolfo, o segundo.

Em dezembro de 2003 Chiara introduziu os cursos de aprofundamento, conduzidos em colaboração, nos quais são apresentados alguns pontos da espiritualidade do Movimento (por exemplo, a escolha de Deus Amor, fazer a vontade de Deus, a arte de amar e o amor recíproco) e temas correspondentes, de caráter leigo (a escolha dos valores e a escuta da consciência, a cultura da partilha, reciprocidade e solidariedade), potencializando os valores de cada pessoa e “afinando” a consciência.

O fundamento

É um diálogo de abrangência máxima, não pode ser setorial ou reservado apenas a alguns momentos ou ocasiões, porque nasce de uma abertura ao outro que se enraíza no íntimo do pensamento e do modo de agir. Dialogar, partindo de posições diferentes, só é possível se das duas partes existe:

- a consciência da própria identidade;
- o total respeito pelo outro e pela sua cultura;
- a reciprocidade de quem sabe que possui muito a dar e também a receber;
- a inesgotável paciência de escutar para compreender e confrontar-se com as razões do outro, consideradas sempre e de qualquer modo, um enriquecimento;
- a consciência que as convicções do outro tem dignidade plena, tanto quanto as nossas.

Noticiário

“Diálogo entre amigos” é um noticiário traduzido em cinco línguas, que favorece o intercâmbio de experiências e reflexões.

POR UMA CULTURA DA UNIDADE

Estudo e formação

“As pessoas que fazem parte do Movimento dos Focolares procuram possuir, antes de tudo, a sabedoria cristã (...). E ainda, buscam estar unidas entre si, a fim de que Cristo, presente pelo amor recíproco, possa impregnar seus pensamentos com a sua luz”. O primeiro e o último parágrafo do artigo 64 dos Estatutos do Movimento exprimem a raiz do pensamento de Chiara Lubich.

Todas as grandes correntes de espiritualidade possuem em si a capacidade intrínseca de provocar uma revolução cultural, graças a qual as intuições e as verdades compreendidas, traduzem-se em um corpo doutrinal que contribui para a formação do pensamento e da crítica, em cada instância do conhecimento. Assim é também para o carisma da unidade, cujo aprofundamento doutrinal está revelando uma original síntese cultural, onde os âmbitos do saber encontram a sua harmonia e coesão.

Mais uma vez é necessário recorrer à história, aos “primeiros tempos” na cidade de Trento. Chiara Lubich era apaixonada pela filosofia e a teologia. Ainda em 1944, inscrita na Universidade de Veneza, entendeu que por detrás do desenvolvimento do Movimento nascente, havia uma precisa exigência de Deus: colocar os livros no sótão. Chiara falou daqueles fatos em 1980: “Faminta de verdade, tinha vivido o absurdo de buscá-la através do estudo da filosofia, quando a podia encontrar em Jesus, verdade encarnada. E deixei de estudar para seguir Jesus (...), depois que tomei aquela decisão, que Deus me pedia, a luz chegou, verdadeiramente abundante”.

Deus, portanto, colocado em primeiro lugar, tornou-se o Mestre que fez com que Chiara, e a comunidade do Movimento que aos poucos crescia, descobrissem a realidade criada, e dentro dela também a inteligência do homem, como manifestação do amor de Deus.

Desse modo a experiência intelectual tornou-se uma das expressões e efeitos do amor por Deus e pelos próximos. Começou a ser forjado um pensamento que tinha raízes na vida e que, por sua vez, a alimentava.

E os livros foram retomados. Ainda em 1950 Chiara sentiu a necessidade de recomeçar a estudar: “sentia a exigência de apoiar as muitas intuições daquele período sobre uma base segura”. E o fez ajudada por muitos outros estudiosos, em especial Pe. Pasquale Foresi.

Nos anos seguintes alguns membros do Movimento iniciaram estudos em várias disciplinas científicas e humanistas. “Se aqueles que estudam vivem a espiritualidade da unidade, acontece que, pela presença do Ressuscitado no meio deles, cada disciplina se reveste de novidade, aquela que vem do Espírito”. Assim Chiara o explicitou, em novembro de 2000, ao receber um doutorado honoris causa, o décimo segundo, da Universidade católica de Washington D.C.

Um aprofundamento especial deu-se no campo teológico. Confrontando as verdades do carisma da unidade com o patrimônio da Igreja, confirmou-se a existência de uma espiritualidade certamente nova, mas que enxertava-se perfeitamente sobre os vinte séculos de vida do cristianismo.

O mesmo discurso vale hoje, para outras disciplinas. Colocando-se na escuta de tudo o que de positivo o pensamento humano já produziu na história, percebe-se o quanto existe de verdadeiro, bom e belo, nas várias culturas e diversos saberes. Um diálogo à altura dos tempos, um carisma

que é uma síntese perfeita entre continuidade e novidade, que renova a tradição e, dessa forma, demonstra a unidade e o progresso da história.

Confirmam tudo isso os 16 doutorados honoris causa conferidos a Chiara Lubich, por universidades de diversos países, no mundo inteiro, em: Ciências Sociais da Universidade de Lublin (Polônia); Teologia (Filipinas e Taiwan, 1997, Eslováquia 2003, Grã Bretanha 2008); Comunicações Sociais (Tailândia 1997); Ciências Humanas (USA, 1997); Filosofia (México, 1997); Interdisciplinar (Argentina, 1998); Ciências da Religião (Brasil, 1998); Economia (Brasil 1998, Itália 1999); Psicologia (Malta, 1999); Pedagogia (USA, 2000); Arte (Venezuela 2003) e, enfim, em Teologia da vida consagrada (Roma 2004).

O Movimento dos Focolares oferece aos seus membros estudos apropriados aos seus objetivos específicos. Existem Escolas para o conhecimento da teologia e da doutrina social da Igreja, a chamada Universidade Popular Mariana; Escolas ecumênicas e de ecumenismo; Escolas para o diálogo inter-religioso e Escolas para o diálogo com a cultura contemporânea. E enfim, particularmente preciosas e proféticas, para o contexto de interdependência em que vivemos, as Escolas para a inculturação.

Desde 1978 a revista “Abba” publica regularmente os resultados desses estudos. E desde 1991 está em atividade o Centro de Estudos do Movimento, a “Escola Abba”.

E enfim, o Instituto Universitário Sophia, em Loppiano, que desde 2008 oferece um mestrado em Fundamentos e perspectivas de uma cultura da unidade, com a duração de dois anos, e o relativo doutorado. O projeto formativo do Instituto é fortemente inovador, porque, como recordou Bento XVI, capta “o desafio para a universidade de hoje, o de fazer ciência

segundo uma razão aberta à questão da verdade e aos grandes valores inscritos no próprio ser (...) redescobrimo a unidade intrínseca que colega os diversos ambitos do saber”.

Escola Abba

Em 1990 surgiu a “Escola Abba”, um centro de estudos interdisciplinares do qual fazem parte cerca de trinta especialistas.

Desenvolveu-se com a contribuição do bispo Klaus Hemmerle, conhecido teólogo e filósofo, e de alguns focolarinos professores, inclusive de nível universitário, e tem o objetivo de aprofundar o carisma da unidade sob vários pontos de vista. Chiara Lubich a descreveu em 9 de junho de 2000, num encontro do Movimento, em Castelgandolfo:

«Desde os primeiros tempos do nosso Movimento, sempre houve a consciência de que o carisma da unidade é portador de uma cultura própria, que é, ao mesmo tempo, filha da tradição cristã e nova, pela luz que o carisma traz. Mas foi o crescimento do povo da unidade, a propagação do Ideal para além das próprias estruturas do Movimento dos Focolares, que evidenciou a especificidade dessa cultura, e que demonstrou ser necessário o seu aprofundamento doutrinal: teológico, mas também filosófico, político, econômico, psicológico, artístico, etc. É o que está fazendo aquela que denominamos “Escola Abba”».

Instituto Universitário Sophia

Definição

Promovido pelo Movimento dos Focolares, o Instituto foi constituído pela Santa Sé com decreto da Congregação para a Educação Católica, de 7 de dezembro de 2007.

Disponibiliza um mestrado em Fundamentos e perspectivas de uma cultura da unidade, com a duração de dois anos, e o doutorado correspondente.

História

O Instituto nasceu de uma intuição de Chiara Lubich que, desde jovem, desejava aprofundar o estudo como caminho para a verdade. Por isso inscreveu-se na faculdade de filosofia. Mas a Segunda Guerra Mundial destruiu todos os seus projetos pessoais, não permitindo que prosseguisse os estudos.

A sua busca da verdade é iluminada pelo Evangelho e transcorre no diálogo de amor operoso com Deus e com os homens, por meio dos acontecimentos e da história.

Está nesta experiência de conhecimento no amor que, ainda hoje, caracteriza a abordagem do Movimento dos Focolares à cultura e ao estudo, a origem da sua história.

Corpo docente

Provenientes de diversos países e tradições culturais são cerca de 30 os professores universitários e especialistas em várias disciplinas: teologia, filosofia, ética, direito, ciências políticas, economia, sociologia, medicina, psicologia, ciências naturais, matemática, ciências da comunicação, arte, linguística e literatura, ecumenismo e diálogo entre as religiões. Cada uma encontra um espaço vivo de relação com as outras, no qual são valorizados os vários métodos e diferentes conhecimentos, voltados à construção de uma visão integral do mundo.

Comunidade

O Instituto Sophia propõe-se, portanto, como uma comunidade de formação, de estudo e de pesquisa, para a qual

concorrem docentes, alunos e todo o pessoal, no exercício das respectivas competências e responsabilidades.

Sede

Localiza-se na Mariápolis permanente de Loppiano que, desde a sua fundação, em 1964, é lugar de formação para um estilo de vida baseado no Evangelho, para famílias, jovens e adultos. Nela existem atividades produtivas, sociais e culturais, e com os seus cerca de 900 habitantes, de 70 nações, constitui uma ocasião de encontro entre as culturas.

O Instituto Sophia encontra em Loppiano uma colocação adequada, com biblioteca, salas equipadas, atividades esportivas e culturais, alojamentos e refeitório. Mas este é também um espaço aberto, onde cada atividade ensina: do estudo aos serviços domésticos ou de jardinagem, assim como manter-se informados sobre eventos da atualidade ou transcorrer momentos de recreação sadia. E também as relações com as famílias e a acolhida aos visitantes e participantes de congressos, que se realizam com frequência, são ocasiões de aprendizado.

Além da sede central, em Loppiano, o Instituto prevê a abertura de sedes locais, em outros países, com âmbitos específicos de pesquisa.

Renovação de conhecimentos

Cultura

Em resposta à crise cultural que perpassa não apenas o ocidente, na transição histórica rumo a novos paradigmas culturais, a partir da espiritualidade da unidade estão se delineando novas linhas de pensamento, que abrem caminhos para uma cultura renovada.

Um desenvolvimento do carisma da unidade consiste também em dar início a um diálogo marcado pela reciprocidade, com o mundo da cultura em suas várias expressões e disciplinas: política, economia, arte, mídia, pedagogia, psicologia, sociologia, medicina, direito, arquitetura, ciências ambientais, esporte. É promovido pelas secretarias internacionais e por núcleos que estão surgindo em diversos países, por meio de encontros, seminários, encontros, fóruns, workshops, utilizando todos os meios de comunicação. Deseja-se dar o aporte de uma bagagem de ideias, de conteúdos culturais, mas também de experiências existenciais construtivas.

A finalidade. O diálogo é aberto a todos os que percebem a urgência dos desafios que temos diante de nós, para elaborar um pensamento e uma doutrina inspirados no paradigma da unidade, nos diferentes campos. O que não quer dizer unicidade, pelo contrário, sugere um discurso múltiplo, com todos os pensamentos, ideias, perspectivas, de ontem e de hoje, não somente para confrontar-se, mas para gerar um “produto cultural” inovador.

A proposta. As mensagens que provém da sociedade moderna evidenciam uma nova e crescente complexidade. A fragmentação em ato investe, de modo especial, o saber, as ideias, o pensamento. Os diversos mundos culturais não apenas deixam de interagir, mas se subtraem, se chocam ou chegam ao embate, fomentando divergências relacionais no tecido social e em nível internacional. Torna-se, portanto, necessário e urgente promover uma “cultura da unidade”, portadora de valores positivos, capaz de colocar no centro dos interesses culturais a pessoa humana na sua plena dignidade, na sua capacidade de relação e abertura à transcendência, como sujeito idôneo a doar ao nosso mundo um aspecto e uma

dinâmica mais conforme as aspirações dos indivíduos e dos povos.

A história. Tem suas raízes nos primeiros anos do Movimento dos Focolares e é marcada por três etapas entrelaçadas entre si, fases que Chiara Lubich sintetizou em três lugares emblemáticos do percurso sócio-cultural dos nossos tempos:

- Assis. A escolha de Deus na sua paternidade. Num primeiro momento, que durou decênios, Deus impulsionou os membros do Movimento a concretizar este amor em suas vidas.
- Paris. A busca da verdade. Num segundo momento, depois que tal estilo de vida havia sido bem determinado e verificado, os membros do Movimento foram levados a tentar extrair da vida e da espiritualidade, pessoal e comunitária ao mesmo tempo, a doutrina implícita nela: a sua verdade. Falando ao modo franciscano, era “Paris”, cidade dos estudos, que se acrescentava a “Assis”, cidade da vida. Mas jamais se temeu que “Paris” destruísse “Assis”. Ao contrário, a experiência de quase dez anos confirma como a luz da verdade ajuda sumamente a vida, a vida do amor.
- Hollywood. A comunicação da vida na sua positividade. Num terceiro tempo, aquele que estamos vivendo, percebe-se a exigência de manifestar não apenas a bondade de Deus, não só a verdade do Evangelho na cultura, mas também a beleza de Deus através de toda forma de saber humano. Esta época foi chamada com o nome de uma outra cidade, emblema da difusão e da

participação da existência e da pesquisa cultural: “Hollywood”. É uma fase que não anula Assis e Paris, mas as supõe, e que não pode existir sem as outras duas.

Reconhecimentos. As influências da espiritualidade da unidade nos vários âmbitos culturais foram reconhecidos, nos últimos anos, por numerosas universidades católicas e leigas, que concederam a Chiara Lubich doutorados honoris causa em diversas disciplinas.

Economia

O projeto – A **Economia de Comunhão (EdC)** surgiu em maio de 1991, após uma visita de Chiara Lubich ao Brasil, como uma resposta concreta ao problema social e ao desequilíbrio econômico, daquele país e do capitalismo em geral.

Dirigida primariamente às empresas, a proposta foi colocar em comum a riqueza produzida e fundamentar a dinâmica operacional sobre a comunhão e a fraternidade. Atualmente centenas de empresas, no mundo inteiro, inspiram-se na EdC, ao adotar uma governança centralizada na fraternidade, partilhando a riqueza produzida.

Os polos industriais – Típico da Economia de Comunhão é suscitar o surgimento dos chamados “polos industriais”, inseridos nas Mariápolis permanentes, pequenas “cidades de testemunho” do Movimento dos Focolares. Os polos construídos nestes anos (três no Brasil, e ainda na Argentina, Itália, Croácia, Bélgica e Portugal), estão mostrando uma economia onde produzir e trabalhar são, igualmente, expressões autênticas da lei evangélica do amor mútuo.

Objetivo – O projeto, na sua totalidade, tem como objetivo apresentar uma porção de humanidade “sem

indigentes”, ativando a reciprocidade em vários níveis: criando postos de trabalho a fim de incluir os excluídos do sistema econômico e social, difundindo uma “cultura da partilha” e da comunhão, suscitando iniciativas educativas e culturais, e intervindo em situações de emergência, com ajudas concretas e projetos de desenvolvimento, conduzidos em colaboração com a Ong AMU (Ação Mundo Unido). Tudo como aplicação e desenvolvimento da primeira intuição de Chiara, a divisão dos lucros em três partes.

A reflexão cultural – Desde o início a reflexão cultural – teses, artigos, monografias, encontros acadêmicos – acompanhou a experiência concreta, a dimensão vital seguiu ao lado dos estudos, dando lugar a uma reciprocidade entre teoria e práxis que constitui um dos aspectos mais característicos da EdC.

História, dados, cultura e notícias atualizadas podem ser encontradas no site www.edc-online.org

Política. MPPU – Movimento Político pela Unidade

O que è - O Movimento Político pela Unidade é um laboratório internacional de trabalho político feito em comum, entre políticos eleitos nos vários níveis institucionais ou militantes em partidos e movimentos políticos diversificados, diplomatas, funcionários públicos, estudiosos de ciências políticas, cidadãos ativos, jovens que se interessam pela vida da própria cidade e pelas grandes questões mundiais, e todos os que desejam exercer o próprio direito-dever de contribuir ao bem comum.

História - O MPPU tem suas raízes na história e no carisma da unidade, de Chiara Lubich. Entre as primeiras e exemplares testemunhas no âmbito político, o MPPU conta Iginio Giordani, uma das grandes figuras do século XX na Itália, membro da

Assembleia Constituinte e deputado na Câmara dos Deputados na primeira legislatura.

Oficialmente o MPPU foi fundado no dia 2 de maio de 1996, em Nápoles (Itália), por ocasião de um encontro entre Chiara Lubich e um grupo de políticos de diferentes funções e referências culturais.

Hoje o Movimento está difundido na Itália e em diversos países da Europa, da América do Sul e da Ásia.

Horizonte - O MPPU deseja contribuir para uma história de paz e de unidade entre os povos da terra, assumindo a fraternidade universal como princípio inspirador da ação política, para desdobrá-la em fatos, direitos e deveres, vendo sob esta ótica as estruturas institucionais locais, nacionais e internacionais.

No cenário interdependente que liga pessoas, grupos e nações, o MPPU privilegia instrumentos e itinerários de uma “política de comunhão”, nos quais a ação política coloca-se à serviço das expressões da socialidade humana e, através do diálogo, dá espaço a todos os passos positivos realizados pela humanidade, já alcançados e em desenvolvimento.

Iniciativas - No contexto das cidades e nas sedes dos parlamentos nacionais, nos órgãos de governo local e no debate político, o MPPU oferece espaços de encontro e de diálogo aberto a todos os sujeitos da política. Promove atividades e seminários, campanhas de sensibilização e congressos em nível internacional, onde os diversos aportes de pensamento e de experiência concorrem a buscar e experimentar novos caminhos para a solução dos problemas das comunidades civis.

Mira à participação, para fazer crescer uma cultura da cidadania fundamentada sobre valores partilhados e para

reforçar, com competência e coerência, as medidas de inclusão e da coesão social.

Uma específica atenção é reservada aos jovens, protagonistas de percursos formativos de compromisso cívico e de participação ativa e consciente à vida pública. Tais escolas de formação social e política constituem uma rede internacional, operativa em algumas dezenas de cidades da Itália, Argentina, Brasil e Coréia do Sul.

Ecologia. EcoOne – Rede internacional de agentes no campo ambiental e naturalístico

“EcoOne’ é uma iniciativa cultural promovida e sustentada por professores, pesquisadores e profissionais que atuam no campo das ciências ambientais, reunidos pelo desejo de enriquecer o próprio conhecimento científico com uma leitura humanista e sapiencial dos problemas ambientais.

Objetivo - EcoOne, atualmente, apresenta-se como uma rede internacional de agentes no campo ambiental e naturalístico. Homens e mulheres de todas as idades, culturas e religiões, que vivem as temáticas ambientais, animados pelo desejo de contribuir na busca de soluções.

Adotam um percurso intelectual que é marcado pela pesquisa de algumas teorias bem alicerçadas no campo do pensamento, da vida religiosa e social, como garantia, responsabilidade e sustentabilidade, que orientem o pensamento e ações nas temáticas ambientais.

Programa - O programa de pesquisa de EcoOne consiste, antes ainda de preparar soluções técnico-operativas, em individualizar um tipo de relação entre pessoa e natureza renovado e adequado à atualidade, que passe através da recuperação do significado das relações que ligam cada um de nós com a natureza. Esta é uma operação cultural, que os

compromete seja no campo do pensamento, seja na esfera religiosa e na descoberta – no próprio território – das tradições que marcaram culturalmente o passado pré-industrial dos povos, para poder descobrir neles elementos vitais de um relacionamento com a natureza rico de significados. Elementos vitais que, em sua riqueza simbólica, sapiencial, religiosa e artística, podem, ainda hoje, ser uma luz para enfrentar os desafios que a questão ambiental coloca.

Contatos: <http://www.ecoone.org/>

Direito

Comunhão e Direito é uma rede internacional que reúne estudiosos e operadores jurídicos. Seu título – Comunhão e Direito – tem um duplo significado: de um lado salienta o compromisso de colocar em comunhão conhecimentos e experiências das diversas atividades profissionais na área do direito. De outro, evidencia o desejo de olhar ao direito como meio necessário e eficaz para contribuir na transformação da vida de cada coletividade em autêntica comunhão.

Comunhão e Direito nasceu em 2001, resultado de uma intuição de Chiara Lubich, que promoveu a enunciação e o desenvolvimento da “cultura da unidade”, nos diferentes âmbitos do conhecimento.

Seu objetivo é difundir valores positivos e colocar no centro dos interesses culturais a pessoa humana na sua plena dignidade, na sua capacidade relacional e abertura à transcendência, como sujeito idôneo a doar ao nosso mundo uma fisionomia e uma dinâmica mais de acordo com as aspirações dos indivíduos e dos povos.

Comunhão e Direito percebe que também os juristas possuem a exigência da estar em relação, ainda que na

diversidade dos campos de trabalho e culturas nas quais estão inseridos.

Em várias partes do mundo estão se formando espontaneamente grupos que se reúnem periodicamente, para um intercâmbio de experiências impregnadas de esforços, conquistas e fracassos. Sustentam a promoção de um direito que, em primeiro lugar, quer favorecer a realização das pessoas e das comunidades onde vivem.

Em várias nações existem grupos de professores universitários que conduzem pesquisas acadêmicas, desenvolvendo um estudo sobre as relações e o princípio de fraternidade no direito. Delineiam-se pistas capazes de colocar em comunicação inclusive disciplinas diferentes, na busca de um fundamento comum onde inspirar-se. Procura-se assim dar uma resposta à exigência de um novo estilo nas relações humanas, que direcione à reciprocidade.

Uma atenção especial é dada aos jovens, estudantes universitários e recém-formados, prontos a lançar-se nas várias profissões. Anualmente é organizado, para eles, um seminário de estudos, num dos países da Europa. E periodicamente também um congresso internacional, do qual participam delegações de países não europeus. São ocasiões de abertura a uma nova visão do direito, não como um conjunto de regras, mas como caminho para construir relações positivas, instrumento para fazer emergir uma visão fraterna dos relacionamentos.

Contatos: <http://comunionediritto.org/it/>

Pedagogia. EDU – Educação Unidade

EdU – Educação Unidade reúne um grupo internacional de estudiosos e agentes do mundo da educação, com o objetivo de enunciar a teoria da educação que brota da experiência

espiritual, do pensamento e da vida de Chiara Lubich e do Movimento dos Focolares.

Objetivo - Refletir, recolher experiências, coordenar estudos e pesquisas no âmbito educacional sobre o significado da dimensão relacional baseada no mandamento de Jesus “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, a fim de que “todos sejam um”. É, portanto, objetivo de EdU, delinear os princípios de uma “Pedagogia da Unidade”, por meio de formas e categorias específicas, próprias da pesquisa e da reflexão no campo educativo, com uma atenção especial às contribuições provenientes de diferentes áreas culturais.

Iniciativas - Pedagogos, especialistas em Ciências da Educação e educadores, na busca comum por uma cultura fundamentada no amor mútuo e na unidade entre pessoas, grupos e povos, estão comprometidos em confrontar-se em pesquisas sobre a finalidade, os métodos e resultados educativos, através de grupos de trabalho científico, fóruns, publicações, seminários e congressos, dos quais os de maior destaque, em nível internacional, até o presente momento, são:

1º Seminário Internacional – Coordenadores EdU

Confrontar-se sobre o debate atual relativo às ciências da educação e sobre o risco de fragmentação que investe todos os âmbitos do conhecimento e da experiência, e partilhar o senso de uma nova centralidade da educação, foram os objetivos do 1º Seminário Internacional para coordenadores EdU: “Da fragmentação à unidade. O olhar do educador. O olhar da educação”, realizado em Castelgandolfo (Roma – Itália), de 21 a 23 de maio de 2004.

1º Congresso Internacional

Fazer voltar ao centro do interesse a relação entre educando e educador, entre educadores, entre grupos, entre

teoria e prática, foi o objetivo do primeiro Congresso Internacional, com o título “E como escola, uma cidade”, promovido por EdU – Educação Unidade. Foi realizado em Castelgandolfo (Roma – Itália), de 31 de março a 2 de abril de 2006.

2º Congresso Internacional

Refletir sobre a grande atualidade pedagógica do conceito de Chiara Lubich sobre a Arte de Amar, foi o objetivo do segundo Congresso Internacional, com o título “Educação, um ato de amor”, realizado em Cadine (Trento – Itália), dias 9 e 10 de outubro de 2010.

Sociologia

“Em toda parte o amor fraterno estabelece relacionamentos sociais positivos, aptos a tornar o consórcio humano mais solidário, mais justo e feliz. A nossa experiência, de mais de 60 anos, diz-nos que esses relacionamentos fraternos, vividos seja no cotidiano da vida pessoal, familiar e social, seja na vida das instituições políticas e das estruturas econômicas, liberam recursos morais e espirituais inesperados. São relações novas, cheias de significado, que suscitam as mais várias iniciativas e criam estruturas em favor do indivíduo e da comunidade”.

Da mensagem de Chiara Lubich ao congresso de **Social One**, “Relacionamentos sociais e fraternidade: paradoxo ou modelo sustentável?”, Castelgandolfo, 11 de fevereiro de 2005.

No carisma de Chiara Lubich, cuja contribuição a diferentes âmbitos sociais é reconhecida por várias universidades, católicas e leigas, encontram-se elementos com que os cientistas sociais podem enfrentar a necessidade que a própria sociologia tem de novas ideias, novas imagens e perspectivas. É a convicção de sociólogos e estudiosos do

serviço social que, unidos por esta ideia, reuniram-se no grupo internacional denominado Social One.

Inspirando-se e extraindo do carisma da unidade, Social One visa encontrar pistas de reflexão e de pesquisa e chaves de leitura e interpretação da realidade social, de modo a elaborar conceitos e modelos inovadores, que possam orientar as dinâmicas sociais rumo à realização de um mundo mais unido.

Social One desenvolve uma experiência de vida, estudo e confronto por meio de uma dinâmica dialógica de escuta e de abertura recíproca. Reflete sobre conceitos de aplicação sociológica como o respeito, o dom, a solidariedade, o ágape, entendido como amor fraterno e desinteressado, e nos últimos anos aprofundou de modo especial a temática do “agir agápico”, promovendo seminários e congressos internacionais.

O grupo permanente de estudos de Social One reúne-se regularmente em Roma e utiliza-se de um network mundial de estudiosos. Particularmente, a rede de Social One conta grupos de estudos constituídos na Itália, Bélgica, Argentina e Brasil.

Maiores informações: <http://social-one.org>

Esporte

Sportmeet é a rede mundial de desportistas e operadores do esporte, homens e mulheres de todas as idades, culturas, etnias, línguas e religiões, que vivem o esporte como realidade importante e positiva, no confronto consigo mesmos e com os outros, animados pelo desejo de contribuir, através dele, na construção de um mundo mais unido.

Fazem parte dela as mais diferentes categorias de pessoas apaixonadas pelo esporte: atletas de todas as modalidades, competitivos e não, praticantes de esporte amador, amantes do contato com a natureza e da atividade física praticada em ambiente natural, professores de educação

física, instrutores e técnicos de qualquer tipo e grau, docentes de ciências motoras, estudantes e graduandos nas várias áreas que dizem respeito à atividade esportiva, agentes sanitários com várias competências no campo do esporte, cronometristas, árbitros, juízes e comissários de competições, dirigentes de sociedades desportivas, jornalistas e agentes de mídia ligados ao esporte, administradores públicos e privados de instituições esportivas, comerciantes que atuam na área de esportes, e qualquer outra pessoa profissionalmente e culturalmente ligada à atividade motora.

Colaborar com Sportmeet significa simplesmente compartilhar o projeto, e não é pedida nenhuma outra forma de adesão, a não ser a partilha desse caminho. Sportmeet coloca-se em diálogo com cada pessoa ou realidade que comunga desses objetivos.

O site oficial de Sportmeet é uma das vitrines do projeto. Ele reúne e promove ideias, estudos, projetos e depoimentos daqueles que compartilham do mesmo espírito.

Medicina. Rede Internacional HDC – Health Dialogue Culture

(SAÚDE DIÁLOGO CULTURA) – Antes denominada Medicina Diálogo Comunhão, nasceu em 2003 e envolve profissionais da área da saúde de várias disciplinas, proveniências geográficas e culturais.

Inspira-se na Espiritualidade da Unidade, do Movimento dos Focolares, fundado por Chiara Lubich, em Trento (Itália) em 1943, e na cultura que dela está emergindo, em um diálogo construtivo com a cultura contemporânea, nas diversas áreas do conhecimento: política, economia, sociologia, direito, psicologia, saúde, arte, comunicação, ecologia, pedagogia, esporte...

Através de um encontro vital com a cultura científica, HDC quer contribuir na construção de uma Antropologia Médica que sustente uma concepção da ciência e da atenção à saúde baseada no constante respeito à vida, à dignidade, integridade e identidade de cada pessoa, em uma perspectiva de promoção da saúde tanto individual quanto social/comunitária. HDC propõe ser um “espaço” de reflexão cultural, sempre conectada com a prática e com as experiências profissionais nos diversos contextos, onde encontra ressonância e confirmação dos pressupostos teóricos e novas linhas de estudo e pesquisa.

Algumas etapas de HDCA

2001 – Primeiros Passos: Congresso Internacional – Roma (Itália): “A saúde do homem hoje: um equilíbrio possível”

Pontos-chave:

- Busca de respostas individualizadas às necessidades da saúde;
- Elaboração dos princípios universais, baseados na centralidade da pessoa.

2007 – Congresso Internacional – Roma (Itália): “Comunicação e Relacionamento em Medicina: novas perspectivas para o agir médico”

Pontos-chave:

- Papel da relação médico-paciente, entre os profissionais da saúde, entre os vários tipos de serviço, estruturas da rede;
- Modelos de aplicação e atuação nos vários países.

2011 – Congresso Nacional – São Paulo – Brasil: “Espiritualidade e Saúde na visão integral da pessoa”

Pontos-chave:

- Estratégias de aplicação da espiritualidade na prática profissional.

2013 – Congresso Internacional – Pádua – Itália: “Qual Medicina: entre globalização, sustentabilidade e personalização dos cuidados com a saúde”

Pontos-chave:

- Contribuir para a elaboração de um sistema de saúde adequado aos desafios atuais da medicina, através dos princípios propostos na “Carta Ética”: bem comum, respeito da pessoa, relacionamento, reciprocidade.

2014 – Congresso Latino-Americano – São Paulo – Brasil: “A saúde integral: desafios e prioridade na América Latina”

Pontos-chave:

- Propostas para um modelo de política de saúde para os Países da América Latina.

2015 – Summer-School – Lisboa – Portugal: “Saúde entre presente e futuro: desafios e responsabilidade para os jovens”

2016 – Summer-School – Praga – República Tcheca: “A evolução da biomedicina: desafios para a ética e o profissionalismo”

Nestes anos, vários eventos aconteceram em outras nações: Lituânia, Romênia, Polônia, França, Alemanha, Austrália etc...

Website: www.healthdialogueculture.org

Arte e espetáculo

As dimensões da beleza e da arte sempre tiveram a ver com o Movimento dos Focolares. Desde os primeiros tempos, nos anos quarenta, um fato era evidente: o carisma da unidade, em todas as suas ramificações e expressões, teria convidado homens e mulheres, de todos os tempos, a manifestar não apenas a bondade e a verdade de Deus, mas também a Sua beleza.

Em um discurso na Mariápolis de 1964, Chiara mesma afirmou: “Sendo que o mundo que nos circunda é distante de Deus e, muitas vezes, propenso a opor-se à Igreja (...), e como nós desejamos viver um cristianismo genuíno, é conveniente mostrar – sempre pela caridade – não só a bondade e a verdade da Igreja, mas também a beleza, com o modo de decorar e de vestir”.

A harmonia que se estabelece entre as pessoas, e que se exprime em todas as dimensões externas da vida, como efeito da unidade, é característica de um “povo” que vive segundo o mandamento do amor evangélico. Esta vocação à harmonia caracterizou a vida do Movimento em todas as fases de seu desenvolvimento. Com o passar do tempo ela não se limitou ao vestuário e à habitação, mas envolveu inclusive o âmbito artístico, ambiente naturalmente privilegiado para a transmissão da beleza.

“Sacia esta sede de beleza que o mundo sente, manda grandes artistas, mas plasma com eles grande almas, que com o seu esplendor encaminhem os homens ao mais belo dentre os filhos dos homens, Jesus!”.

Assim Chiara escreveu, em maio de 1961, no manifesto programático dedicado ao Centro Ave, que nascia naquele período, com o primeiro grupo internacional de artistas: Ave Cerquetti, Marika Tassi e Tecla Rantucci. Propuseram-se o trabalho de equipe como expressão da vida de unidade na arte; nele os valores espirituais e expressivos individuais poderiam fundir-se na doação recíproca, para tornar-se patrimônio comum.

Loppiano, 23 de dezembro de 1966: na Mariápolis permanente, recém-inaugurada, reuniam-se milhares de pessoas, e a música se fazia necessária, com cantos e danças que evidenciassem o espírito de acolhida e respeito recíprocos.

Chiara Lubich presenteou aos jovens, que haviam formado grupos musicais, uma guitarra e uma bateria. A dos rapazes era vermelha, a das moças era verde. As cores dos instrumentos deram nome aos dois grupos, atualmente conhecidos no mundo inteiro como Gen Rosso (vermelho, em italiano) e Gen Verde. Nesses nomes uniram a cor e a palavra Gen, e assim os dois grupos ligaram a própria atividade às novas gerações dos Focolares, que nasciam naqueles anos. Jovens de todo o mundo comprometiam-se com a realização de um projeto de fraternidade universal, inclusive no âmbito artístico, tão amado e particularmente próximo dos jovens. Em seguida vários grupos, de diferentes tendências e gêneros musicais, seriam compostos por eles.

Atualmente são numerosos os artistas, com diferentes linguagens artísticas e de várias partes do mundo, que trabalham e vivem assim: colocando em primeiro lugar a “mútua e contínua caridade” entre eles e o próximo, procurando doar ao mundo a beleza de Deus através do talento artístico. E o fazem nos laboratórios de pintura, nos palcos, nos estúdios, e assim por diante. Artes figurativas, música, teatro e espetáculo, poesia e literatura. A arte, vivida segundo o modelo evangélico, pode revelar as suas características peculiares para cada uma destas expressões.

Após os primeiros encontros para artistas aderentes ao Movimento dos Focolares, realizados nos anos setenta, deu-se a reviravolta. No mês de abril de 1999, durante um congresso internacional, lançaram-se as bases de uma “rede” de artistas comprometidos em iniciativas de toda espécie e consistência, sozinhos ou em grupo, nas mais diversas nações do planeta.

“A beleza salvará o mundo”, dizia Fëdor Dostoevskij. É o que cada artista experimenta quando procura “doar” ao outro as próprias intuições, as próprias descobertas, num

intercâmbio profundo de ideias e experiências, que demonstram a harmonia entre arte e vida.

É assim que se imprime na obra de arte aquela dimensão de eternidade, que dá credibilidade à sofrida e extraordinária inspiração de cada artista.

Mídia

O carisma da unidade, por sua natureza e definição, é “coletivo”, isto é, comunitário. A sua espiritualidade impulsiona aqueles que a vivem a caminhar para Deus não sozinhos, mas junto aos outros, com os outros.

“É o próprio espírito do Movimento que pede meios de comunicação. E isso pelo fato que nele vive-se, e ele propõe, uma espiritualidade não apenas pessoal, mas comunitária, coletiva”. Chiara Lubich pronunciou estas palavras no dia 5 de janeiro de 1997, ao receber um doutorado honoris causa em comunicações sociais, da Universidade de Bancoc. Naquela sede ela afirmou a importância de desfrutar a mídia da melhor maneira possível, fazendo-o por Deus, justamente porque os membros do Movimento, por serem chamados à unidade, possuem a profunda exigência de sentirem-se fortemente unidos.

Exatamente como numa família, onde, por amor, cada componente participa da vida do outro, no Movimento também se procurou, desde o início, compor essa família, usando todos os meios. “As notícias dos irmãos são um fortíssimo cimento de união” – escreveu Chiara Lubich – “Se esta circulação de notícias faltasse veríamos diminuir até a vida espiritual. As notícias são um elemento de estímulo e de recíproca edificação”.

São conhecidas as numerosas “cartinhas”, que Chiara Lubich utilizava para se comunicar com várias pessoas ou

comunidades do Movimento, nos primeiros anos, para buscar a unidade em tempo real com todos aqueles que acolhiam esta nova espiritualidade.

Outro meio de comunicação utilizado pelos Focolares desde o início foi um folheto que continha uma explicação espiritual e teológica de uma frase do Evangelho. Era a Palavra de Vida, atualmente traduzida em 86 línguas e idiomas, para alcançar milhões de pessoas, no mundo inteiro, através da imprensa, rádio, televisão e internet.

Em 1952 apareceu o primeiro gravador com fita metálica, e algum tempo depois uma máquina de filmar amadora. O desejo de partilhar tudo, de fazer com que o ideal da fraternidade chegasse até os últimos confins da terra, tornou-se uma prioridade absoluta. Os focolarinos perceberam isso também durante uma Mariápolis, no ano de 1956. Naquela ocasião surgiu a ideia de um periódico que pudesse manter ligadas as pessoas que aderiam ao Movimento, e que, de consequência, fosse também uma voz pública da nova espiritualidade. O primeiro número, mimeografado a álcool, teve 70 cópias, o segundo, 160. Cidade Nova conta hoje com 34 edições, em 22 línguas, impressas no mundo inteiro.

Em 1959, com a publicação do primeiro livro de Chiara Lubich, *Meditações*, nasceu a casa editora, coligada à revista. Em seguida surgiram outras publicações dedicadas às várias ramificações do Movimento, centros audiovisuais, sites internet.

Em 1980 começaram a ser realizadas conferências telefônicas periódicas, que ainda hoje, a cada dois meses, conectam na internet diversas capitais nos cinco continentes, para transmitir a todas as comunidades do mundo as notícias dos últimos acontecimentos. São momentos de unidade profunda, onde uma família, que já se estendeu por todo o

planeta, compartilha alegrias, sofrimentos e compromisso no ideal comum.

As grandes manifestações promovidas pelo Movimento – como os Genfest ou os Familyfest – são transmitidos via satélite e alcançam milhares de pessoas, no mundo inteiro.

Arquitetura

Também a arquitetura é chamada a dar vida e visibilidade a formas de convivência social marcadas pela partilha e a “facilitar” o diálogo e o encontro entre as pessoas. Com esta consciência surge na primavera de 2002: “Diálogos em arquitetura” que se propõe, como espaço de aprofundamento cultural e estímulo civil e profissional, a imaginar, projetar, construir espaços de comunhão e de reciprocidade na cidade contemporânea.

Nasceu com a ideia de criar um laboratório permanente de reflexão ao redor de temas da urbanística, da arquitetura, da relação entre espaço e sociedade. Envolve arquitetos, urbanistas, engenheiros, professores universitários, estudantes que, de vários modos, estão ligados às questões relacionadas com a cidade e do território, promovendo momentos de confronto, diálogo e aprofundamento, à luz das solicitações e intuições de Chiara Lubich.

A primeira fonte de inspiração são as Mariápolis permanentes, edificadas em várias partes do mundo pelo Movimento dos Focolares: laboratórios de convivência humana, de encontro entre culturas e religiões, de experimentação de novos modelos econômicos e de estilos de vida, inspirados na partilha. Laboratórios nos quais a espiritualidade da unidade deixa sinais visíveis, inclusive na relação entre construção e ambiente natural.

Algumas palavras chaves:

Habitar. A arquitetura e a planificação têm, em seu âmago, os problemas do habitar, do construir.

“Lugares”. A função do arquiteto, compreendido como alguém que ajuda as pessoas a realizarem a necessidade elementar de “chegar em casa”, de apropriar-se de um espaço.

Periferias. A atenção e o estudo sobre a cidade contemporânea leva-nos a concentrar a atenção sobre as suas porções mais atingidas pela pobreza, a degradação, a marginalização social, e a procurar soluções a fim de que todos os cidadãos tenham acesso a iguais condições, num exercício constante de abertura à esperança.

Participação. Como método de projeção participativo, que prevê uma notável atenção ao desenvolvimento da vida e à sua contínua geração, à escuta de seus cidadãos, que se configura como um “pacto” entre todos aqueles que, de alguma forma, trazem no coração a realização do projeto.

Diálogo. Como tensão poética atenta à relação entre os cheios e os vazios, entre cores e materiais, entre luz e sombra, entre terra e céu, entre paisagem e incursões urbanas, entre espaços internos e externos, voltada a valorizar a dimensão “dialógica”, fundamental e constitutiva do viver.

“Diálogos em arquitetura” promove ocasiões de discussão e intercâmbio entre estudiosos e projetistas, na Itália e em outras partes da Europa e do mundo.

Em 2006 promoveu o Seminário Internacional “Habitar a cidade”, 9 a 11 de junho, em Loppiano (Incisa Valdarno, Firenze).

Psicologia

Em fevereiro de 1999, a Universidade de Malta concedeu a Chiara Lubich o título honorário de psicóloga, destacando que a sua doutrina oferecia "uma chave hermenêutica original ao sujeito humano, tendo fornecido um modelo de vida caracterizado, de um lado, pelo equilíbrio entre o respeito à individualidade da pessoa e a reciprocidade das relações interpessoais e, de outro, pela avaliação positiva da dor e do negativo na história pessoal e coletiva". Deste modo, ajudou a cultivar uma visão integral da pessoa humana no campo da psicologia".

Na era da pós-modernidade, enquanto o homem está se curvando sobre si mesmo, a psicologia faz sua a convicção de que a mente tem um caráter relacional, e que a relação com os outros funda e dá sentido à identidade psíquica de cada indivíduo. A experiência intersubjetiva revela-se constitutiva do homem e as interações que favorecem o reconhecimento mútuo são vistas como fundamentais para o desenvolvimento funcional da personalidade. Na dinâmica relacional, de fato, o "eu" que se abre ao outro de modo gratuito retorna a si mesmo enriquecido pela contribuição do outro.

O interesse nesta abordagem original é expresso por centenas de profissionais e acadêmicos de vários países. É nesta perspectiva de reflexão que se move "Psicologia e comunhão", com a intenção de conjugar as aquisições dos estudos psicológicos atuais com os pressupostos e as práticas próprias do Movimento dos Focolares.

ENGAJAMENTO SOCIAL

A ação social do Movimento dos Focolares, pela universalidade do seu carisma, concretiza-se em qualquer lugar e ambiente.

Ainda na década de quarenta, durante a Segunda Guerra Mundial, Chiara Lubich e suas primeiras companheiras, em Trento, sanaram feridas físicas e morais, deram o necessário aos pobres, recompuseram famílias e acolheram os “últimos” e os marginalizados da sociedade, doando-lhes escuta e solidariedade.

“Por outro lado, o Evangelho diz que quem quer seguir Jesus deve deixar tudo o que tem e dá-lo aos pobres... É o primeiro passo necessário para segui-lo”. Em 1962, Chiara explicou assim o germe daquela revolução que despertou, nas primeiras focolarinas, o desejo ardente de amar a Deus, e que se concretizou no amor ao próximo.

De fato, uma das primeiras intuições espirituais de Chiara Lubich, nos primórdios do Movimento, foi a compreensão de Deus como Amor. “Ao amor não se pode responder senão com o amor; e o amor a Deus, como resposta ao seu amor por nós, concretizou-se imediatamente em amor ao próximo. Quem quer que fosse a pessoa que encontrávamos na vida, tornava-se objeto da nossa atenção, dos nossos cuidados e esmeros”, assim ela escreveu em 1979, recordando aquela maravilhosa experiência.

Foram anos intensos, durante os quais as primeiras focolarinas não mediram esforços em percorrer a cidade de um lado ao outro, para levar ajuda a quem necessitava. Ainda hoje recorda-se que, naqueles anos, sentavam-se à mesa “um pobre e uma focolarina, um pobre e uma focolarina”.

No início, as circunstâncias da guerra fizeram com que as jovens direcionassem a sua ação principalmente aos mais pobres. Estavam convencidas de que atrás daqueles rostos enfraquecidos e repugnantes, escondia-se o rosto de Jesus. Com o crescimento da comunidade, cresciam também as possibilidades de ajuda e socorro a qualquer pessoa que sofria. Um trabalho que continuou por meses. Por causa desta pequena, grande revolução social, foi natural, em seguida, advertir a necessidade de dirigir-se não somente aos pobres, mas à humanidade inteira. “Havia quem precisava matar a fome, a sede, vestir-se, mas também quem precisava ser instruído, aconselhado, suportado, quem necessitava de oração”. Começava-se a perceber toda a potência que o carisma da unidade trazia consigo, gerando efeitos sobre os aspectos terrenos da existência.

Esta vida, feita ao mesmo tempo de ação e contemplação, desde o seu surgimento atraiu pessoas de qualquer categoria social. Entre estas, Igino Giordani: jornalista, deputado e escritor, considerado cofundador do Movimento.

Giordani foi o primeiro a intuir a influência que o carisma teria nos diversos âmbitos da sociedade. Por causa dele, e depois dele, são hoje milhares as pessoas que encontraram a possibilidade de concretizar o amor evangélico em cada atividade humana, estando no meio de todos, nas casas, nos hospitais, nas escolas, nas repartições, nas fábricas, nas associações, no voluntariado; e também nos condomínios, nas ruas, assim como na política, na economia e nos teatros.

Em toda parte a estratégia é a mesma: atuar um projeto de fraternidade, que é o fim mas também o meio da ação; é a práxis, mas também a doutrina à qual é necessário sempre retornar, para valorizar e engajar o profissionalismo e as

competências de cada pessoa que, articuladas em rede, podem circular para o bem comum.

E assim nasce uma comunidade que “é povo de Deus”, um povo que, por Ele, está imerso nos problemas de todos, pode carregar as feridas e as situações críticas presentes em cada ambiente, em cada cidade e bairro.

Nasce na sociedade a possibilidade de um diálogo entre pessoas que acreditam na contribuição preciosa que a diversidade pode dar à harmonia e à composição dos interesses, e que abre o caminho para soluções novas, concretas, e, na maioria das vezes, inesperadas.

ACTIVIDADE EDITORIAL

Revistas e editoras

A unidade é a nossa aventura. É uma aventura que requer duas coisas: antes de tudo uma meta que se deseja alcançar, mas da qual ainda não se conhece toda a amplitude; e pessoas que dediquem a isso as próprias energias, o coração, a mente, a fé.

O Grupo Editorial Cidade Nova, fundado por Chiara Lubich em 1956, e expressão do Movimento dos Focolares, quer olhar à humanidade com a visão da fraternidade universal e contar, dia a dia, a aventura de “um povo nascido do Evangelho”, que vive para tornar visível e real o ideal de um mundo mais unido.

As 22 editoras e as 37 edições da revista Cidade Nova, publicadas em todo o mundo, estão unidas por este único objetivo.

Cidade Nova, revista mensal do Movimento dos Focolares, propõe uma visão dos acontecimentos, das pessoas e dos fenômenos sociais, na perspectiva da unidade. Com uma sensibilidade particular pelos sinais dos tempos, a revista é atenta à comunhão dentro da Igreja católica, ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso e com pessoas sem convicções religiosas. Cidade Nova é uma expressão da espiritualidade e das propostas culturais, sociais e econômicas do Movimento dos Focolares, fundado por Chiara Lubich.

«Nuova Umanità», que no Brasil tem o nome «Revista Abba», há trinta anos é a expressão da cultura do Movimento dos Focolares. Fundada por Chiara Lubich em 1978, é publicada pela Editora Cidade Nova, é bimensal e reúne estudos e aprofundamentos de todas as disciplinas humanísticas.

É, primordialmente, a revista da Escola Abba, o Centro de estudos internacionais dos Focolares, que reúne estudiosos de diversas matérias a fim de aprofundar os conteúdos culturais do carisma da unidade. A revista publica também os resultados das pesquisas que provêm das diversas Escolas promovidas pelo Movimento, em especial nos campos do diálogo intereclesial, ecumênico, entre as religiões e as culturas; além disso, exprime as novas perspectivas de pensamento abertas pelo carisma da unidade no campo social, econômico, político, das profissões.

«Unidade e Carismas», com formato monográfico, enfrenta diferentes temas de espiritualidade, partindo da sabedoria evangélica, da luz carismática que brilha na Igreja atual e da sua vivência. É composta por artigos doutrinários, testemunhos de santos e santas de todos os tempos e experiências de religiosos e religiosas de hoje. Deseja favorecer a unidade entre todos: religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, de modo que a diversidade dos dons e dos carismas componha-se em harmonia. É publicada em oito edições: italiana, francesa, inglesa, polaca, brasileira, eslovena, espanhola e alemã. A distribuição é feita unicamente por assinatura.

«Sophia – Pesquisas sobre os fundamentos e a correlação dos conhecimentos», é uma publicação semestral acadêmica, expressão da pesquisa desenvolvida no Instituto Universitário Sophia, do qual recebe o nome – “Sophia”, Sabedoria – e cujo subtítulo – “Pesquisas sobre os fundamentos e a correlação dos conhecimentos” – quer explicitar o específico perfil que a caracteriza e compromete: trata-se de pensar o significado e a contribuição das disciplinas científicas, previstas na análise e no ensino de Sophia, no horizonte sapiencial de vida e de luz e no

diálogo interpessoal e interdisciplinar, notas específicas de seu projeto e programa.

As contribuições dos autores passam da teologia bíblica à teologia sistemática, da filosofia política à economia política, da epistemologia e cosmologia à lógica e aos fundamentos da matemática.

«Perspectivas de Comunhão» – Para um aprofundamento da espiritualidade da unidade e das perspectivas eclesiais que nascem dela. Revista bimestral, dirigida especialmente a sacerdotes e seminaristas, em várias línguas.